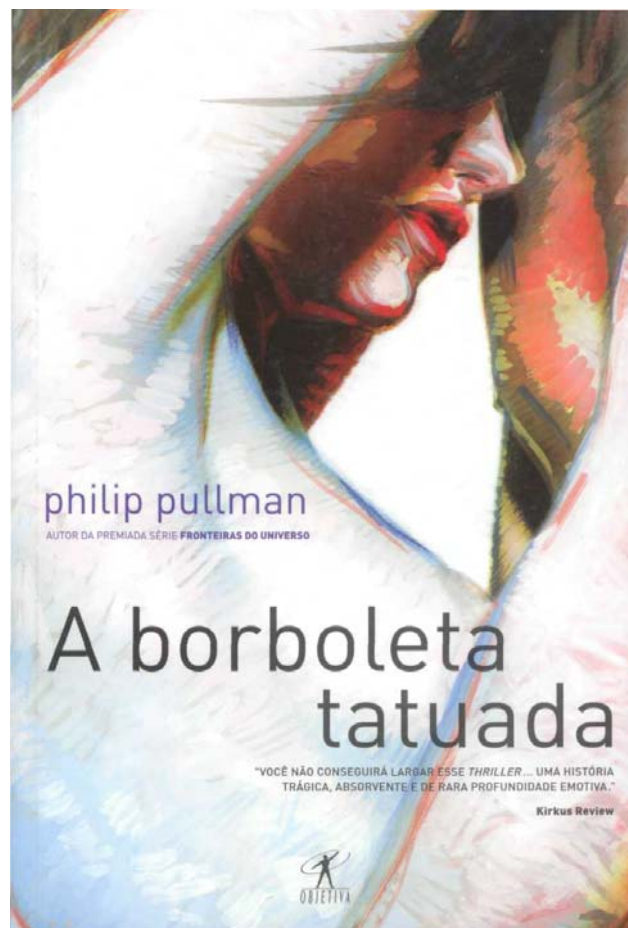




Chris Marshall é um garoto de 17 anos, que vive em Oxford com a mãe e trabalha em uma loja de aparelhos eletrônicos durante suas férias escolares. Ajudando seu chefe, Barry Miller, a produzir a iluminação de uma festa de formatura, conhece inesperadamente Jenny, a garota dos seus sonhos. Vindos de duas realidades totalmente diferentes — Jenny fugiu de casa e mora nas ruas de Oxford e em terrenos abandonados — os dois jovens começam uma relação turbulenta e assombrada pelo passado que Jenny reluta em revelar por completo.

Mas o chefe de Chris também esconde algo em seu passado. Barry Miller é um pai de família como muitos, mas, por trás dessa fachada, há um homem que participou de um audacioso roubo, tendo que trair seus comparsas para ficar com o dinheiro. Essa traição o forçou a fugir de seu país de origem — a Irlanda — para Oxford e mudar de identidade. No entanto, um dos envolvidos no roubo, um assassino em busca de vingança, o persegue cada vez mais de perto.

Os caminhos de Chris, Jenny e Barry se cruzarão de forma irreversível,

levando-os a um destino trágico e cruel.



Philip Pullman é o aclamado autor de romances, contos e peças para leitores de todas as idades. Já recebeu muitos elogios e prêmios por seus livros infanto-juvenis. Em 2002, *A Luneta Âmbar*, o livro final da trilogia *Fronteiras do Universo*, foi o primeiro livro juvenil a ganhar o prêmio Whitbread de livro do ano, o mais prestigiado prêmio literário da Inglaterra. *A Bússola Dourada*, o primeiro livro da trilogia, ganhou a medalha Carnegie de 1996 — prêmio do Guardian para ficção juvenil — e o British Book Award. *A Borboleta Tatuada* é seu primeiro romance.

Chris Marshall conheceu a garota que ele iria matar numa noite quente, em Oxford, no começo de junho...

Chris se apaixonou por ela no primeiro instante em que a viu — e Jenny, linda e cheia de segredos, mergulhou de cabeça em sua vida. O destino a colocou em seu caminho e o destino, impiedosamente, criará entre eles mal-entendidos e obstáculos, fazendo com que um inocente caso amoroso enverede por um caminho sinistro de perigo e traição. Nesta história de amor trágica e contemporânea, Chris descobrirá que os ideais de verdade e confiança não são tão simples como ele sempre acreditou.

"O estilo é tenso, a trama excelente, o clímax de roer as unhas!"

The Guardian

"Implacável e aflitivo... a narrativa evocativa e o suspense de dar nó na garganta tornam este romance uma leitura apaixonante."

Publishers Weekly

philip pullman

A Borboleta tatuada

Tradução Ana Deiró

Parte Um

Capítulo Um

Chris Marshall conheceu a garota que iria matar numa noite quente, no princípio de junho, quando uma das faculdades de Oxford oferecia o baile de verão. Os alunos, às vésperas da formatura, estavam festejando uma última vez, antes de partirem para se tornarem banqueiros de investimentos, diplomatas ou publicitários. Eles gastavam grandes quantias em dinheiro em convites para promover bailes desse tipo — 100 libras, ou até mais em alguns casos. Em troca disso, esperavam muita coisa, e os comitês organizadores trabalhavam duro para satisfazê-los: tendas como pistas de dança, bufês onde se servia champanhe, novas bandas começando a fazer sucesso, e bandas antigas e famosas, cabarés alternativos — todo tipo de entretenimento que estivesse na moda, que fosse caro e estivesse disponível.

O campus daquela faculdade específica tinha jardins que ficavam às margens de um lago. Haveria uma queima de fogos. Havia uma banda de músicos ao estilo dos anos

20, em uma plataforma flutuante, e um cabaré-circo montado em uma tenda. Era, em todos os sentidos, um evento espetacular, um evento que os formandos sentiam que corporificava a riqueza e o esplendor que lhes eram devidos, naquela ocasião, naquele país.

Chris Marshall não era um formando. Estava com 17 anos, ainda tinha um ano de estudos pela frente, antes de concluir o ensino médio e, para ele, aquilo era uma espécie de emprego de férias, embora ainda faltasse algum tempo para que chegassem as férias. Chris trabalhava em regime de meio expediente para uma empresa chamada Oxford Entertainment Systems, de propriedade de um homem chamado Barry Miller. Barry sabia que Chris estava juntando dinheiro para comprar uma bicicleta decente, de modo que lhe ofereceu 25 libras pela noite de trabalho, apesar do fato de que, na verdade, não precisasse de ajuda. Chris ficou feliz por aceitar. Estava cansado de ficar sentado em casa, com sua mãe e seu novo amante, tentando puxar conversa, e se sentindo um intruso o tempo todo. Ele nunca, antes, havia se sentido assim em casa, e era desagradável.

De modo que numa noite quente de junho, Chris estava instalando as luzes do cabaré-circo: desenrolando rolos de cabos, prendendo-os em suportes verticais com fita isolante, subindo em plataformas para checar o posicionamento de um spot, plugando vários cabos em uma mesa de controle de luzes, substituindo um fusível queimado, soltando uma roda giratória de luzes que tinha ficado presa e montando os pisca-piscas para emitir clarões intermitentes de fogo verde, enquanto Barry Miller conversava alegremente com o diretor do cabaré.

Barry era um homem gentil, enérgico, de seus trinta e tantos anos, louro e magro, ligeiramente míope, algo que o fazia piscar e abrir bem os olhos com o que parecia ser uma franqueza inocente. Finalmente, trêmulo e visivelmente ansioso, o diretor retirou-se para os bastidores e Barry se virou para ver como Chris estava se saindo com o trabalho.

— Como vão as coisas? — perguntou ele. — Você tem pólvora suficiente? Caramba, tem pólvora demais aí dentro. Não é preciso muita pólvora para fazer um estrondo gigantesco.

Chris tirou com a colher um pouco da pólvora das caçoletas. Estas eram pratos de cerâmica refratária, em cuja base havia fios de arame de estopim cruzados e presos em dois terminais. Pequenas quantidades de pólvora — nas cores verde, vermelha ou branca — eram postas em cima disso e, quando a corrente era ligada, o arame de estopim queimava, incendiando a pólvora e provocando um grande clarão. Chris nunca

tinha usado aquilo antes e não sabia que quantidade de pólvora deveria botar na caçoleta.

— Já temos um roteiro? — perguntou Chris.

— Não. Ele vai me dar um sinal lá de trás. Eu perguntei se ele queria uma deixa de entrada de luz, mas para ele isso é mais uma coisa com que se preocupar e de que vai se esquecer. Vou lhe dizer uma coisa, esta turma não vai se dar bem profissionalmente. Isso aqui está um tremendo de um desastre. Cacete, eles nem quiseram ensaiar as deixas de entrada de luz. Porra, pense bem, até que ponto se pode ser descuidado?

O espetáculo estava previsto para começar à meia-noite e meia. Antes disso, o quarteto de jazz estaria tocando na tenda, o show de música seria seguido por um comediante gay cujo programa de televisão fora tirado do ar. Chris ficou confuso.

— Pensei que as pessoas vinham a um baile para dançar — comentou ele com Barry. — Tem tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, que parece um parque de diversões. Estou surpreso de eles não terem carrinhos de batida.

— Não seria uma má idéia. Já fiz dúzias desses bailes, Chris. Este aqui é um pouco mais ambicioso, mas eu gosto disso. Olhe, não vou precisar de você antes de meia-noite e meia. Vá dar uma volta. Conheça as pessoas. Circule.

— Não estou vestido para isso — argumentou Chris, mas fez o que Barry sugeriu, fascinado pelas vozes altas dos rapazes, pelos ombros nus das moças em seus vestidos de baile, e pela beleza simples dos jardins da faculdade sob a luz do crepúsculo de verão, com tochas acesas espalhadas pelo gramado, luzes brilhando entre as árvores imponentes e os primeiros acordes de música flutuando sobre a água do lago.

Ele vivera em Oxford durante toda a sua vida, mas havia muita coisa que nunca tinha visto. As faculdades eram particulares e lugares reservados, exceto quando os turistas as invadiam e se enfileiravam para visitá-las — bandos de jovens italianos entediados ou de adultos japoneses curiosos —, e Chris não tinha vontade alguma de se misturar com eles. A Oxford de Chris era mais grosseira, mais barulhenta, mais suja do que todo aquele negócio de turistas. Era a Jericho Tavern, onde as boas e novas bandas independentes de rock vinham tocar; era o estádio de futebol; era a pista de corrida Speedway, que Chris freqüentara toda semana até que tinha se cansado daquilo e começara a praticar ciclismo mais seriamente.

Aquela era a sua Oxford, não esse mundo de conto de fadas de classe alta. Chris decidiu ali e naquele exato momento que qualquer que fosse a universidade onde fosse estudar não seria uma que ficasse em sua cidade natal. Para começar, não gostava do

sentimento de ser olhado como se fosse alguém de posição social inferior e estava muito consciente dos olhares ligeiramente curiosos que estava atraindo, por estar vestido de maneira informal, de jeans e camiseta, deixando muito claro que não era nem um convidado nem um garçom.

De fato, por sua aparência, ele poderia ser um músico de uma banda de rock. Era um rapaz bonito, com cabelos crespos louro-escuros e em boa forma física, com os músculos bem delineados pela prática do ciclismo. Parecia mais velho do que era e, se o caráter de uma pessoa se revelasse pelas feições e pela expressão de seu rosto, o de Chris mostrava independência, franqueza e coragem. Também poderia ter revelado inocência.

Depois que a noite escureceu completamente e o baile começou de verdade, Chris foi dar uma volta até a beira do lago. Havia um pequeno galpão para guardar os barcos sob algumas árvores imponentes e escuras na ponta mais afastada, e ele queria ver se havia algum barco lá dentro. Deixou a plataforma flutuante com a banda tocando, a orquestra jocosamente vestida, o cabelo dos músicos reluzindo de brilhantina, o cantor de megafone na mão, e se encaminhou para a escuridão verde debaixo das árvores.

O ar estava perfumado com o aroma adocicado das flores do jardim da faculdade, com o perfume das moças e com o odor quente, ligeiramente pútrido, da vegetação à beira da água. Chris foi andando mais devagar e finalmente parou por completo no canto do galpão, sem ter muita certeza do motivo pelo qual havia parado, sem ter muita certeza de nada, exceto de estar inebriado por alguma coisa.

Ficou parado, olhando por sobre a água, para trás, na direção de onde viera, observando os dançarinos, na pista de madeira ao lado da plataforma da banda, movendo-se ao som da melodia "Blue Moon". Daquela distância eles não pareciam ofensivamente de classe alta, mas minúsculos, figuras glamorosas, homens bonitos e impecáveis de preto e branco, e belas garotas em vestidos longos coloridos, como um sonho antiquado de elegância e graça.

Pareciam ainda mais atraentes por causa da vasta escuridão que os cercava, como se fossem as últimas pessoas que restassem depois da morte do universo e soubessem disso, mas que mesmo assim estivessem dançando, porque eram humanos e porque a melhor maneira de ser corajoso, naquele momento, era dançar. A letra distante da canção chegava-lhe por sobre a água e Chris ficou parado ali, fascinado, enquanto a velha canção se desdobrava, enquanto o saxofone chorava como um fantasma, enquanto os dançarinos se moviam acompanhando a melodia. Ele sabia que se lembraria daquele

momento pelo resto de sua vida.

Então deu as costas para o abrigo de barcos para voltar, mas parou, porque havia um som de passadas se aproximando pelo caminho. Alguém estava correndo em sua direção. A escuridão em meio aos arbustos e moitas era intensa, mas houve um ligeiro luzir e, de repente, bem ali, diante dele, apareceu uma garota apavorada em um vestido de baile branco.

Seus olhos escuros estavam arregalados; os ombros delicados tremiam. Ela lançou um olhar por cima do ombro, e ele ouviu o som de pés tropeçando e gargalhadas masculinas um pouco mais para trás. O desenho da linha de seu pescoço sob a luz fraca que vinha do outro lado do lago, sozinho, foi o suficiente para fazer com que ele se apaixonasse.

— Tem alguém perseguindo você? — perguntou baixinho.

Ela balançou a cabeça. Cabelos curtos, escuros, braços esguios desnudos, aqueles olhos aterrorizados... Ele estava perdido.

— Vá por ali, entre no abrigo de barcos — disse ele. — Eu os manterei longe de lá.

Ela passou correndo, tão perto que ele sentiu o perfume que ela estava usando. A garota desapareceu na curva. Ele ficou parado no caminho, esperando por seus perseguidores, perfeitamente à vontade, perfeitamente confiante.

Passados alguns segundos, eles apareceram e então o viram e pararam: três rapazes de smoking e gravata-borboleta preta, um segurando uma garrafa de champanhe, outro fumando um charuto, todos bêbados.

— Veja só, Piers — disse um deles. — Ela se transformou em um cara.

— Vamos acabar com ele mesmo assim — respondeu um outro, dando um passo cambaleante para a frente, mas o terceiro o segurou. Era ele quem se chamava Piers e Chris podia ver que era louro e bem-apessoado.

— Que diabo, quem é você? — perguntou ele.

— Não está vestido adequadamente — observou o do charuto.

— Jogue-o no lago — disse o que segurava a garrafa. — Eu jogaria.

— Sou técnico de iluminação — declarou Chris. — Estou verificando as luzes por aqui. É quem eu sou, que diabo. OK?

— Não há luz nenhuma por aqui.

— É porque ainda não estão ligadas, não é? Os três ficaram parados ali, meio inseguros.

— Bem, de qualquer maneira... — disse o que fumava o charuto. — De qualquer maneira, se você é um técnico, deveria se manter fora de vista, na minha opinião. Não pagamos 100 libras para ver um monte de drogas de trabalhadores vagabundeando por aí.

— Onde está Jenny? — perguntou o bonito, de repente. — Você viu uma garota vindo por aqui?

— Não.

— Mentiroso de uma figa — disse o da garrafa de champanhe. — Ela não poderia ter ido para nenhum outro lugar. Você tem que ter visto a garota.

— Não venha me dizer o que eu tenho que ter visto. Estou aqui fazendo um trabalho. Não tenho tempo para perder conversando com gente como você — respondeu Chris. Ele estava pronto para brigar com todos eles se fosse preciso, e eles devem ter percebido isso, porque começaram a se afastar.

— Sujeitinho marrento, esse, não é? — comentou o que se chamava Piers, o bonito.

— Ah, cale a boca, Piers, pelo amor de Deus. Olhe aqui, senhor técnico, estamos procurando por uma garota de vestido branco. Ela —

Um dos outros deu-lhe um puxão na manga e cochichou em seu ouvido. Ele prosseguiu:

— Ela não está bem. Ela chutou o balde, bebeu um pouco demais. Poderia se machucar. Você tem certeza de que não a viu?

— Tenho certeza absoluta. Mas eu a ouvi.

— Pensei que você tivesse dito —

— Eu disse que não tinha visto a garota — explicou Chris. — Ouvi alguém correndo um minuto antes de vocês aparecerem. Por ali, naquela direção. — Ele apontou na direção oposta, ao longo da beira do lago. — E ela não me pareceu bêbada... me pareceu assustada.

— Sim, bem, ela não é muito, sabe como é... — Piers bateu de leve na testa. Um dos outros reprimiu uma gargalhada.

Chris se manteve perfeitamente imóvel. Depois de mais um ou dois minutos, os três rapazes começaram a se afastar.

— Que cara mais grosso. Nós deveríamos tê-lo jogado no lago.

— Tenho certeza de que não vai haver nenhuma luz por ali...

— Eles deveriam se manter fora de vista ou estar vestidos como criados.

— Putinha idiota. Se ela foi e...

O resto da conversa foi engolido pelos arbustos e pela escuridão.

Quando teve certeza de que eles tinham ido embora, Chris seguiu para a lateral do abrigo de barcos até chegar à frente. Era um lugar pequeno, com espaço suficiente para conter dois barcos de fundo chato, talvez, com uma estreita passarela ao redor do interior.

Ele ficou parado no vão da porta e olhou para dentro. Estava muito escuro, mas podia ver o luzir do vestido branco lá no fundo. Parecia que ela estava sentada nas pranchas.

— Está tudo bem, eles foram embora — disse Chris em voz baixa.

Ela não respondeu. Achando que poderia não ter ouvido, ele começou a se encaminhar para junto dela. Lembrou-se de como um dos rapazes a havia chamado.

— Jenny? É este o seu nome?

Ainda nenhuma resposta. Ele ficou imóvel, a meio caminho do comprimento do abrigo para barcos, apertando os olhos e se esforçando para ver se ela estava bem. Será que tinha desmaiado? Eles tinham dito que ela não estava bem e que havia bebido demais. Não lhe parecera assim nos poucos segundos que a havia visto e, quando passara bem junto dele, havia sentido seu perfume maravilhoso, não cheiro de bebida. Mas será que estaria passando mal?

Ele agora estava preocupado.

— Jenny? Você está bem?

Ele subiu nas pranchas no fundo do abrigo e, com um suave farfalhar de tecido, ela caiu para a frente, bem devagar. Foi horrível. Ela estava sem cabeça. Chris quase deu um grito de terror, mas então se deu conta de que não era ela: era o vestido dela. Jenny não estava dentro dele. Ela não estava em nenhum lugar no abrigo de barcos.

Chris ficou parado ali, tremendo, esperando que seu coração parasse de bater disparado, e então se abaixou e pegou o vestido, amassando o tecido duro contra o rosto, inalando o perfume de que se lembrava. Então pôs o vestido no chão delicadamente e olhou em volta.

Estava cheio de apreensão. O primeiro pânico terrível de uma morte horrorosa foi substituído por outro. Será que era mesmo louca, como Piers havia insinuado? Teria ela tirado o vestido para poder deslizar para dentro da água e se afogar?

Jenny com certeza não estava dentro de nenhum dos barcos. Os fundos de madeira reluziam levemente sob o brilho de uns dois dedos de água. E não estava no

lago, até onde podia dizer — embora se estivesse debaixo dos barcos ou presa em ervas submersas, ele não teria podido ver nem saber.

E agora, o que deveria fazer? Dar o alarme?

Sim, é claro, e imediatamente.

Mas tão logo começou a se mover, Chris viu o que deixara de ver um minuto antes. Havia uma porta na parede mais distante do galpão. Afinal, ela não estava, necessariamente, dentro do lago.

Mais um ou dois passos e Chris havia aberto a porta. As dobradiças estavam bem lubrificadas; ele e os três perseguidores não teriam ouvido se ela a tivesse aberto e se esgueirado para fora silenciosamente. Ele ficou parado do lado de fora, em meio ao emaranhado de arbustos e esperou, sem saber o que fazer. De alguma forma aquilo agora tornara-se cômico, como uma brincadeira de cabra-cega. Se ela não estava afogada debaixo da água escura, tinha que estar escondida entre os arbustos escuros sem o vestido. Mas por que tirá-lo? Porque era claramente visível e chamava a atenção, na semi-obscuridade, e porque farfalhava. Isso fazia sentido.

Ele não sabia o que fazer. Se desse o alarme, poderia criar uma situação embaraçosa para ela.

— Obrigada — sussurrou uma voz vinda da escuridão.

Então ele se sobressaltou de susto, deu um pulo tão grande que bateu com o cotovelo na beira da porta. Houve uma risadinha.

— Onde você está? — perguntou ele.

— Isso não tem importância. Eles foram embora?

— Foram. Acho que sim. Quer que eu volte com você, para o caso de eles estarem esperando no caminho?

— Não. Eu não vou voltar.

— Ah...

A voz dela era baixa e suave, e seu sotaque era do norte. Era o som mais expressivo que Chris jamais ouvira.

— Por que estavam atrás de você? — perguntou ele no silêncio que se seguiu.

— Por que você acha?

— Você não quer dizer... Olhe, onde você está? Não consigo falar com você assim.

— Está se saindo muito bem. Mas agora você vai ter que ir.

— Não posso ajudar você?

— Já ajudou.

— Mas eles podem voltar! Silêncio.

— Jenny? Silêncio.

— Jenny, meu nome é Chris. Onde você mora? Nada. Um silêncio como se ela nunca tivesse estado ali. Na distância, a banda estava tocando uma outra canção e em algum lugar nas profundezas verdejantes do jardim da faculdade um rouxinol cantava, mas Jenny estava invisível e silenciosa. Será que ele havia sonhado sua voz? Não, pois ele não teria sonhado aquele sotaque de Yorkshire e teria sonhado uma resposta.

De modo que ela era real. E estava viva. E era — sob a luz fraca, ele consultou o relógio de pulso — meia-noite e vinte.

— Eu tenho que ir e tratar de trabalhar — disse para o vazio. Então, constrangido, mas sabendo que estaria traindo a sinceridade de tudo o que havia acontecido se não traduzisse os sentimentos em palavras, disse:

— Jenny, você é linda, espero ver você novamente. Se isso não acontecer, nunca me esquecerei de você, prometo.

Então Chris começou a se afastar do abrigo de barcos e foi avançando cuidadosamente em meio às moitas espessas de arbustos até tornar a encontrar o caminho. Olhou para trás e viu apenas sombras sem significado, retalhos de prata, retalhos de negro. Ela poderia ter estado em qualquer lugar ou em lugar nenhum; perto o suficiente para que a beijasse ou tão longe, que não tivesse ouvido nada do que ele dissera.

Os dançarinos, em seu pequeno quadrado de luz, estavam batendo palmas. A banda começou a tocar outra canção, e a letra ressoava muito claramente sobre as águas tranqüilas, cantando o luar e problemas e amor.

Capítulo Dois

Os pais de Chris estavam vivendo separados havia um ano, e, no mês anterior ao dia do baile na faculdade, eles finalmente se divorciaram. Chris detestou o que aconteceu muito mais do que teria imaginado que detestaria, muito mais do que amigos na mesma situação pareciam detestar; ainda pior do que o sentimento de traição era a maneira calma e casual com que tanto sua mãe quanto seu pai agora falavam sobre a

questão, como se, de qualquer maneira, a família nunca tivesse importado muito.

Chris ficou morando com a mãe, na casa grande e confortável na zona norte de Oxford, enquanto seu pai foi morar com a namorada, Diane, uma ex-secretária de seu escritório de arquitetura, em uma pequena casa do outro lado da cidade. Chris foi lá algumas vezes. Da primeira vez, Diane estava em casa e, embora a conhecesse do escritório de seu pai, Chris achou difícil conversar com ela e pôde perceber que ela também achava difícil. Diane era bonita e muito mais moça que seu pai, e o fato de saber que ela estava dormindo e fazendo sexo com ele fazia com que fosse perturbador para Chris olhar para ela. E olhar para seu pai, para falar francamente. Da vez seguinte ela não estava lá. Ele perguntou, "Como vai Diane?", e seu pai respondeu, "Ah, vai bem, obrigado", e os dois se comportaram de maneira descontraída e adulta a respeito da coisa toda. Mas conversar não havia sido fácil durante algum tempo. E antes fora, quando eles eram uma família, mas naquela época conversar não se tratava de um objetivo particular por si só, apenas acontecia naturalmente.

Quanto à sua mãe, de início, ficara arrasada e triste. De qualquer modo, ela era uma pessoa inclinada a dramatizar as coisas, na opinião de Chris, a exagerar e a fazer cenas, mas não podia ter sido mesmo fácil para ela pensar a respeito do que seu pai estava fazendo. Ela chorara amargamente e se trancara no quarto uma boa parte do tempo, e quando saía, manifestava uma mescla de alegria e fragilidade, e bebia mais vinho do que de costume. E suas amigas apareciam para visitá-la com mais frequência e ficavam mais tempo.

Chris tivera que mudar. Em um dia, quase, ele tivera de mudar de alguém que era jovem demais para beber ou fumar, ou até mesmo dizer palavrões, para se tornar uma espécie de irmão simpático que ouvia os desabaços com sabedoria e dava conselhos perspicazes; alguém que era capaz de falar sobre sexo e amantes, homens e mulheres, sem ficar confuso e se sentir embaraçado. Parecia que esperava-se que ele não quisesse mais seu pai ali, que não quisesse que seus pais se amassem — que tivesse crescido e superado tudo aquilo.

E, pouco depois, sua mãe começara a sair regularmente com um homem chamado Mike Fairfax, que era professor universitário e membro do conselho da cidade, partidário de política liberal, interessado em ambientalismo e nos problemas do Terceiro Mundo. Ela havia se enturmado com os amigos dele e logo começou a ir a reuniões e a usar broches de militante. E uma noite Mike Fairfax ficou e dormiu com ela. Na manhã seguinte, comportaram-se com uma casualidade deliberada, mas Mike não pudera deixar

de demonstrar um constrangimento estúpido. O pai de Chris tinha muitas fraquezas, mas ele nunca havia sido estúpido.

De modo que Chris não estava feliz em casa e, quando as férias de verão chegaram, começou a passar muito tempo fora. O fato de estar trabalhando para a Oxford Entertainment Systems de Barry Miller ajudava, mas o que ajudava principalmente era estar em busca de Jenny.

Não se passava um dia sem que pensasse nela. Ela enchia seus sonhos; ela deitava-se com ele em seus pensamentos; Chris ia dormir e acordava com o nome dela nos lábios. Estava com ele o tempo todo e Chris não tinha idéia de como encontrá-la, mas continuava à sua procura. E sempre havia o trabalho com que se distrair.

A Oxford Entertainment Systems tinha dois endereços. Havia o depósito perto da Cowley Road, onde a maior parte do equipamento era mantida e reparada, e uma loja mais perto do centro da cidade, onde pequenas peças podiam ser alugadas ou compradas e onde se podiam fazer os pedidos para o aluguel de peças maiores como as plataformas para palco ou cortinas com blecaute ou árvores de iluminação. Chris era um dos quatro empregados. Sandra trabalhava na loja, Dave e Tony no depósito e com o furgão, fazendo entregas ou indo apanhar os materiais de aluguel. Chris dividia seu tempo nos dois lugares, reparando lâmpadas no depósito, carregando o material no furgão ou verificando o equipamento devolvido; ou na loja, vendendo sangue falso usado em teatro, maquiagem ou perucas, ou alugando objetos usados em montagens teatrais como elmos romanos ou pistolas automáticas.

Na verdade, não era um emprego temporário. Barry Miller dissera que ficaria satisfeito em contratar Chris permanentemente e Chris também, bem que teria gostado disso; mas sabia que seu futuro não estava em trabalhar para Barry Miller, por mais agradável que isto fosse, de modo que considerava seu trabalho como umas férias do mundo real e decidira aproveitá-las. Afinal, havia sido através do trabalho que conhecera Jenny.

E foi por causa do trabalho que tornou a encontrá-la. Na primeira quarta-feira das férias escolares, ele havia passado a manhã no depósito e agora estava na hora de seu almoço, depois do qual passaria a tarde na loja, aprendendo a rotina do serviço com Sandra. Estava pedalando em sua bicicleta pela Cowley Road, passando defronte às casas de apostas, lojas asiáticas, agências de notícias e escritórios de sindicatos de trabalhadores, quando viu Jenny saindo de um supermercado.

Ele quase caiu da bicicleta. Ela estava do outro lado da rua e entrara numa rua

transversal, mas a parte de seu cérebro que agora vivia permanentemente sintonizada em busca de garotas esguias de cabelo curto e escuro registrou a presença dela no canto de sua visão e ele teve certeza de que era Jenny.

Assim que o tráfego se desimpidiu, Chris atravessou a rua rapidamente e desceu pela transversal por onde ela havia entrado, um lugar de fileiras de pequenas casas construídas em declive, com uma capela de tijolos na esquina. Ela havia acabado de parar para entrar por um portão: um vulto esguio de camiseta verde e short de ciclismo preto, carregando uma sacola de compras.

Ele freou a bicicleta passando para marcha lenta e chegou lá no instante em que ela enfiava a chave na porta.

— Jenny!

Ela parou e virou-se. Não havia dúvida! Era Jenny e, sob aquela luz empoeirada do sol, ela não era menos bonita.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Chris. Naquela noite... no baile. Você se lembra? Junto do abrigo para barcos?

— Ah... ah, já sei. Isso mesmo! — E ela sorriu. O coração de Chris virou de cabeça para baixo. Ela era real e estava ali.

— É aqui que você mora?

— É. Mas é provisório. Nós ocupamos a casa. Foi a sua vez dizer: "Ah..."

Ela abriu a porta.

— Você quer entrar?

— Quero. Obrigado.

Piso de tábuas corridas nu, pôsteres pregados com percevejos nas paredes, o cheiro de torrada queimada — aquilo tudo estava muito distante do romance da beira do lago, iluminado pelo luar e, de repente, Chris ficou tímido.

Ela conduziu-o até a cozinha pequenina e estreita. Dois rapazes estavam sentados à mesa, tomando café. Eles certamente não eram Piers e seus amigos. Os dois haviam trançado os cabelos desgrenhados numa imitação de dreadlocks — imitação porque ambos eram brancos — e usavam jeans imundos, manchados de óleo. Um não vestia mais nada da cintura para cima, e estava sendo tatuado no ombro pelo outro, com um alfinete e um vidro de tinta.

— Este é Chris — anunciou ela. — Derek e Ollie. Você quer um café?

— Ah, obrigado, aceito.

Derek e Ollie pareciam bastante simpáticos. Derek, o que estava sendo tatuado,

chegou mais para o canto a fim de dar espaço e limpou o ombro com um lenço sujo.

— Será que você pode segurar aquele espelho para mim? — perguntou a Chris, que levantou o pequeno espelho com moldura de plástico para que ele pudesse acompanhar o progresso da tatuagem. Iria ser uma rosa, embora a sujeira de sangue e tinta tornasse difícil para Chris ter certeza.

— É sempre melhor ter alguém para ajudar quando se faz tatuagens — explicou Derek. — Uma vez conheci um cara que tatuou as letras M-O-T na testa. Só que o nome dele era Tom, e ele fez a tatuagem sozinho olhando no espelho. Tudo bem, Olly, pode continuar.

— Ele deve ter ficado muito desapontado quando descobriu — comentou Chris, observando Jenny acender o gás sob a chaleira.

— Uma coisa dessas seria de deixar qualquer um louco da vida, não acha? — perguntou Derek. — Ele ficou maluco. Nunca vi ninguém tão furioso da vida. Mas era tarde demais. O destino o deixou marcado para sempre. De início, ele se recusava a responder quando as pessoas o chamavam de Mot, mas no final acabou tendo que aceitar, caso contrário, não teria mais com quem falar. Uma história triste.

— Vocês todos moram aqui? — perguntou Chris.

— Moramos. Por enquanto — respondeu Derek. Ele parecia ser o mais falante, ou talvez Ollie estivesse apenas concentrado no trabalho. Jenny lavava algumas canecas na pia.

— Quem é o dono?

— Sei lá.

— Mas vocês simplesmente estão morando aqui, sem pagar aluguel? Como encontraram a casa?

— Arrombamos a porta. Estava vazia havia meses. Não, nós não pagamos aluguel, mas mantemos a casa limpa, com tudo em bom estado e bem cuidada. Imagino que um dia desses, finalmente, seremos postos pra fora, mas o que se pode fazer, c'est la vie. Somos parasitas benéficos.

Vivemos em um relacionamento simbiótico com nosso anfitrião, sabe como é. Todos nós nos beneficiamos. É muito ecológico.

— Sei — respondeu Chris. Ele imaginava que aquelas pessoas fossem hippies de verdade. Olhou de novo para a tatuagem. — Isso aí não dói?

— É incrível, mas você se habitua. Existe um truque, um segredo; você tem meio que isolar a dor em sua mente. Botar uma cerca em volta dela. Existem pessoas que

fazem operações nelas mesmas, sabe como é, simplesmente se concentram de uma maneira incrivelmente profunda e então tomam um Valium ou coisa assim e vão em frente. Eu li sobre um cara que estudou durante meses como fazer uma operação de fígado: leu tudo o que havia nos livros de cirurgia, comprou todos os instrumentos, esterilizou os bisturis e meteu mãos à obra. Fez um grande corte na horizontal da barriga, amarrou todos os vasos sanguíneos, fez um trabalho perfeito. Levantou o estômago e afastou para o lado, enfiou a mão dentro —

— Cale a boca, Derek — disse Ollie. — Você está me deixando enjoado. E fique parado.

— Tinha alguma coisa errada com o fígado dele? — perguntou Chris.

— Não, quando ele começou — respondeu Derek e caiu na gargalhada.

O tempo todo, Chris estava consciente dos movimentos de Jenny — para onde ela estava olhando, o que estava fazendo. Quando a água na chaleira ferveu, ela perguntou:

— Quer vir até o jardim? — e ele se levantou imediatamente.

O pequeno jardim nos fundos era bem cuidado, os canteiros de flores limpos e regados, o gramado aparado. Jenny sentou-se na escada ao lado da cabana de madeira e Chris sentou-se junto dela, pondo a caneca no chão a seus pés.

— O que aconteceu naquela noite? — perguntou ele. — Depois que eu fui embora?

— Eu também fui embora. Escalei o muro.

— Como... sem o vestido? Ou você voltou e tornou a botar o vestido? E, por falar nisso, onde você estava? Não conseguia ver nada.

— Eu estava com uma camisa escura e jeans. Foi assim que entrei, para começar. Eu não era uma convidada de verdade, compreende? Entrei de penetra.

Ela contou como havia feito. Tinha ido à faculdade como se fosse turista, uns dois dias antes, com o vestido de baile guardado em uma sacola, e o havia escondido em meio aos arbustos perto do abrigo de barcos. Depois de escurecer, na noite do baile, ela escalou o muro que ficava contíguo ao passeio do lado de fora da faculdade, vestindo roupas escuras para não ser vista, encontrou a sacola e trocou de roupa no abrigo de barcos, antes de ir se reunir aos outros convidados.

— Você escalou o muro sozinha? — perguntou Chris, impressionado. — Não foi com mais ninguém?

— Eu não podia ir com Derek ou Ollie, você não acha? Eles chamariam um

pouco de atenção. De qualquer maneira, gosto de estar sozinha. Fui apenas para onde havia música. Alguns caras me convidaram para dançar, havia muita comida e champanhe... fingi que tinha me perdido do meu par, sabe como é, quando as pessoas me perguntavam com quem eu estava. O problema foi que acabei cruzando com Piers.

Ela não explicou como conhecia Piers, e Chris não perguntou. Mas parecia que Piers soubera que ela provavelmente havia entrado de penetra, e ele ia fazê-la pagar por isso no que ela disse que seria a maneira óbvia.

— Eu o detestei — disse Chris. — No instante em que o ouvi e a seus amigos. Detestei todos eles.

— Você foi brilhante — comentou ela. — Pensei que eles fossem brigar com você, mas você foi simplesmente fantástico.

Ele corou. Não sabia o que dizer.

— Bem — disse finalmente.

— A gente não se dá conta de que ainda existam pessoas assim — declarou ela. — Mas existem. Ricas e mimadas... Na verdade, é surpreendente; acham que podem ter tudo o que querem. Ele é algum tipo de lorde, o Piers. As pessoas simplesmente rastejam diante dele quando ficam sabendo disso. Se tivessem me apanhado, eu estaria ferrada. E depois ninguém acreditaria mesmo.

Chris queria matar Piers e seus amigos ali, naquela hora.

— E o que você faz? É estudante? — perguntou ele.

— Deus do céu, não. Sou uma parasita. Como eles dois. — Ela fez um gesto na direção de Derek e Ollie.

— Sério, fale a verdade —

— Estou falando. De vez em quando trabalho como garçoneiro. É só isso, sinceramente. Juro.

— E... você mora aqui com...

Ela o observava com uma expressão zombeteira, sabendo o que ele estava tentando perguntar.

— Com Derek e Ollie, isso mesmo — respondeu ela.

— E você é... quero dizer... o Derek é seu namorado?

— Por que você quer saber isso?

— Porque eu ia convidar você para sair comigo.

— Então vá em frente.

— Você quer sair comigo?

— Quero. OK. Quando?

— Na sexta-feira?

— Tudo bem.

— Você já esteve na Jericho Tavern?

— Não. Fica do outro lado da cidade, não é? Pra falar a verdade, só conheço este lado.

— Eles costumam ter boas bandas tocando por lá. Chris estava atordoado com a sorte grande que tivera.

Alguma coisa devia ter acontecido para fazer dele uma pessoa de sorte assim, pensou. Tomou o café sentindo-se tímido de novo, observando a pele lisa do braço moreno de Jenny, sua mão delicada enquanto ela atirava pedrinhas para longe da trilha diante de seus pés.

— Eu tenho que ir — disse ele. — Preciso voltar para o trabalho. Vejo você na sexta-feira. Passo aqui para buscar você às —

— Não, não faça isso. Vou me encontrar com você na cidade. Naquela coisa que parece uma igreja na encruzilhada no centro, como é mesmo o nome?

— Carfax.

— Isso mesmo. Às oito horas.

— Tudo bem. Encontro você lá. Obrigado pelo café.

— Até lá, Chris.

E foi assim, fácil desse jeito.

Durante o resto da semana, ele viveu como se estivesse em um sonho. Quando chegou a sexta-feira, estava tão nervoso e inquieto, que até sua mãe, mergulhada em sua própria neblina de paixão por Mike Fairfax, mostrou-se preocupada.

— Pelo amor de Deus, traga a garota aqui em casa — disse ela.

— Que garota?

— A garota com quem você está saindo. Você não estaria se arrumando com todo esse cuidado se estivesse apenas indo se encontrar com Carl e Jacko. Você não engana sua mãe.

Ele esperava que isso não fosse verdade. Não tinha falado com ninguém sobre Jenny, nem mesmo com Barry Miller, que era a única pessoa a quem contaria.

Estava uma noite bonita e quente quando eles se encontraram, e não foram para a Jericho Tavern. Em vez disso, caminharam até o parque da Universidade e sentaram-se à margem do rio, conversando.

Ela contou que saíra de casa em Yorkshire (mas não disse por quê) e que primeiro fora para Londres, onde não conhecia ninguém. Ali, acabara se habituando a dormir na rua, até conhecer uma garota chamada Tansy, uma garota de classe alta que também fugira de casa e com quem fez amizade. Com Tansy viera para Oxford, e foi por intermédio de Tansy que conhecera Piers.

— Foi numa festa; não consigo me lembrar onde... numa das faculdades. De início, achei que ele era simpático. Era um mundo diferente. Eu nunca tinha visto nada parecido com aquilo; nunca havia sonhado que pessoas pudessem realmente viver daquela maneira. Champanhe, tanto dinheiro, eu não conseguia acreditar. E além disso, Piers também era um lorde. Fiquei encantada, toda prosa de estar saindo com um lorde. Então descobri como eles eram de verdade.

Tansy fornecia drogas para Piers, e Jenny não havia percebido isso. Quando Tansy foi presa, Jenny chegou a ter de dormir no abrigo público. Era isso ou a cama de Piers.

Por fim, acabara conhecendo Derek e fora morar com ele e Ollie. Eles eram amigos, mas não amantes, disse ela, e na verdade era só isso.

Chris sabia que Jenny não estava lhe contando toda a verdade. Ela era uma pessoa mais complicada que aquilo e certamente não era tão ingênua quanto tentava aparentar. Mesmo assim, ele não questionou sua história, qualquer coisa que Jenny dissesse era melhor do que a verdade, só porque ela estava dizendo.

Chris nunca havia encontrado uma garota nem remotamente parecida com ela. Seu rosto era cheio da vulnerabilidade assustada, inocente, que ele vira naquela noite na margem do lago, e seus ossos de aparência frágil, os braços e mãos esguios, faziam com que ele tivesse vontade de protegê-la como se fosse um bebê. Chris sentia-se muito consciente de seu tamanho, de seus músculos e de sua falta de graça e de jeito ao lado dela.

E ao mesmo tempo, sua voz e a maneira como ela falava pareciam o oposto da inocência. Ela dava uma impressão de ser sofisticada, mas não dura; de ser uma pessoa que conhecia o mundo, mas não de ser cínica; zombeteira, mas ao mesmo tempo gentil. Ela simplesmente parecia ser muito mais adulta do que ele se sentia. Mas apesar de toda essa vivência que tinha do mundo, havia grandes lacunas em seus conhecimentos. Era como se ela nunca tivesse freqüentado uma escola, como se tivesse vivido solta a vida inteira e nunca tivesse sido apanhada.

— Por que você não vai ao colégio? — perguntou ele. — Você poderia fazer os

exames e cursar o supletivo sem nenhum problema. Então poderia conseguir uma vaga na universidade.

— Ah, é? E para que eu iria querer fazer isso?

— Porque você é inteligente. Se tivesse um diploma, poderia conseguir um emprego que fosse bom de verdade. E porque estudar e aprender coisas é interessante. Você poderia se tornar membro do Parlamento e abolir pessoas como Piers.

— Piers não é o problema. E posso pensar em centenas de motivos pelos quais não gostaria de ser membro do Parlamento. O problema de gente como você é que vocês pensam que o problema de gente como eu é que não somos pessoas como vocês.

— Pessoas como eu?

— Pessoas com casas bonitas, bons empregos, diplomas e coisas assim. Esse não é o meu mundo, Chris; eu sou diferente. Não é uma coisa de classe, se é isso que está pensando.

— Não estava!

— É o que você estava pensando que eu estava pensando.

— Como é que é?

— Raciocine.

Ele refletiu e depois disse:

— Não, não estava. Não sei por que esse não pode ser o seu mundo. Se você é capaz de fazer esse tipo de jogos de palavras, já está mais à vontade nele do que eu. Esse mundo é de todo mundo, de quem quiser. E se você for inteligente, parece ser apenas um desperdício...

Ela não disse nada e Chris se sentiu repreendido, censurado; mas pouco depois estavam conversando novamente, dessa vez sobre coisas mais leves, e rindo juntos. Ao escurecer, tiveram de se apressar para sair do parque antes que os portões fossem trancados. Seguiram por uma travessa estreita ladeada por árvores escuras e saíram para uma estrada chamada St. Giles, imensamente larga, com grandes casas imponentes e velhos prédios de pedras das faculdades, de ambos os lados.

Sob as árvores, aos pés das escadarias dos grandes prédios clássicos do Museu Ashmolean, havia um pequeno furgão maltratado vendendo carne grelhada no espeto. Chris comprou dois espetos de carne e sentaram-se na escadaria do museu para comê-los, descartando os perigos da salmonela; o amor era uma garantia contra qualquer intoxicação alimentar. O que ela sentia com relação a ele Chris não sabia dizer, embora achasse que ela provavelmente gostava dele; mas Chris estava apaixonado, inebriado,

bêbado de amor. Tudo nela era perfeito, misterioso, miraculoso: do maravilhoso perfume, semelhante ao das frésias, que ela usava, ao laço de fita branca que tinha posto no cabelo, à pele morena de seus pés delicados. Seus sentidos transbordavam de amor; ele teria morrido por ela.

Quanto a Jenny... ela não contou a ele o motivo pelo qual havia saído de casa, porque tinha vergonha. Toda a primeira parte de sua vida era maculada pela vergonha e pela culpa, mas apesar disso, não se passava um dia em que não retornasse a ela, reconstruindo-a em sua imaginação, inutilmente.

Ela vivera com os pais na cidade de Yorkshire, onde havia nascido. Seu pai era um encarregado de armazém, sua mãe uma cozinheira de escola. Quando Jenny tinha seis anos, a empresa de seu pai fechou, como tantas outras no princípio da década de 1980, e ele não conseguira mais arranjar emprego.

Pouco tempo depois disso, o conselho local modificou o programa de merenda escolar. Em vez de empregar suas próprias cozinheiras, as autoridades escolares terceirizaram o serviço. Firms particulares foram convidadas a participar de concorrências para obter os contratos. Muitas mulheres, inclusive a mãe de Jenny, perderam seus empregos e, embora algumas delas fossem contratadas pela firma particular fornecedora de merendas, muitas não o foram. A mãe de Jenny foi uma das que não tiveram sorte.

De modo que por muito tempo as coisas correram mal na casa deles. Depois de um ano, a mãe de Jenny conseguiu outro emprego, dessa vez como faxineira de um hospital, mas seu pai teve menos sorte. Ele não tinha nada para fazer, senão ficar em casa o dia inteiro, fumando e assistindo à televisão. Como a mãe dela tinha de sair de casa bem cedo para trabalhar, era o pai de Jenny quem a acordava e lhe preparava o café da manhã. Foi então que ele começou a abusar dela.

Inicialmente, eram apenas umas palmadinhas em seus braços nus, nas pernas nuas, tão de levinho e de maneira tão casual que poderiam não ter significado nada. Mas aquilo, pouco a pouco, mudou. Palmadinhas transformaram-se em roçar e alisar, e roçar e alisar tornaram-se pegar e apertar; e a esta altura Jenny, que tinha oito anos, sentia o calor subir em seu corpo quando isso acontecia e, depois, sentia-se suja e infeliz.

Então aquilo piorou: beijos fedendo a tabaco, mãos enfiadas em suas calcinhas. E pior ainda. Sua mãe talvez pudesse ter ajudado, mas vivia cansada e impaciente e, de qualquer maneira, Jenny não teria conseguido falar sobre aquilo. Ela gostaria de ter contado a uma de suas professoras, mas a escola estava sofrendo trocas de corpo

docente tão rápidas, que Jenny não conhecia nenhum dos professores por tempo suficiente para adquirir confiança.

Depois de cinco anos daquilo, desesperada, ela apanhou uma faca e a escondeu em sua cama. Não tinha certeza do que ia fazer com ela, embora estivesse pronta para matá-lo. Quando ele veio procurá-la naquela manhã, Jenny o golpeou e fez-lhe um corte na mão, nada de muito grave, mas o suficiente para fazê-lo sangrar um bocado. O sangue fez com que ela ficasse tonta, e o assustou também; mas quando ele viu como o ferimento era superficial, bateu nela. Dali por diante, o padrão mudou. Ele continuou com os abusos, mas agora também batia nela — dava-lhe pancadas cruéis e dolorosas em lugares onde não podiam ser vistas. Aquela altura, Jenny havia desistido de esperar ajuda. Tinha visto que, ao tomar uma atitude para se defender, podia mudar as coisas, embora não necessariamente da maneira como ela queria. Aquela foi uma lição útil.

Depois de mais um ano ou coisa assim, seu pai finalmente conseguiu outro emprego. Saía de casa cedo e tinha menos oportunidade de estar sozinho com a filha. Os abusos diminuíram, mas aquilo não fez diferença para Jenny, que havia tomado a decisão de fugir de casa assim que completasse 16 anos. Ela esperou até chegar a essa idade porque queria ser completa e legalmente livre de qualquer obrigação de morar em casa e de freqüentar a escola.

De modo que, na manhã de seu décimo sexto aniversário, ela se levantou antes de todo mundo na casa, tomou um último café da manhã sozinha na pequena cozinha, e lavou a xícara e a colher antes de apanhar sua mochila e ir embora. Jenny deixou um bilhete dizendo: Adeus, mamãe, eu darei notícias, e foi para a rodoviária. Embarcou em um ônibus em direção ao sul e deixou sua cidade natal para sempre.

Nada do que acontecera desde então fora capaz de apagar a vergonha, o medo e o ódio. Ela dormira com vários rapazes, inclusive Piers; e embora alguns fossem divertidos, outros fossem delicados e outros ainda fossem atraentes, via seu pai olhando para ela através dos olhos de todos, e, quando fechava seus próprios olhos, era para se esconder. Talvez, um dia, ela pudesse contar a alguém; talvez contasse a Chris. Mas não agora, para isso ainda faltava muito tempo.

Capítulo Três

Na segunda-feira seguinte, Barry Miller pediu a Chris que o ajudasse em um trabalho especial. Chris pensou que poderia ser um outro baile, mas acabou se revelando muito menos glamoroso que isso.

— Eu tenho um barracão — disse Barry, enquanto seguiam no furgão pelas ruas de Oxford, com a bicicleta de Chris na parte de trás. — Bem, é mais um chalé, na verdade. Na beira do canal. Quero instalar fiação elétrica nele e decorá-lo, para usá-lo como uma oficina ou coisa assim. Botar uma cama, talvez. Torná-lo um lugar confortável.

Primeiro eles foram a Kidlington, a um ou dois quilômetros da cidade, para buscar algumas peças e ferramentas na casa de Barry. Ele morava numa casinha elegante em um bairro residencial moderno. Chegaram lá por volta das quatro horas e Sue, a mulher de Barry, se ofereceu para preparar-lhes um chá.

Ela trabalhava como secretária numa escola, contou a Chris. O filho deles de dez anos, Sean, estava jogando futebol do lado de fora, e Barry parou e bateu bola de um lado para o outro, por algum tempo, antes de dar um chute que acertou com estrondo a porta da garagem, que era o gol. Sue revirou os olhos para o alto. Ela era uma mulher bonita, loura e silenciosa, com uma estranha expressão de alegre bom senso, sombreada pela ansiedade, como se alguém próximo dela — seu filho talvez — agora estivesse melhor, mas recentemente tivesse sofrido de uma doença grave da qual não estava totalmente livre. Chris descobriu-se gostando dela de imediato. Era curioso que no furgão, a caminho dali, Barry tivesse pedido a ele que não mencionasse o barracão para Sue; mas ela parecia compreender seu marido e não perguntou qual era o serviço que eles iam fazer.

— Há quanto tempo você mora em Oxford, Chris? — perguntou ela, enquanto Barry mostrava a Sean como se mover, tocando a bola, e driblar um jogador de defesa.

— A minha vida inteira. Nasci aqui. Você veio de Londres?

— Vim. Nós nos mudamos para cá há três anos. íamos tentar a vida na Austrália, mas meus pais estão ficando velhos, sabe como é... De qualquer maneira, Barry está feliz. Já acabou o ensino médio? Você me parece crescido demais...

— Ainda tenho um ano pela frente. Depois faço os exames finais e tento uma vaga na universidade. Sue, você acha que, se uma pessoa for bastante inteligente, deveria ir para uma universidade e usar seu talento?

— Se a pessoa tiver a oportunidade, claro — respondeu ela. — Agora, estou

fazendo a graduação na Universidade Aberta. É espantoso. É a coisa mais interessante que já fiz na vida. Tenho aprendido tanta coisa... Estou estudando literatura inglesa. Barry acha que devo ser realmente inteligente, mas vivo dizendo que ele é mais inteligente do que eu; que também deveria fazer um curso universitário. Mas ele é prático, tem realmente muita habilidade manual.

— Ele anda ocupado — observou Chris. — A firma tem tido um bocado de trabalhos para fazer.

— Eu sei — ela assentiu, olhando para fora, para o gramado bem cuidado, para o filho deles, um menino feliz.

— Os negócios têm andado bem. Provavelmente foi a coisa certa a fazer nos mudarmos para cá.

Barry e Sue se queriam bem de uma maneira que Chris admirava enormemente. Eles pareciam gostar um do outro, implicar, ter tolerância e rir um do outro, bem como serem muito afetuosos fisicamente. Quando Barry entrou em casa, ele a beijara e abraçara, e ela retribuía com um abraço bem apertado. E ele evidentemente amava seu filho e era amado por ele. Houve um momento que Chris observou pela janela: Barry estava driblando com a bola, e Sean o enfrentara e surpreendera ambos ao ganhar a bola. Barry então virou-se habilmente, tomou a bola dos pés de Sean e chutou. Foi uma excelente jogada. A bola acertou a porta da garagem com um clangue ensurdecido. Mas, ao chutar, Barry perdeu o equilíbrio e caiu sentado com uma pancada forte e repentina. Fora a reação de Sean que cativou Chris: suas gargalhadas, o rosto corado e suado mostravam simultaneamente admiração pelo lance de seu pai, divertimento com a queda cômica e um sentimento de preocupação com a possibilidade de que ele tivesse se machucado. De alguma forma naquela expressão, Chris viu uma vida inteira de amor, uma imagem do que uma família deveria ser. Ver uma expressão como aquela no rosto de seu filho seria de fato algo de que se orgulhar.

A caminho do barracão, à beira do canal, Barry falou sobre Sean com Chris.

— Ele é o rei do mundo, no que me diz respeito — declarou ele. — Sean é parecido com a mãe e herdou todas as boas qualidades dela. É rápido, esperto e inteligente, mas também é gentil, tem bom coração, sabe? Não é um molenga, não é isso que estou querendo dizer. Quero dizer que ele é gentil... é um bom menino, gentil. Às vezes me preocupo com ele.

— Por quê? Ele me parece realmente feliz.

— A gente nunca sabe o que pode acontecer. Eu tive uma época em que conheci

uns patifes por aí... Já vi muita coisa ruim. Já fiz algumas coisas ruins, para falar francamente. Depois que você olha sob a superfície desse tipo de coisa, nunca mais se sente seguro, não de verdade.

Chris não compreendeu de que ele estava falando. Eles fizeram a curva e saíram da auto-estrada, depois seguiram passando pelo motel, em direção à aldeia de Wolvercote. Passaram pela ponte íngreme sobre o canal e quase imediatamente dobraram à direita, entrando em uma estrada ruim de terra batida, sob as árvores.

— Há anos que não vinha por aqui — comentou Chris. — Tinha me esquecido completamente de como era.

— Ótimo — disse Barry. — Quanto menos gente souber a respeito deste lugar, melhor.

— Por quê? Você vai abrir um cassino secreto ou alguma coisa parecida?

Barry não disse nada até eles estacionarem a cerca de 800 metros paralelamente à margem do canal, numa clareira ao lado de um lote de prédios abandonados.

— Não — respondeu ele finalmente. — Apenas quero um lugar onde possa me recolher. Para sumir de circulação durante algum tempo.

— Para quê? — perguntou Chris, saltando com ele. — Tem alguém atrás de você? Quero dizer, sabe como é, não precisa me contar se não quiser, mas...

Barry olhou em volta. Vestido em sua camisa pólo amarela e calças claras, ele parecia jovem, durão, controlado — como um ator desempenhando o papel de um herói em um filme de suspense.

— Escute, Chris — disse ele. — Vou confiar em você, OK? Você é um sujeito que me parece inteligente. Não posso contar a Dave nem a Tony; eles não têm um pingo de miolos, nenhum dos dois. Mas tenho que contar a alguém. O problema é que, há alguns anos, tive um desentendimento com uma família, certo? Três irmãos, de sobrenome Carson. Eles eram uns bandidos; eram perversos. Na verdade, eram piores que bandidos. Eles tinham ligações com terroristas. Os irlandeses, sabe, paramilitares... Eles eram muito unidos, como a máfia. Código de honra. Bem, para resumir, eu tive alguma participação em botar dois deles atrás das grades... É verdade, estou falando sério. De modo que tenho que ser cuidadoso. Eles não tocarão em Sue nem em Sean; isso não seria considerado aceitável. Mas, sabe como é, só por via das dúvidas. É por isso que tenho este lugar. Você não contou nada a ela?

— Nem uma palavra.

— Bom garoto. Ela só faria ficar preocupada. De modo que é apenas uma questão de instalar a fiação elétrica. Tornar o lugar habitável. Nada de muito elegante; um par de pontos de luz, soquetes e lâmpadas, aquecedores. Um dia de trabalho, talvez. Como eu disse, Dave ou Tony iriam bater com a língua nos dentes para todo mundo, adoram contar uma história... São bons rapazes, sabem trabalhar direito... Segure isto.

Ele entregou a Chris um rolo pesado de cabos elétricos que tirou do compartimento de carga do furgão, apanhou uma caixa de ferramentas e vários adaptadores e seguiu na frente em direção a um barracão de aspecto bastante sólido, semi-encoberto por urtigas. Era feito de painéis de concreto pré-moldado, o telhado era de ferro corrugado e, apesar da aparente decadência que o cercava, era uma construção de uma solidez impressionante. Barry girou uma chave, abriu a porta e eles entraram. O piso de concreto não tinha nenhuma rachadura; não havia nenhum cheiro de umidade. Havia até um ponto de luz elétrica funcionando, com uma lâmpada fluorescente tubular montada desajeitadamente nas vigas de madeira que sustentavam o telhado.

— Nada mal, hein? Bem construído, isso você pode ver que é. Vou fazer isolamento térmico, botar algumas placas de fibra de vidro no telhado, revestir as paredes, deixar tudo de uma maneira que fique decente. O encanamento já funciona, veja... — Ele sacudiu a cabeça na direção de uma pia de metal em um canto. — Na verdade, poderia até instalar um chuveiro, agora que estou pensando nisso. Você já fez trabalho de instalação hidráulica? Não deve ser realmente muito difícil botar também um vaso sanitário, não acha? Na verdade, seria bem sensato. Sim, é isso, um pequeno banheiro com um chuveiro, um toalete, uma pequena cozinha... Ficaria um bocado mais valorizado, não é mesmo? Veja só, isso aqui acaba de me dar uma bela idéia, sabe. Chalés para férias. Fazer uma boa planta e bingo. Os terrenos na Europa agora estão muito baratos. Entrar depressa no mercado. Esta é uma bela de uma idéia, esta...

O que Chris mais gostava em Barry era sua rapidez. Um minuto antes ele fazia insinuações misteriosas sobre vingança ao estilo da máfia e, agora, aqui estava ele fazendo uma fortuna imaginária ao construir chalés para férias na Europa.

Contudo, por mais que ele projetasse seus desejos em planos prévios, era bastante prático quando se tratava de detalhes. Ele havia feito uma planta da instalação elétrica que Chris não teve nenhuma dificuldade para entender e em pouco tempo todos os cabos, fios, adaptadores, tomadas e ferramentas estavam fora do furgão e arrumados em uma pilha bem organizada no piso de concreto.

— É claro que, se fôssemos considerar as coisas de maneira rigorosa, eu não

deveria tirar este material da firma, uma vez que isto é uma residência particular. Apesar disso, dei baixa como despesa de trabalho, para efeitos de impostos. Eu sempre pago os meus impostos. Alguns sujeitos não pagam, mas é fazer besteira. Eles podem levar anos para apanhar você, mas no fim acabam apanhando. Muito bem, Chris. Você acha que pode cuidar disso? Chris assentiu.

— Tem alguma coisa faltando nesta planta... Você não quer um interruptor junto da porta? Um interruptor principal para as luzes?

— Ah, eu sabia que tinha me esquecido de alguma coisa. Vou instalar um daqueles detectores infravermelhos, certo, de modo que se alguém se aproximar do barracão, as luzes se acendam. Vai ficar ali, do lado de fora da porta, com um timer. Se você se aproximar do barracão, as luzes se acenderão automaticamente, e você terá um minuto para abrir a porta e chegar até o interruptor interno ao lado do relógio da eletricidade. Depois de um minuto o interruptor do timer apagará a luz, mas a essa altura você já terá ligado o outro interruptor, entendeu, que comandará o anterior e deixará as luzes acesas.

— E um minuto é suficiente? Suponhamos que você deixe cair as chaves ou alguma coisa assim.

— Você pode programá-lo para funcionar o tempo que quiser, dez segundos, dez minutos...

Parecia um pouco complicado demais para Chris. Se o infravermelho falhasse, você teria que ficar Tateando pela parede junto ao piso, no escuro, até encontrar o interruptor. Contudo, era bastante fácil de entender.

— Onde está o detector infravermelho? — perguntou ele, examinando a pilha no chão.

— É um especial. Tive que encomendar. Ainda não chegou. Trate-o como se fosse apenas um interruptor normal; ponha os fios ali, como está no diagrama, prenda-os bem e passe fita isolante. Instalaremos o detector infravermelho quando chegar, OK? Você acha que pode fazer o serviço sozinho, agora que sabe onde fica o barracão? Olhe, tome a chave; vou lhe dar esta chave, tenho uma de reserva. Acho que vai precisar de um dia. Está tudo certo?

— Claro, tudo bem — respondeu Chris, calculando que poderia fazer o serviço na metade daquele tempo. — Sem problema.

— Então agora vou descarregar sua bicicleta e deixar você trabalhar. Comece amanhã ou comece agora, faça quando quiser. Vou esperar você de volta... Que dia é

hoje? Segunda-feira? Vou esperar você de volta na quarta-feira de manhã, com o serviço pronto. Dê um telefonema se tiver algum problema.

Chris pôs a chave no bolso e viu o furgão sair sacolejando pela estradinha horrorosa sob as árvores. Pouco depois não havia mais nenhum ruído exceto o cantar dos pássaros e o perpétuo zumbido distante do tráfego na auto-estrada, mas isso era tão abafado pelas folhagens, que praticamente não estava lá. O pequeno grupo de choupanas repousava embebido, afogado no verde; a hera enxameava subindo pelas paredes, as urtigas cercavam as portas, relva alta e grossa havia apagado os caminhos. Chris passou alguns minutos dando uma olhada nas outras construções (um galinheiro, o que parecia um galpão para a ordenha e alguma outra coisa que havia quase desabado) antes de procurar o canal. Estava invisível, embora ele soubesse que deveria estar a poucos metros de distância; o verde circundante — uma vicejante desordem de folhas, gravetos, galhos, relva, ervas — o desorientava. Finalmente ele avistou uma falha nos arbustos e abriu caminho em meio a eles até chegar à trilha vazia que cruzava o canal.

O canal era silencioso, estreito e marrom. Uma libélula azul deslizava sobre a superfície. A alguma distância, à direita, um pequeno barco de passeio jazia semi-afundado, declinando suavemente para a ruína e podridão total, algumas de suas moléculas sem dúvida já florescendo em triunfo em meio aos juncos que cresciam nas margens. Chris tinha observado o canal da ponte em Wolvercote. Meia dúzia de barcos por dia, se muito, navegavam por ele, com turistas de férias, tomando banho de sol, enquanto manipulavam as portas das comportas ou seguravam o leme. Agora não havia ninguém à vista, nenhuma outra criatura exceto a libélula e um indiferente cavalo castanho na campina do outro lado do canal.

Chris voltou caminhando em meio aos arbustos até o barracão — ou chalé. Podia vê-lo vividamente como Barry o via: revestido de cedro, com janelas de vidro temperado, um pátio com uma mesa debaixo de uma grande barraca, vasos sob as janelas cascadeando com flores de cores vivas; Barry, Sue e Sean, talvez de roupas de banho ao redor de uma churrasqueira. Era uma ilustração de um folheto de publicidade de férias.

A realidade era menos glamorosa. O interior do barracão era apenas um espaço em branco. Poderia ter servido igualmente bem como estúdio para um artista, como sala de aula temporária para uma escola superlotada, ou uma câmara de tortura na América Central. Sozinho, feliz e apreensivo, Chris começou a separar as ferramentas e cabos para o serviço e, como sempre, quando estava sozinho, entregou-se a devaneios. Não demorou muito e não era mais Barry quem morava ali, e sim ele e Jenny. Sua presença

irônica e esguia já enchia a clareira como um fantasma.

A história de Barry sobre os irmãos Carsons era parcialmente verdadeira. Entretanto, não tinha nada a ver com terrorismo. Tampouco o sobrenome de Barry fora sempre Miller.

Ele vivia então no sul de Londres. Seu nome era Barry Springer e trabalhava como eletricitista. Casualmente envolvera-se com dois irmãos chamados Frank e Billy Carson, que gostavam de pensar que eram líderes de gangue, como os famosos gêmeos Krays. E, do mesmo modo que o mundo dos Krays, o mundo dos Carsons se misturava um pouco com o mundo dos espetáculos. Barry gostava do sentimento de perigo e do glamour; ele gostava especialmente de estar na companhia de gente semifamosa como jogadores de sinuca e atores de televisão, de oferecer-lhes bebidas em clubes noturnos, de ser considerado por eles como um membro da gangue dos Carsons.

Na verdade, os irmãos Carsons não passavam de ladrões de galinhas. Tinham executado uma série de assaltos a joalherias sem serem apanhados, mas também sem ficarem ricos. Decidiram então assaltar um carro-forte Securicor que iria fazer entrega de dinheiro a um banco e, com o que obtivessem com isso, comprar uma participação em uma grande operação de drogas.

Porém Barry Springer tinha um problema de consciência no que dizia respeito a drogas. Ele também tinha um ligeiro problema de consciência com relação a roubo, de todo modo, mas pelo menos o dinheiro era limpo. Barry decidiu que o trabalho do Securicor seria o último que faria, e que pegaria sua parte do dinheiro e iria para algum outro lugar abrir um pequeno negócio.

O assalto não correu bem. Os irmãos Carsons estavam armados, algo que nunca tinham feito antes, e os guardas da Securicor mostraram-se muito mais alertas do que eles haviam esperado. Billy Carson entrou em pânico e disparou contra um deles; o guarda morreu na hora, e o bando fugiu com apenas uma pequena parcela do dinheiro que pretendia conseguir.

Durante os dois dias que se seguiram, os Carsons fizeram loucuras, como se soubessem que estavam acabados. Assaltaram um caixa de uma firma construtora, atiraram nele e fugiram com quatro mil libras; assaltaram e mataram um subgerente dos correios, e roubaram 300 libras; depois, por pura sorte, cometeram seu assalto mais lucrativo. Estavam circulando de carro, meio sem rumo, quando viram um outro carro-forte, dessa vez recolhendo dinheiro de um banco.

Se não estivessem bebendo e desesperados, e se não soubessem que estavam

condenados ao fracasso, jamais teriam corrido o risco de tentar. Mas, no impulso do momento, Frank Carson estacionou o carro na esquina e, 90 segundos depois, eles estavam correndo a toda a velocidade pelas ruas do sul de Londres com 147 mil libras no carro, e dois homens jaziam mortos no asfalto atrás deles.

Esconderam o carro e o dinheiro imediatamente, em uma garagem que tinham alugado atrás de umas lojas, em Deptford. Enquanto Billy ia para casa fazer as malas, Frank foi a uma agência de viagens comprar passagens para a Espanha. Ele jamais voltou para casa. Quando saltou do ônibus, percebeu que havia alguma coisa errada; e enquanto dobrava a esquina e avistava os atiradores de elite da polícia, posicionados no quarteirão de prédios de conjunto habitacional, a barreira montada na rua, os megafones, teve certeza de que Billy iria ser preso ou morto.

Rapidamente retornou à rua principal e tomou um ônibus para a garagem. Pelo menos com o dinheiro poderia se esconder e conseguir um outro passaporte, uma vez que o seu ainda estava no apartamento com Billy.

Mas o dinheiro havia desaparecido. Frank sabia que a única outra pessoa que sabia da existência da garagem era

Barry Springer, que não participara de nenhum dos assaltos desde o primeiro carro-forte Securicor, quando Billy havia matado o guarda.

Frank era um pouco mais cabeça fria que Billy, mas não muito — não o suficiente para se impedir de entrar no carro e correr para a casa de Barry Springer dominado pela fúria.

Era tarde demais, Springer não estava lá, nem sua esposa, nem seu filho pequeno. Em vez disso, quando Frank irrompeu porta a dentro, viu-se cara a cara com policiais armados de tocaia esperando por ele. Foi preso imediatamente.

Aquela altura, Billy tinha levado um tiro e morrido. Ele havia ferido dois policiais durante o tiroteio; um deles morreu no hospital. Frank foi julgado por assassinato e condenado à prisão perpétua. A principal testemunha de acusação foi Barry Springer. Como ele havia fornecido as provas da acusação, não respondeu a processo. Permitiram-lhe recomeçar sua vida livre de qualquer obstáculo. Ele mudou seu nome para Miller e deixou Londres com a família. A polícia o ajudou a cobrir seus rastros.

Mas Frank e Billy tinham um outro irmão mais moço. Seu nome era Edward e era um sujeito muito diferente. Onde eles eram impulsivos, ele era calculista; onde eles eram tapados, ele era inteligente. Edward não participara de nenhuma das atividades criminosas dos irmãos, não porque tivesse quaisquer escrúpulos morais, mas porque

achava que o crime era uma maneira ineficiente de conseguir o que também se podia conseguir e, mais importante, conservar, através da esperteza. Ele havia se formado como contador público e, com essa cobertura, havia aperfeiçoado maneiras de fazer dinheiro roubado parecer limpo. Já era rico.

Ele poderia ter desprezado a brutalidade imprevidente de seus irmãos mais velhos, não fosse por uma coisa: eles o tinham criado juntos e carinhosamente depois da morte dos pais idosos, e Edward os amava com o único amor que existia em sua vida.

Edward era um homem estranho, filosófico; um grande leitor; um homem cujas paixões eram tão frias e implacáveis quanto uma geleira. De modo que quando Billy foi morto e Frank mandado para a prisão para cumprir uma pena de, no mínimo, uns 25 anos, aquela inteligência gélida voltou-se contra Barry Springer. Springer traíra Billy; Springer estivera no banco de testemunhas jurando, com fingida inocência, que não fazia idéia de onde estava o dinheiro. E isso significara uma sentença ainda mais pesada para Frank, uma vez que o júri simplesmente não acreditara nele, quando havia afirmado que Springer deveria ter passado a mão no dinheiro.

A única paixão que pode criar raízes no solo congelado de uma natureza como a de Edward Carson é a vingança. Springer era responsável; Springer iria pagar por isso. Carson havia encontrado um meio para dar vazão a seu talento e uma utilidade para sua riqueza. Ele começou a procurar por Barry Springer.

Capítulo Quatro

Na terça-feira, Chris levou quatro horas para fazer o trabalho do princípio ao fim. Ao final do serviço, a fiação antiga fora substituída por uma nova, e havia um circuito de controle principal com quatro soquetes duplos instalados, um circuito radial para um fogão elétrico e um circuito de iluminação com duas rosáceas de teto. Além disso, Chris pensara numa variação para a idéia do infravermelho de Barry e incluía a fiação necessária para ela: um holofote montado do lado de fora do barracão, que também podia ser ligado e desligado do interior.

Depois que acabou, testou tudo para verificar se estava funcionando, se todos os fios estavam presos em segurança ao longo dos batentes e sarrafos que iriam levar o emboço e se toda a serragem e restos de cabo e pedaços de fiação flexível e pedacinhos

de plástico tinham sido varridos. Eram três horas da tarde e ele havia encerrado seu dia de trabalho.

Chris trancou o barracão e empurrou sua bicicleta pela trilha. Era uma estrada difícil demais para uma boa bicicleta comum; seria possível andar nela com uma mountain-bike, mas para Chris mountain-bikes eram coisas pesadas e desconfortáveis. Ninguém precisava de uma mountain-bike em Oxford, de modo que, quase por definição, qualquer um que usasse uma era esnobe. Para Chris, a definição de ciclismo era a velocidade e a coragem do Tour de France; ele poupava suas rodas para usá-las na estrada.

Quando chegou a Wolvercote, montou na bicicleta imediatamente e pedalou com vigor, de cabeça baixa, em direção à Cowley Road. Levou 15 minutos para chegar à casa de Jenny, onde não encontrou ninguém. Na verdade, ele não havia combinado de encontrá-la, mas, mesmo assim, sentiu-se desapontado.

Ficou dando voltas subindo e descendo a rua durante alguns minutos, antes de afinal sair da Cowley Road e seguir para Rose Hill.

Aquela era uma área de ruas pequenas e casas meio afastadas, no sul da cidade, onde seu pai vivera durante os últimos seis meses com Diane, sua amante. Chris não tinha certeza de por que estava indo para lá, exceto pelo fato de que não queria ir para casa.

Ficou surpreso ao ver uma placa onde se lia Vende-se diante da casa, mas, quando Diane abriu a porta, ele a esqueceu imediatamente. Ela era bonita, loura, meio gordinha, com cerca de 23 ou 24 anos. Chris a conhecia desde que começara a trabalhar no escritório de seu pai, dois anos antes.

— Chris! Olá. Ei, entre. Seu pai está no jardim.

Ele queria muito não se ruborizar com tanta facilidade. Era o fato de Diane ser tão bonita e era por causa de sua saia curta e das pernas de fora, o ar da tarde quente e carregado do perfume de flores, e também por causa da maneira como ela estava sorrindo para ele, como se gostasse dele.

Ele passou pela sala de visitas estreita e saiu pela porta-janela para o pequeno jardim ensolarado nos fundos.

— Oi, pai — disse ele.

Seu pai, de calções, camiseta e um chapéu-panamá cobrindo-lhe a cabeça calva, levantou o olhar dos papéis na prancheta em seu colo.

— Alô, garoto — respondeu ele. — Então, que diabo você quer?

Aquela era uma saudação habitual. Seu pai lhe queria muito bem e Chris sabia disso.

— Como vão as coisas?

— Os negócios andam de vento em popa, meu filho. É por isso que estou aqui, sentado ao sol, cuidando deles. Como vai sua mãe?

— Vai bem. Mike Fairfax está morando com...

Ele ia dizer com a gente, mas aquilo não teria sido verdade. Mike Fairfax estava dormindo com a mãe de Chris, não morando com eles. Seu pai se animou, interessado.

— É mesmo, Mike Fairfax, o filósofo?

— Ele mesmo. Ela agora está toda interessada em política. Usa broches e vai a reuniões e coisas assim.

Ele sentou-se no degrau do pátio e estendeu a mão para o gatinho preto e branco brincando ali. O bichinho bateu nela desconfiadamente, antes de sair correndo para se esconder debaixo de um arbusto de lavanda.

— Conheço o tipo — comentou seu pai. — Quero dizer Fairfax. Não me diga, ele é trabalhista, não é? Não pode ser um liberal. Tem que ser trabalhista. Estou certo?

— Mesmo se eu dissesse que não, você iria me dizer que eu estava cometendo um erro.

— Isso se vê de longe. Ele tem consciência social, eu sei disso. É uma coisa que eu nunca tive. Sua mãe ficou chocada quando descobriu. Eu me lembro, logo depois que nos casamos, a grande questão na época era salvar os tigres. Eu dizia, vamos salvar as drogas dos tigres, bela idéia; podemos usá-los em experiências médicas, teremos um volume de rendimento de experiência de pesquisa muito maior com um tigre que com um rato. Ela não gostou muito disso. É uma mulher séria, entende? Contudo, se o nosso amigo Fairfax está lhe fazendo companhia, muito justo. Obrigado, Diane, você é um amor.

Diane tinha aparecido com uma bandeja de chá e uma travessa de biscoitos feitos em casa de aspecto gorduroso. O pai de Chris estendeu a mão e pegou um.

— Você está ficando gordo — comentou Chris.

— Gordo? O que é isso? Você acha que estou gordo, Diane?

— Acho — respondeu ela. — Está um bagulho velho, disforme.

Ela puxou o chapéu para cima do rosto dele e entrou.

— Você vê como ela me trata? — comentou o pai de Chris, radiante, a boca cheia de biscoito.

— Foi a Diane quem fez os biscoitos? — perguntou Chris.

— Foi. Não gosta deles?

— São muitos gostosos, sim. Você agora está trabalhando em casa, papai?

— Quando posso. Não faz sentido ir até o escritório se posso sentar aqui e fazer a mesma coisa. De qualquer maneira, também não há muito trabalho no momento. Estou fazendo uma ampliação para um velho ricoço em Charlbury. Eu o convenci a reformar a casa inteira. Ele ganhou muito dinheiro e quer uma coisa clássica; de toda maneira, na verdade, isso é a única coisa de que os yuppies gostam, frontões, colunas e coisas desse tipo. Para mim é muito fácil fazer uma imitação, mas eu detesto, sinceramente. Pensei em fazer uma espécie de domo florentino na garagem, só que ele provavelmente iria perceber que eu estava me divertindo às custas dele.

— Você não deveria fazer, se detesta. Isso é a mesma coisa que se prostituir.

— Paga o aluguel. Não há nada de imoral em pagar o aluguel.

— Claro, mas... você deveria fazer as coisas que seu talento lhe diz para fazer, não o que um ricoço qualquer decide.

— Mas eu faço. Meu talento é para criar imitações, falsificar. E de qualquer maneira, ele está pagando; pode ter o que quiser. Eu trato de garantir que não vai desabar e que a chuva não vai entrar.

Ele fez uma careta, enfiou a mão no bolso da calça e tirou um tubo maltratado de pastilhas para a digestão.

— Porcaria de biscoitos — observou ele, ao mesmo tempo mastigando uma pastilha. — Sempre me dão azia. Ela é uma garota maravilhosa, sabe, a Diane. Tem um tremendo talento.

— Talento?

— Para a arquitetura.

— É mesmo?

Esperava não ter soado muito descrente. Não tivera a intenção.

— Pois é — prosseguiu o pai. — É um desperdício estar trabalhando como secretária. Ela vai para a universidade. E você? O que anda fazendo da vida?

Chris contou a ele sobre Barry Miller e o emprego. Perguntou a si mesmo se deveria mencionar o esconderijo e achou que não teria importância desde que não contasse onde era.

— Gângsteres estão atrás dele? — questionou seu pai. — Ele está levando você na conversa. O que ele quer é um lugar para encontros amorosos.

— Ele não é desse tipo!

— Aposto que é. Um lugar simpático para levar uma namorada. Foi por isso que não quis que você contasse à esposa dele. Não temos gângsteres à solta circulando por aí, não em Oxford.

— Ele não é assim — repetiu Chris teimosamente. A idéia de que Barry estivesse traindo Sue e Sean, rompendo com aquela família unida e afetuosa, era horrível.

— Pois bem, imagino que eu saiba do que estou falando — disse seu pai suspirando. — Ah, já sei o que eu ia pedir a você. Nós vamos viajar, Diane e eu, só passar o fim de semana fora. De sexta-feira a domingo. Será que você poderia passar aqui de vez em quando e ficar de olho no gato?

— Posso. Claro.

— O pestinha faz cocô em toda parte, come tudo e morde. Eu ficaria muito satisfeito se você desse um jeito para que ele fosse atropelado, mas Diane ficaria chateada, de modo que é melhor não fazer isso. Apenas dê-lhe de comer e ponha água para ele. Eu poderia pedir aos vizinhos, mas nos desentendemos no outro dia; eles são um bando que não merece confiança. Nós não vamos ficar por aqui muito tempo.

— Ah, é isso! Eu vi o cartaz dizendo Vende-se do lado de fora. Para onde vocês vão se mudar?

— Lá para os lados de Long Hanborough. Já compramos uma casa. É um velho chalé imundo, a única coisa que funciona é o banheiro externo. Estou com Mike Lovell fazendo umas obras nele agora. Ele fez a ampliação da cozinha, você se lembra dele? Assim que estiver pronto, vamos nos mudar para lá de modo que este lugar fique desocupado para um comprador. Olhe, você poderia ficar aqui e passar o fim de semana, se quisesse. Assim daria à sua mãe e Mike Fairfax a oportunidade de ficarem à vontade na casa, sozinhos. Convide uns amigos para vir aqui, se quiser. Dê uma festa e incomode os vizinhos.

— Fechado! Pode deixar, vou fazer isso.

Chris soube imediatamente o que ia fazer naquele fim de semana. Ele se despediu do pai, depois de combinar de passar para pegar a chave na sexta-feira à tarde, e tornou a entrar pela porta-janela. Olhou em volta, procurando por Diane para se despedir, e a encontrou descendo a escada. Ela olhou por cima do ombro dele e fechou a porta da sala de modo que ficassem sozinhos no corredor.

— Chris — perguntou baixinho. — A sua mãe... ela está bem?

— Ele também ficou me perguntando isso — disse-lhe Chris. — Sim, ela está bem, de verdade.

— Porque ela é uma pessoa tão boa. Eu detestaria se ela estivesse, sabe como é, infeliz ou coisa parecida. Isso me faria mal.

— Bem, no princípio ela estava. Mas acho que agora está OK. Inclusive arranhou um namorado, de modo que provavelmente não vai cometer suicídio nem nada desse tipo.

Ela deu-lhe um olhar confuso e retorceu a boca. Parecia ser ainda mais jovem do que Jenny. Diane estava tão perto que ele sentia o cheiro do sabonete que ela havia usado.

— Seria horrível para mim se todo mundo pensasse, sabe, eu estava apenas...

— É claro que ninguém pensa — respondeu Chris vagamente. — Papai me disse que você vai fazer um curso de arquitetura.

— Pois é. Foi idéia dele, na verdade. Parece interessante.

Eles ficaram parados ali, desconfortavelmente, por um segundo ou pouco mais, duas pessoas mais próximas em idade, personalidade e modo de agir uma da outra do que qualquer das duas o era do homem do lado de fora, o pai e o amante. Então Diane deu um pequeno sorriso triste e abriu a porta para que ele se fosse.

Capítulo Cinco

A mãe de Chris ficou muito contente que ele passasse o fim de semana na casa de seu pai. Ele não imaginara qual seria a reação dela; havia se tornado imprevisível desde que começara a namorar Mike Fairfax, ou então Chris havia perdido parte de seu talento para adivinhar. Ele temera que ela fosse fazer uma cena, tratar aquilo como abandono, traição, tomar o partido de seu pai contra ela e assim por diante. Mas, na verdade, ela pareceu muito satisfeita.

— Como está seu pai? — perguntou ela naquela noite, enquanto os três jantavam.

— Ele ficou me perguntando como você estava. Ele está bem. Está ficando gordo.

— Ótimo — retrucou ela.

— Ótimo?

— Bem, se ele não está preocupado com o fato de estar engordando, não vai

fazer o que aquele homem na Suíça fez.

— Homem na Suíça? — perguntou Mike Fairfax.

— No ano retrasado — contou-lhe Chris —, quando fomos para lá passar férias, havia um homem de meia-idade, hospedado no hotel, com uma garota realmente jovem. Ela tinha a metade da idade dele, e evidentemente ele estava tentando impressioná-la com a sua boa forma física. Por toda parte aonde íamos, nós o víamos correndo, nadando ou fazendo flexões, e ela vinha se arrastando atrás, parecendo mortalmente entediada. Eles têm umas pistas de corrida e exercícios com percurso demarcado na floresta, com aparelhos de madeira posicionados em intervalos, de modo que você corre um pouco, então faz exercícios de remo e abdominais, e depois corre mais um pouco. De qualquer maneira, certa manhã ele estava lá, tentando impressioná-la e teve um ataque de coração e morreu, assim, de estalo.

Mike deu uma resposta indiferente e se serviu de uvas. Ele era um que saía para correr todas as manhãs, e fora por esse motivo que Chris contara a história. Era uma boa pessoa, Chris percebia isso, interessado, dedicado e cheio de energia, e era gentil e decente. Dedicava um interesse especial a fazer com que Chris participasse das coisas, a educadamente consultá-lo como o morador mais antigo da casa, e a tratá-lo como um adulto sensível e inteligente. Era um dos maiores mistérios do mundo, refletiu Chris, como era possível que alguém que fizesse todas as coisas certas pudesse ser tão irritante.

Contudo, Mike não era importante. A única coisa importante era Jenny e o fato de que Chris ia vê-la na noite seguinte.

Parte do equipamento de iluminação de Barry Miller estava alugada para um grupo de teatro que encenava Romeu e Julieta nos jardins de uma das faculdades. Chris convidara Jenny para ir com ele e ela aceitara. Chris tinha comprado as entradas e tomado banho, se barbeado e se vestido com suas roupas esportes mais elegantes, e quando afinal parou diante da bilheteria da faculdade, onde tinham combinado de se encontrar, estava trêmulo de nervosismo.

Ele não fazia idéia do motivo, exceto de que aquele era uma espécie de compromisso para um programa formal, algo que ele nunca tinha feito antes. Mas, quando ela dobrou a esquina na rua estreita medieval, com uma aparência tão fresca, doce e compreensiva, o coração dele quase explodiu de orgulho e de amor, e ele descobriu suas mãos se estendendo para ela como se por vontade própria, quase. As mãos dela responderam. Eles ficaram parados tolamente por um ou dois segundos, sorrindo um para o outro, e ele pensou: Esta é a primeira vez que nos tocamos.

O palco era um tablado de madeira montado debaixo das árvores, com as cadeiras dispostas em fileiras sobre arquibancadas montadas ao seu redor. Eles sentaram bem no alto e assistiram ao desenrolar da história, um pequeno retalho de luz trágica em meio à escuridão que crescia. Chris mal acompanhou a peça. Toda a sua atenção estava concentrada em Jenny, na mão dela na sua, na curva delicada de seu pescoço, no aroma fresco de seu perfume, que lembrava flores de frésia, o mesmo que havia sentido no vestido de baile no abrigo para barcos.

Durante o intervalo, ela comentou:

— Eu nunca vi uma peça de Shakespeare antes. Fazíamos teatro na escola mas eu nunca prestava atenção. Era tudo misturado com Amor sublime amor e tínhamos que criar nossa própria versão moderna, com punks e coisas desse tipo. Não sabia que podia ser assim.

— Você não gosta?

— É maravilhosa!

No fim da peça, ela chorou. Pelo menos, limpou os olhos com as costas das mãos e fungou. Chris descobriu que ficou mais emocionado com isso do que com a própria peça.

Na saída, eles caminharam pelo jardim iluminado por lâmpões, de mãos dadas, e uma expectativa tensa parecia pairar no ar, como frutos maduros nas árvores que os cercavam por toda parte.

Do lado de fora do jardim, na ruazinha estreita, pavimentada de pedras, com o muro alto do jardim de um lado e o prédio de uma faculdade como grande e velho rochedo do outro, ela disse:

— Eu estava me perguntando...

— Sim?

— Eu estava me perguntando se algum dia você, afinal, iria conseguir me beijar.

Ele deixou cair a bicicleta e a tomou nos braços. Chris havia esperado calor e suavidade em seu corpo, mas nunca a esse ponto, e nunca combinados com uma força flexível e sinuosa que parecia tremular como uma chama em seus braços.

Atordoado com aquilo, ele nem se deu conta de quanto tempo havia se passado quando afinal se afastaram. Eles estavam parados a uma pequena distância de um velho lâmpão de rua montado sobre o muro da faculdade, e o rosto dela, meio sombreado, parecia forte e misterioso, como uma escultura asteca.

— Eu não compreendo você — disse ela.

— Por quê? O que está querendo dizer?

— Quero dizer que você evidentemente quer, mas que você recua. Não há nenhum motivo para ter medo.

— Não. É difícil de explicar. Eu acho que é —

— Não explique. Você não precisa explicar.

— Mas você disse que não compreendia, de modo que eu ia —

— Eu não quero compreender, não necessariamente. Acho que você é estranho; mas não me incomodo com o fato de ser estranho, não é nada que quero que mude ou coisa assim. Gosto de você como você é.

— Gosta mesmo?

— Acabei de dizer que sim.

— Eu amo você, Jenny.

Pronto, ele tinha dito. Não tivera a intenção de dizer, mas agora estava feito.

Subitamente, com uma pequena convulsão que pareceu um soluço, ela o estava beijando de novo. Os lábios dela estavam abertos e úmidos, eram como orvalho doce, Chris estava bebendo a essência dela e aquilo o estava deixando inebriado de encantamento.

— Escute — sussurrou ele quando finalmente eles pararam de se beijar. — Meu pai tem uma casa em Rose Hill, sabe, e ele vai passar o fim de semana fora e me pediu para ficar lá e cuidar do gato dele.

— Certo e...

— Você gostaria de vir e ficar comigo?

— Quando?

— Na sexta-feira à noite. E no sábado.

— OK.

Mais tarde, na cama, ele vasculhou exaustivamente a memória, depois de tê-la levado em casa e eles terem dividido uma pizza e uma cerveja, que era apenas o que o dinheiro que tinham dava para pagar, na cozinha da casa de Jenny, com uma garota chamada Marje. Jenny não quis deixar que ele fosse ao quarto dela, mas havia prometido ir à casa do pai dele; tinha certeza de que ela havia prometido. Chris repassou em sua mente os beijos que haviam trocado e as palavras dela, uma vez após a outra. Ele tinha certeza de que havia compreendido direito.

Quando chegou a sexta-feira, e Chris estava sentado na sala estreita de Rose Hill, sua certeza começou a se apagar. O gatinho de quem viera cuidar estava enroscado

dormindo no sofá, e o sol que se punha lançava uma luz cálida sobre a lareira vitoriana revestida de cerâmica, as prateleiras de livros ao lado dela, as revistas de arquitetura e livros de arte bem arrumados de seu pai, o maltratado mas bonito tapete persa. Chris ficou sentado em silêncio, sentindo a casa vazia ao seu redor, toda preparada para ela. Havia comida na cozinha: uma quiche gelada e uma salada, deixadas prontas e postas na mesa por Diane. Havia música; seu pai não era homem de viver sem seus cassetes e seus CDs: Wagner, Mahler, Bruckner, Strauss.

A casa inteira era deles... Chris começou a tremer. Ele havia compreendido mal. Ela não dissera que viria. Ela não viria; não tinha nenhuma intenção de vir. Tinha rido quando ele dissera que a amava e ele havia apagado aquilo da memória. Nunca tinha comido pizza e bebido cerveja na cozinha da casa de Jenny; sonhara toda aquela história. Ela agora estava lá, com Derek e Ollie, rindo dele. Chris imaginou todo tipo de humilhações, enquanto permanecia sentado ali na salinha bem arrumada e o entardecer se apagava e a escuridão da noite tornava-se mais densa no jardim.

Quando escureceu completamente, ele levantou-se devagar, sentindo a tensão em seus músculos. O gatinho ergueu o olhar para ele, por um rápido instante, e miou antes de tornar a adormecer imediatamente. Chris estendeu a mão para o interruptor de luz e, quando o abajur se acendeu, seu reflexo surgiu de um salto na vidraça da porta-janela, parecendo aprisionado e desolado.

Pensando na possibilidade de que ela tivesse se enganado com o número da casa e estivesse andando para baixo e para cima, pela estrada, procurando qual seria a mais provável, ele saiu pela porta da frente e postou-se no minúsculo jardim. Não havia ninguém à vista. Casinhas de tijolos idênticas se estendiam para a direita e para a esquerda dos dois lados da estradinha. As luzes estavam acesas atrás de janelas cortinadas, as lâmpadas dos postes refletiam-se nas capotas dos carros estacionados ou iluminavam o verde-claro das bases das copas das árvores altas na calçada, sem mostrar ninguém.

Ele podia ouvir o tráfego da estrada principal um quarteirão mais acima, depois da curva, e música que vinha da janela aberta de alguém do outro lado da rua, e gargalhadas de um jardim nos fundos. Acompanhando a fragrância intensa que as flores de perfume noturno dos goiveiros da casa ao lado exalavam, havia um ligeiro vestígio de fumaça de carvão no ar e o cheiro de carne sendo grelhada.

Andou bem devagar até o meio da estradinha, desceu até o fim, depois fez meia-volta e refez o mesmo caminho, passando pela casa até a outra ponta. Nenhum

carro entrou na rua, nenhuma estrela caiu do céu e nem uma garota apareceu na esquina.

Chris sentiu uma dor física no peito. Estava a ponto de chorar de tanto que queria vê-la. Sabia exatamente, quase que quantos metros, a que distância a casa dela ficava da dele. Sentiu uma corda invisível unindo os dois, estendendo-se muito tensa através da noite de seu coração até o dela. Ele a imaginou em casa, como estaria agora: um quarto com as luzes acesas no andar de cima, o quarto de Jenny, que ela o proibira de ver; o quarto dela, cheio de seu perfume, com as suas roupas jogadas sobre o encosto de uma cadeira, seus sapatos, o pequeno rádio que sussurrava para ela durante a noite, o pequeno espelho que olhava para ela, o abajur na mesinha-de-cabeceira que lhe iluminava a pele sedosa e morena...

Foi dominado pelo desejo de ir até lá naquele instante. Ele podia visualizar cada passo do caminho. Apenas ficaria parado do lado de fora, para ver se a luz do quarto dela estava acesa, para saber onde ela estava; isso seria o suficiente — ele se contentaria com isso.

E simultaneamente pensou em como estava sendo tolo. Não saberia qual das janelas na casinha era a dela. Poderia estar olhando apaixonado para a janela de Derek ou de Ollie. Ou então, a caminho de lá, poderia se desencontrar dela, enquanto estivesse vindo para Rose Hill por um caminho diferente. Então ela chegaria aqui, encontraria a casa vazia e iria embora de novo. Não! Ele teria de se manter confiante e esperar.

Foi caminhando de volta bem devagar, traçando as letras do nome dela em cada pedra de pavimentação, em cada poste de portão, fazendo com que a rua inteira se tornasse dela.

Depois de um último olhar ao redor, ele tornou a entrar. Na mesa da cozinha, havia posto dois pratos, duas facas e garfos, dois copos. Como aquilo tudo parecia patético. Tirou o prato dela e então se deu conta de que não estava com fome, e guardou tudo.

Na sala, tranqüila e silenciosa sob a luz do abajur, o gatinho acordara e estava procurando alguma coisa com que brincar. Chris o pegou no colo. Era tão pequenino e leve que parecia quase não estar lá, mas era cheio de vida e energia, golpeando as mãos dele com uma patinha de unhas como agulhas macias, saltando para o lado para se libertar da mão dele e sair correndo, apenas para voltar andando pomposamente, rolar de barriga para cima, patear e sibilar contra ameaças imaginárias.

— Você não precisa de ninguém, não é, Coisa? — disse para o gato. — Você

tem tudo o que quer. Tem as coisas todas e todo mundo organizado... eles lhe trazem comida, brincam com você e limpam a sujeira que você deixa, e você nem toma conhecimento disso, não é? E você também nem se importa. Seu pilantrinha de sorte. Se eu falasse com você sobre Jenny, você nem acharia graça. Não saberia de que eu estava falando. Só porque eu a vi naquele baile com seu vestido longo, debaixo das árvores... Estou perdido, eu não sei o que fazer...

O gatinho não lhe deu atenção. De repente, depois de atacar com violência o tapete persa por ter tido a ousadia de prender suas pequenas garras, ele se deitou e imediatamente adormeceu. Chris o acariciou com delicadeza e depois foi para a cama.

Capítulo Seis

Ele acordou cedo na cama estranha e ficou deitado por algum tempo sob a luz cálida, amarela, que passava através das cortinas, fazendo de conta que tinha perdido a memória e que não sabia quem era. Contudo, aquilo não adiantou; não conseguia esquecê-la por muito tempo nem ignorar como se sentia humilhado.

Às oito horas levantou-se, de coração pesaroso e triste, vestiu um calção e uma camiseta e desceu para dar o leite à Coisa e preparar seu café da manhã. Levou uma tigela de flocos de milho para o jardim, onde já fazia calor, e sentou-se no último degrau para comê-los.

Acabara de entrar para pôr a chaleira no fogo quando a campainha tocou. Imediatamente seu coração começou a bater disparado, mas era apenas o carteiro com um embrulho que era grande demais para ser posto na caixa de correspondência. Chris voltou para a cozinha e fez chá, perguntando a si mesmo o que iria fazer durante o resto do dia; e então a campainha tocou pela segunda vez.

Dessa vez era Jenny.

Estava parada no degrau da entrada, meio tímida, meio desafiadora, e disse:

— Acabou que não pude vir ontem à noite. Queria ter telefonado, mas...

— Eu acabei de fazer um chá — disse ele.

Chris se afastou para o lado. No momento em que ia passar por ele no vão da porta, ela hesitou e então, nas pontas dos pés, chegou perto dele e o beijou dasajeitadamente, antes de entrar. E pronto, aconteceu de novo — o coração de Chris se

derreteu mais uma vez.

Eles estavam ambos tímidos um com o outro. Chris serviu o chá para os dois, então sentaram-se no degrau, observando a Coisa correndo atrás de uma borboleta.

— Pensei que você não fosse vir — comentou ele.

— Eu disse que viria. Você deveria acreditar nas pessoas quando elas lhe dizem as coisas.

— Eu acredito. Acredito em tudo.

Ela bebericou o chá, segurando a caneca com as duas mãos. A luz clara do sol revelava uma textura fina, aveludada, em sua pele que era como a de uma ameixa: o mais delicado sombreado que se pudesse imaginar, leve como uma poeira muito fina sobre o moreno rosado que recobria. Ela pareceu gostar de sentir o olhar dele; virou-se e sorriu.

— Afinal, de quem é esta casa? — perguntou Jenny.

— Do meu pai. Ele mora aqui com a namorada. Eles foram para Paris, passar o fim de semana.

— O que ele faz, o seu pai?

— É arquiteto. Ela, a namorada dele, Diane, é sua secretária. Ou era. Ele acha que ela tem talento para a arquitetura, de modo que Diane vai fazer um curso na universidade.

— Talvez ela tenha mesmo.

— Bem... pois é, talvez tenha mesmo.

— Houve uma grande briga? Quando eles se separaram, ele e sua mãe? Foi muito sofrido?

— Não houve nenhuma cena, nada disso. Foi tudo muito civilizado, como se diria. Sabe como é, aquelas conversas tipo, nós somos maduros demais para nos comportarmos de uma maneira vulgar e atirar coisas pelos ares, céus, vamos agir com sofisticação... Mas na verdade acho que mamãe ficou arrasada. Ela passava o dia inteiro fechada no quarto e enchendo a cara. Eu fazia todas as compras, cozinhava e tudo o mais. Então, um dia, ela conheceu esse sujeito, ele agora está morando conosco, e então tornou a ficar bem. Começou a me tratar como se eu fosse um garotinho de novo, apesar de eu ter cuidado dela durante todo aquele tempo.

— Você não fala como se gostasse muito dela.

— Gostar dela? Ah, claro que gosto, ela é boa gente, é legal. Mas ele, francamente, eu não suporto.

— Seu pai?

— Não! O namorado dela. Ele é todo esquisito e fresco, sabe como é. Ele quer que todo mundo goste dele, então se esforça demais para agradar. Meu pai não é nem um pouco assim. Está pouco se lixando. Ou pelo menos, finge que não se importa, mas sei que se interessa por arte, arquitetura e música, e coisas desse tipo. Você não imaginaria isso, se visse como ele é. Ele é gordo e calvo, parece uma pessoa muito relaxada e preguiçosa, mas na verdade é um homem muito estudioso, sabe uma montanha de coisas e realmente também sabe apreciar, dá valor e se interessa por certas coisas. Não para impressionar as pessoas, mas se interessa pela verdade, pela honestidade e por fazer bem as coisas.

— Você ama seu pai?

— Sim, amo. Amo sim.

— E a namorada dele?

— Diane? Ah, ela é realmente muito moça; é loura e bonitinha e... tudo bem, acho que pode até ser que ela tenha talento para a arquitetura, mas essa não é a primeira coisa em que você pensaria. Sabe, você vê Diane e papai juntos, e de alguma maneira sinceramente não pensa que eles passem muito tempo discutindo arquitetura.

— Você tem irmãos ou irmãs?

— Não. E você?

— Não. Graças a Deus. — Então ela colocou a caneca no degrau, levantou a cabeça para olhá-lo e disse: — Vamos entrar.

Chris levantou-se, o coração batendo acelerado, e a seguiu pelas portas-janelas até a pequena sala de visitas. Ela se virou ligeiramente. Ele a segurou pelo pulso, a carne nua sob seus dedos, e então eles caíram nos braços um do outro, se beijando com tanta voracidade que fez doer-lhes os lábios.

Depois de um minuto eles se separaram, sem fôlego, e cada um viu um brilho urgente nos olhos do outro. Sem dizer uma palavra, deram-se as mãos e se encaminharam para a escada.

No quarto dele, sentaram-se na cama desfeita. Ele disse:

— Levante-se um segundo. — E tirou fora todas as cobertas, de modo que a cama ficou vazia, uma superfície branca, limpa. Deitaram-se juntos. Ela era tão esguia e leve, que seu corpo mal fazia qualquer impressão na cama. Chris sentia o perfume de seu cabelo, doce, como se tivesse acabado de lavá-lo. Jenny levantou o olhar para ele por um breve momento, depois seus olhos se desviaram e ela se remexeu chegando para baixo,

de modo que sua cabeça ficou no travesseiro ao lado do cotovelo dele. O movimento fez com que sua saia curta, florida, subisse, franzindo-se nas coxas. Ela não fez nenhum movimento para puxá-la para baixo.

Chris inclinou-se para beijá-la. Ela moveu ligeiramente a cabeça para tornar isso mais fácil, e eles descobriram suas bocas se tocando — de início, roçando delicadamente de um lado para o outro, para cima e para baixo, com a parte externa dos lábios, ambos se refreando. Então, quando ele baixou a boca na direção do queixo de Jenny, ela deixou o lábio inferior acompanhá-la e ele se descobriu beijando o interior sedoso e úmido, e o tocou com sua língua, como um peixe pequenino e delicado.

Chris sentiu a língua ser tocada pela dela em resposta, seus lábios mordiscaram-na com a maior ternura; e então eles estavam comendo, bebendo, lambendo, engolindo, explorando o interior da boca um do outro com uma liberdade perfeita.

A mão dele ainda estava sobre o braço dela. Chris deslizou-a delicadamente e acariciou-lhe o seio: a coisa mais macia do mundo, uma nuvem, um pensamento. E lá estava o mamilo sob a palma de sua mão, através da camiseta de algodão, de alguma forma inocente, em sua firmeza pequenina, e ele o acariciou com as pontas dos dedos. Era como um pequeno animal encostando o focinho nele, curioso e dono de si, e ele se viu sorrindo de encantamento.

As mãos dela também estavam se movendo sobre seu corpo: as costelas, a coxa, o estômago nu. Mais uma vez eles se beijaram e depois mais outra, agora com mais força. Ele apertou todo o comprimento de seu corpo contra o dela, e sentiu, feliz da vida, uma pressão igual respondendo à sua.

Então ela se soltou dele e sentou-se. Com um movimento rápido, puxou a camiseta pela cabeça e levantou-se para tirar a saia e as calcinhas. Ele prendeu o fôlego ao ver os seios pequeninos arredondados, de bicos rosados, a curva delicada, muito suave da barriga sedosa, o brilho lustroso, perolado, da coxa e da nádega, o tufo elegante e franco de pêlos negros.

E então ele viu uma coisa que antes estivera escondida: uma pequenina e perfeita borboleta azul, tatuada no alto do seio esquerdo.

— Você não... não foi o Ollie —

— Céus, não! — exclamou ela, com um pequeno soluço. — Eu não deixaria que ele chegasse perto de mim, não se preocupe. Esta borboleta é trabalho de profissional.

— É linda, adorei — disse ele.

A borboleta — ela — seu corpo — sua expressão, ruborizada, excitada, confiante — era tudo tão lindo quanto tinha sido a noite do baile... aquele momento extraordinário em que ela havia surgido da escuridão à beira do lago, precisando da ajuda dele.

Todos os resquícios de timidez e de dúvida tinham desaparecido e poucos segundos depois ele também estava despido. Imediatamente seus corpos se colaram, abraçando-se apertado, as pernas nuas se enroscando, mãos pressionando as costas um do outro.

Ela se afastou e sentou-se, a respiração ofegante.

— Espere — disse e enfiou a mão na bolsa de lona que deixara cair ao lado da cama.

— Eu tenho — disse ele.

— Está tudo bem.

Ela se levantou segurando alguma coisa no punho cerrado. Ele se levantou de joelhos, na cama, para ficar de frente para ela e, agora que ambos haviam se levantado, as mãos dele estavam livres para descer acariciando-lhe os flancos, passando sobre a curva ligeira dos quadris esguios, e segurar em concha as nádegas sedosas. Chris beijou e beijou, uma vez depois da outra, as faces, o pescoço e os ombros de Jenny; e ela segurou-lhe a cabeça e a apertou contra os seios, e ele os beijou e beijou, inebriado de amor, até que ela caiu novamente na cama e eles ficaram deitados.

— Só um segundo — sussurrou ela, virando-se para o lado. Jenny abriu a mão e rasgou a pequena embalagem que segurava. Era uma camisinha.

Ele disse:

— Eu também comprei uma —

— Não faz mal, psiu...

Jenny ficou de joelhos e, com uma lentidão provocadora, colocou-a nele. Por um segundo fugidio, Chris sentiu-se triste: ela já havia feito aquilo antes; não era tudo tão novo para ela como era para ele. Então ela deitou-se de novo e ele começou a acariciar-lhe as costelas, as coxas, a elevação frágil do osso dos quadris, a ondulação macia dos pêlos encaracolados, e então, com a ponta dos dedos, sentiu a beira do que, ao tato, parecia uma outra boca, uma boca secreta, tão úmida e aberta quanto a que ele estava beijando.

— Chris... — sussurrou ela, mas foi mais como um suspiro.

Chris sentiu a respiração de Jenny em seu pescoço, os lábios de Jenny em sua orelha. Então, com um movimento rápido, delicado, ela moveu o corpo para que ficasse

mais fácil para ele, e Chris deslizou para dentro dela com a mesma suavidade de um nadador entrando na água; e depois disso ele quase não teve mais consciência do que era o corpo dela e do que era o dele, da manhã e da noite, do conhecimento secreto dela e de sua própria inocência.

Parte Dois

Capítulo Sete

Jenny sentiu algo bem diferente. Quando eles fizeram amor, para ela aquilo parecera desajeitado e rápido demais, e também, um pouco triste, mas haveria tempo para aprender, e ficou comovida com a ternura dele por ela. Jenny ficou com Chris durante o dia de sábado, passou a noite com ele, e tudo parecia estar bem; mas, enquanto dormia nos braços de Chris no domingo de manhã cedinho, aconteceu uma coisa que se interpôs entre eles como o cravar de uma espada.

As autoridades policiais de Oxford, havia algum tempo, vinham observando com preocupação o volume do tráfico de drogas na cidade e tinham decidido aproveitar a obscuridade do amanhecer para efetuar uma batida, em uma incursão contra todo mundo que acreditavam que pudesse estar envolvido. Isso incluía o grupo que morava na casa invadida. Na verdade, os policiais estavam enganados. Embora Derek e Ollie fumassem maconha de vez em quando, eles nunca vendiam drogas; e a própria Jenny nunca mais havia tocado em drogas, desde seu episódio com Tansy. Mas isso não teria feito nenhuma diferença. Ela teria sido presa com Derek e Ollie e centenas de outros, só que, é claro, ela não estava lá.

Jenny não soube de nada a respeito da batida até sair de Rose Hill, no domingo à noitinha, para voltar para casa.

Quando dobrou a esquina de sua rua, percebeu imediatamente que alguma coisa estava errada. Uma grande folha de compensado fora pregada vedando a porta, e as janelas do andar térreo também estavam fechadas com tábuas. Não havia nenhum sentido em sequer tentar entrar; ela sabia exatamente o que acontecera.

Também não havia sentido em ir procurar a polícia e pedir suas coisas de volta, suas roupas e os poucos objetos pessoais que havia acumulado. Aquilo significaria apenas ser envolvida nos problemas de Derek e Ollie e, por mais que gostasse dos dois, não tinha nenhuma confiança na polícia. Acreditava que eles certamente diriam que também haviam encontrado drogas no quarto dela; era inevitável.

O pouco dinheiro que tinha e as roupas de que precisava para uso imediato estavam com ela, na mochila. A coisa natural a fazer teria sido ligar para Chris e contar a ele o que acontecera, mas havia um motivo simples e ridículo pelo qual não podia agir assim, durante todo o tempo que passaram juntos, que na verdade não havia sido muito longo, não ficara sabendo qual era o sobrenome dele nem seu endereço. Assim, não tinha como descobrir o número de seu telefone.

Ela poderia ter ido à Oxford Entertainment Systems e tê-lo encontrado lá, mas tudo o que sabia sobre a firma em que ele trabalhava era que ficava em algum lugar na zona leste de Oxford; não tinha idéia de como se chamava, nem do que Chris realmente fazia lá. Uma outra coisa que ela poderia ter feito seria voltar à casa de Rose Hill e perguntar ao pai de Chris, que àquela altura já deveria ter voltado, qual era o endereço ou o número do telefone do filho. Mas não conseguiu se obrigar a fazer isso. Apesar de tudo o que Chris tinha dito a respeito dele, um pai era um pai, e ela se sentia constrangida demais para falar com ele, depois do que estivera fazendo em sua casa. Nunca se passava um dia — na verdade, raramente uma hora se passava — sem que seu próprio pai aparecesse para assombrar algum recanto de seus pensamentos.

De modo que ela não falou com Chris. Em vez disso, foi para o apartamento alugado de uma amiga que às vezes trabalhava no mesmo café e dormiu no chão. Não demoraria muito a encontrar Chris, pensou.

Assim que acabou o trabalho, na tarde de segunda-feira, Chris pegou a bicicleta e foi correndo pela Cowley Road para a casa de Jenny. O dia estava quente e ele parou para comprar dois picolés, pensando em levar um para ela. Quando viu a chapa de madeira pregada na porta, parou como se tivesse levado um soco no coração.

Ficou parado, montado na bicicleta, o sol quente batendo em suas costas e então se lembrou dos picolés derretendo na sacola de papel. De maneira automática rasgou a embalagem de um deles, para não desperdiçá-lo, e ficou ali, olhando idiotamente para a madeira lisa, para as janelas cobertas.

Um pouco mais abaixo na rua, a porta de um carro se abriu e um policial em mangas de camisa saltou. Chris nem reparou quando o homem apareceu a seu lado, a

expressão de seu rosto invisível sob o boné de pala e os óculos escuros.

— Está procurando alguém? — perguntou o homem.

Chris estava com a boca cheia de sorvete. Teve consciência do sorvete derretendo, escorrendo pelo palito e sobre seus dedos, e sentiu-se em posição de desvantagem.

— Estava — respondeu depois de engolir. — Que aconteceu?

— Por quem estava procurando?

Então Chris se lembrou de que Jenny e os outros haviam invadido e ocupado a casa, que a casa não era legalmente deles. Se dissesse alguma coisa a respeito dela, poderia trazer-lhe problemas.

— Uma pessoa conhecida — respondeu.

— Como se chama essa pessoa?

— Por quê? Quero dizer, o que está acontecendo? O que houve aqui?

— Essa pessoa morava aqui?

— Morava. Mas —

— Como se chama essa pessoa?

O sorvete finalmente se soltou do palito e caiu sobre a calçada, espirrando uma ou duas gotas no sapato bem engraxado do policial.

— Olhe, o que está acontecendo? — perguntou Chris ansiosamente. — Por que não me diz o que aconteceu? Eles estão bem? Houve um acidente ou alguma coisa assim?

O policial pareceu avaliá-lo por um instante. Então tirou os óculos escuros e disse:

— Olhe, meu filho, não estou querendo lhe criar dificuldades. Ele era um bom amigo seu, este sujeito?

Chris pensou rapidamente. Parecia que alguma coisa ruim tinha acontecido — mas não com Jenny, caso contrário, o policial teria dito ela, amiga.

— Não, era apenas um conhecido. O nome dele é Derek.

— Bem, seu amigo foi preso ontem e acusado de vender drogas. Foi para isso que você veio aqui?

— Para quê? Drogas? — Chris estava boquiaberto de espanto. — Eu? É claro que não!

— Não, naturalmente — retrucou o policial, puxando um bloco de notas. — Pode me dar seu nome e endereço?

— Para quê?

— Para o caso de seu amigo precisar de sua ajuda. Caso nós precisemos entrar em contato com você.

Como a maioria das pessoas de sua idade, Chris tivera pouco contato com a polícia, mas tinha medo e desconfiava de policiais. Naquele ano mesmo, estava um dia voltando tarde para casa de bicicleta, com seu amigo Carl, e dois policiais em um carro tinham feito com que parassem e lhes dessem seus nomes e endereços, insistindo em examinar as bicicletas para verificar se estavam devidamente identificadas com seus códigos postais. Chris lembrava-se de ter se sentido assustado e impotente, apesar de não ter feito nada de errado, e agora sentia a mesma coisa. Simplesmente não lhe ocorreu dar um nome e um endereço falsos; e se tivesse feito isso, imaginava que a verdade teria sido descoberta e que só tornaria as coisas piores. Assim, com raiva e ressentido, deu seu nome e endereço verdadeiros. O policial anotou-os.

— E os outros que moravam aqui? — perguntou Chris.

— Outros? Que outros?

— Os amigos de Derek.

— Quem são eles?

— O senhor quer que eu lhe dê os nomes, certo? Assim, vai poder procurar por eles?

O policial olhou-o com firmeza.

— Se estiverem envolvidos, e se você souber alguma coisa a respeito deles, e esconder isso da polícia, então também estará envolvido, camaradinha.

— Eu acabei de lhe dizer a droga do meu nome e não é camaradinha.

— Isso é verdade — concordou o policial. — E é muito bom que eu saiba que você está dizendo a verdade, Chris. Eu sempre percebo quando as pessoas mentem. Pois muito bem, as pessoas que estavam morando aqui, fossem lá quem fossem, estavam fazendo isso ilegalmente. Para resumir, tinham invadido a casa. Eles haviam sido notificados de que deveriam sair, de modo que estavam sujeitos a ser presos por invasão de propriedade privada. Até onde você quer ajudar seus amigos?

O significado era claro: eu não vou lhe contar nada, mas quanto mais nós conversarmos, mais você vai me dizer. Chris sentiu o rosto ficar vermelho de raiva. Não poder perguntar nada a respeito de Jenny sem incriminá-la.

— Onde estão eles agora? — perguntou.

— Na delegacia de St. Aldate, imagino.

Chris virou-se para ir embora. Jogou o saco de papel com o sorvete de Jenny na lata de lixo mais próxima e saiu pedalando com a cabeça latejando.

Assim que chegou em casa, e sua mãe saiu para o jardim, de modo que pudesse fazê-lo sem ser ouvido, telefonou para a delegacia.

— Alô. Estou tentando localizar uma pessoa... ela está desaparecida...

Ele teve de dar seu nome e seu endereço. Como tivera tempo para pensar, deu um nome e endereço falsos.

— E quem é a pessoa desaparecida?

— O nome dela é Jenny. Humm... sei que parece idiotice. Sinto muito, mas não sei o sobrenome dela.

— Onde ela mora? Ele hesitou.

— Em algum lugar na zona leste de Oxford. Perto da Cowley Road. Não tenho certeza de onde exatamente. Ela tem 17 anos, é magra e tem cabelo curto e escuro. Ah, é branca, tem sotaque de Yorkshire.

— Há quanto tempo está desaparecida?

— Há cerca de... 24 horas.

— E qual é seu relacionamento com ela? Quero dizer, você trabalha com ela? Ela é sua amiga, ou o quê?

— É uma amiga.

— Namorada?

— Bem, é.

— Você não sabe onde ela mora, não sabe qual é o sobrenome dela... Que foi que houve, ela não apareceu para um encontro ou coisa assim?

Chris sentiu-se tolo e desanimado.

— É, uma coisa parecida.

— Ela é de Yorkshire, você disse? Será que ela não poderia ter voltado para casa?

— Bem, imagino que poderia.

— Então, por que não tenta encontrá-la por lá? Não temos muitos detalhes para nos ajudar a procurar, não acha?

— Não, mas... acho que ela pode ter sido presa, é só isso.

— Quando?

— Ontem.

— Onde, aqui em Oxford?

— É. É possível.

— Espere apenas um minuto.

O telefone ficou silencioso. Pouco tempo depois, a voz falou de novo.

— Ninguém com essa descrição foi preso aqui, isso é tudo o que posso lhe dizer. Se importaria em me dizer o que — Chris parou de ouvir. Desligou o telefone.

Capítulo Oito

Naquela noite, Mike Fairfax estava participando de uma reunião em algum lugar, de modo que Chris e sua mãe jantaram juntos sozinhos. Em vez de comer na mesa grande na cozinha, como costumavam fazer quando Mike estava em casa, comeram uma pizza com o prato no colo, enquanto assistiam à televisão. Chris sentiu-se satisfeito por não terem que encarar uns aos outros e conversar. Havia apenas uma coisa ocupando sua mente e ele não queria conversar a respeito daquilo.

Sua mãe era uma mulher bonita, atraente, de 40 anos, cujos cabelos escuros e pele morena levavam algumas pessoas a pensar que era do Oriente Médio, apesar de não ser. Ela trabalhava como professora de arte em uma escola particular e, de tempos em tempos, dedicava-se quase seriamente à cerâmica, à tecelagem ou a algum outro tipo de trabalho artesanal, e fazia grandes progressos, com bons trabalhos, antes de perder o interesse. Tinha medo de ser menos interessante, menos talentosa e atraente que o pai de Chris, e provavelmente estava certa. Ela suspeitava que Chris gostava mais da companhia dele do que da dela, e também estava certa nisso. No fim das contas, ela era uma mulher infeliz e só Mike Fairfax a impedira de se tornar amarga; mas agora, apaixonada por ele, ela irradiava um brilho de contentamento que até Chris percebia.

Naquela noite, enquanto estavam juntos na desordem confortável da sala de visitas, ela sentiu que negligenciara o seu filho nos últimos tempos, e se deu conta de que não haviam sequer planejado uma temporada de férias para aquele ano. Com todas as mudanças que haviam ocorrido, aquilo simplesmente fora esquecido.

— Acabei de pensar nisso! — exclamou ela. — Não planejamos coisa alguma.

— Que tipo de coisa?

— Umas férias. Eu deveria ter pensado... Simplesmente me esqueci. Que besteira minha.

— Não faz mal. De qualquer maneira não quero ir para fora.

— Ah, deixe disso, não seja um desmancha-prazer. Nós sempre vamos para fora.

— Com papai, sim, íamos.

— Bem, as coisas estão diferentes. Mas ainda devemos tirar umas férias.

— Tudo está diferente. E, depois, Barry Miller precisa de mim em tempo integral.

Já me disse isso.

— Como assim, para sempre? É apenas um emprego de férias. Ele está proibindo você de viajar ou coisa parecida?

— Não há nenhum lugar para onde eu queira ir. E, de todo modo...

Ele não sabia como dizer aquilo. Contudo, ela adivinhou o que estava querendo dizer e, numa rara demonstração de confiança, disse:

— De todo modo, o quê?

— Bem, o que estou querendo dizer é, quem seria?

— Como assim quem seria?

— Bem, eu e você, ou o quê? Você está falando de Mike vir junto também?

— Por que não?

— Não há nenhum motivo por que não. Estou apenas perguntando, ele também iria conosco?

— Eu não sei, Chris. Não perguntei a ele. Acabei de pensar nisso neste minuto. Apenas lembrei que não tínhamos planejado sair para umas férias e achei que talvez pudesse lhe agradecer viajar, ir para algum lugar no exterior, é só isso.

Ele deu de ombros.

— Bem, normalmente... eu não sei mamãe. É apenas que não tinha contado com isso.

— Bem, você não gostaria de ir?

— Não, na verdade, não. Se você está perguntando o que eu quero, pois bem, o que eu quero é ficar aqui e trabalhar para Barry Miller. Não quero ir para lugar nenhum.

Estavam ambos de olhos cravados na televisão, em vez de olhar um para o outro, embora nenhum dos dois pudesse dizer a respeito de que era o programa. Ela tomou um gole cuidadoso de seu vinho.

— Faria diferença se Mike não fosse? — perguntou.

— Não.

Houve mais uma pausa. Então Chris perguntou:

— Por que você e Mike não fazem uma viagem sozinhos?

— O quê? Ah, deixe de bobagem.

— Por que isso seria bobagem?

— Não vou deixar você sozinho.

— Eu sei me virar. Eu me virei muito bem na casa de papai. E me virei bem aqui, também, antes que você conhecesse Mike.

— Eu sei, querido. Eu sei que você sabe. Não é isso. Mas eu não poderia ir para fora e deixar você sozinho, de jeito nenhum. Simplesmente não consigo compreender por que você quer passar o verão inteiro trabalhando naquele emprego chato em Cowley.

— Porque eu gosto de Barry Miller, é por isso. E não é chato. E se você vai começar a torcer isso para dizer que sou eu quem estou impedindo você de tirar uns dias de férias, não estou, OK? Eu sei cuidar bem de mim mesmo e gosto de cuidar de mim mesmo, então se você e Mike quiserem ir para algum lugar, acho isso ótimo. Acho que tudo bem, que não é nenhum problema. Tratem de ir.

A última coisa que Chris queria fazer durante o resto daquela noite era ficar em casa, assistindo à televisão. Inquieto e infeliz, desesperado para ver Jenny novamente e tê-la em segurança em seus braços, para conversar e para beijar a borboleta tatuada, ele saiu de casa, assim que acabou de encher a máquina de lavar louça, fazendo rondas em sua bicicleta, no calor agradável das ruas na noite quente, examinando cada rosto, e sem encontrá-la em lugar algum. Só depois que escureceu completamente foi que, com relutância, voltou para casa.

A garota no chão de cujo quarto Jenny passou a noite de domingo deixara seu antigo emprego, indo trabalhar em um café que se tornara muito procurado pelo tipo de pessoas que gostavam de serem vistas bebendo cervejas estrangeiras, que estavam na moda, e ouvindo a última palavra em termos de música ao vivo, que naquele verão era jazz. O café vendia calzones, pizzas e batatas assadas em travessas de ferro fundido, saladas em tigelas de madeira, e os funcionários da casa pareciam ser ainda mais agressivamente esnobes que os clientes.

Eles precisavam de mais uma garçonete e, como o dinheiro de Jenny tinha acabado, sua amiga sugeriu que viesse com ela e conhecesse o gerente. Ele se chamava Tommy Sanchez. Era um homem de trinta ou trinta e poucos anos, forte e de voz rouca; os cabelos escuros compridos, puxados para trás e presos em um rabo-de-cavalo. Tinha as mesmas origens de classe alta que seus funcionários e clientes. Jenny não era o tipo de garota que ele normalmente contratava, mas ofereceu-lhe um emprego, para começar

naquela segunda-feira à noite. Ela sabia que dera sorte de encontrar trabalho tão depressa; não tinha escolha senão aceitar.

Jenny estava começando a se dar conta, cada vez mais, do efeito que exercia sobre certos tipos de homens. Eles em geral eram muito mais velhos que ela, com idade suficiente para ser seu pai, e pareciam detectar alguma qualidade nela que os excitava. E então, deixavam de ser homens e tornavam-se algo semelhante a tigres ou lobos — de olhar muito brilhante, de boca cruel, interessados não em gentileza ou em amizade ou amor, mas em consumi-la, destruí-la, desfazê-la em pedaços. Por outro lado, os rapazes e homens de quem ela gostava e em quem confiava ou eram do tipo cujos interesses estavam em outras coisas, como Derek e Ollie, ou daqueles que ainda traziam em si uma espécie de inocência, como Chris. Ela nunca havia conhecido ninguém como ele. Não era nenhum covarde, nenhum fracote, também não era ignorante ou infantil; mas havia algo de limpo e singelo nele, como se fosse um habitante de coração puro vindo de alguma cultura impoluta que ficasse muito, muito distante. Não houvera nada que ela quisesse fazer mais, durante o tempo que tinham passado juntos em Rose Hill, que contar a Chris sobre seu pai e como ele havia infernizado e destruído sua infância. Mas, ao mesmo tempo, Jenny sabia que aquilo o chocaria; temia que ele passasse a vê-la como ela própria via a si mesma: corrompida, venenosa, suja.

E quando conheceu Tommy Sanchez, reconheceu nele, imediatamente, aquele tipo que já conhecia e tomou a decisão de se manter tão longe dele quanto fosse possível. E de passar todo seu tempo livre procurando por Chris.

Enquanto isso, Chris procurava por ela. A cidade de Oxford não é grande o suficiente para alguém se perder nela, e teria sido possível que eles se encontrassem por acaso, mas uma sorte infeliz os manteve separados.

Para começar, Jenny trabalhava no café a noite inteira, que era a maior parte do tempo de que Chris dispunha para procurar por ela, já que durante a manhã e a tarde ele normalmente estava no depósito ou fora, no furgão. Em segundo lugar, se ela estivesse trabalhando em qualquer outro bar, ele poderia ter entrado para tomar um café ou comer alguma coisa, e tê-la encontrado assim. Mas no ano anterior, quando o lugar fora inaugurado, Chris fora lá em busca de um trabalho para o verão e Tommy Sanchez tinha sido tão desagradável, que ele havia jurado nunca mais voltar lá. E, finalmente, Jenny tivera que se mudar. Não podia dormir no chão do quarto de sua amiga para sempre, e lugares para morar em Oxford, propriamente dita, eram quase impossíveis de encontrar. Agora que tinha um emprego fixo, podia pelo menos pagar o aluguel de um quarto, ainda

que não ficasse na cidade. Encontrou um pequeno apartamento de um só cômodo para alugar em Kidlington, um trajeto não muito longo de ônibus em direção ao norte, no mesmo vilarejo em que Barry Miller morava. Assim, a maior parte do tempo Jenny nem estava em Oxford.

Os caminhos deles de fato se cruzaram. Numa ocasião, estiveram a poucos metros um do outro; mas a rua estava lotada de turistas e eles simplesmente passaram um pelo outro, sem se ver. E uma vez, no final da tarde, enquanto Jenny estava no microônibus quente, descendo pela Banbury Road a caminho do trabalho, viu Chris pedalando na direção oposta — de rosto sério, concentrado e retraído. Ela pediu ao motorista que parasse e saltou do ônibus imediatamente, mas Chris já estava longe demais para ouvi-la gritar seu nome e não olhou para trás.

Finalmente, engolindo seus receios, dizendo a si mesma para não ser idiota, Jenny foi até Rose Hill e tocou a campainha da casa do pai de Chris. Afinal, tudo o que tinha de fazer era perguntar qual era o endereço dele.

Mas não havia ninguém lá, e uma placa de uma corretora de imóveis, no jardim da frente, anunciava Vendida. O pai de Chris e Diane tinham se mudado para o chalé perto de Long Hanborough e, desocupada, a casa de Rose Hill fora rapidamente vendida. A campainha havia ressoado no corredor vazio e ninguém tinha respondido, e Jenny fora embora sentindo-se derrotada e infeliz.

Capítulo Nove

Cerca de dez dias depois de ter visto Jenny pela última vez, Chris estava sentado no armazém, fazendo uma vistoria em algumas luzes de palco que tinham acabado de ser devolvidas de um aluguel, quando Barry Miller entrou. Os dois estavam sozinhos; Dave e Tony estavam fora, fazendo um serviço em algum lugar. Barry sentou-se na bancada perto de Chris e pegou um interruptor, brincando com ele distraído. Parecia preocupado.

— Como está o chalé? — perguntou Chris.

— Ah, vai bem. Mas aquele negócio do infravermelho ainda não chegou. Acho que eu devia dar uma ligada para eles. Escute, você já fez algum trabalho de emboço?

— Nunca.

— Serviço de marcenaria? Carpintaria?

— Bem, um pouco. Sei como serrar direito, em linha reta, colocar parafusos e pregos, fazer juntas simples... De que tipo de coisa está falando?

— Do chalé. As paredes, sabe, têm apenas revestimento de concreto. Pois bem, quero colocar batentes e rodapés, uma moldura de caibros de madeira ao longo do interior para pregar nela as placas de emboço. E colocar as chapas de isolamento térmico atrás delas. Dar um acabamento direito, deixar o lugar aconchegante.

— Eu poderia fazer isso.

— E talvez uma divisória com um batente numa das extremidades, com uma porta.

— Certo — comentou Chris. — É fácil.

— O quê, saberia fazer isso sozinho?

— Bem, não pode ser assim tão difícil, não acha? Trabalhar com madeira é fácil. Colocar as placas de emboço, provavelmente, também deve ser. Eu não saberia fazer uma cobertura de emboço de verdade; nem tentaria. Mas gosto de trabalhar com madeira. Sim, eu poderia fazer isso.

— E o que acha de um forro para o teto?

— Estou tentando me lembrar de como era o telhado... É de ferro corrugado, não é?

— É, ferro corrugado sobre grandes vigas de madeira. Inclinado, sabe. Mas estava pensando em botar um teto falso, só para ficar com uma aparência mais limpa. Nada de muito elegante. Talvez telhas de poliestireno.

— Mas precisaria primeiro de uma armação de treliça. Acho que para isso eu precisaria de ajuda. Não dá para segurar uma coisa acima da cabeça e trabalhar nela.

— Talvez pudéssemos fazer isso juntos. Mas se quiser fazer as paredes, pagarei bem, vai valer a pena.

— Então tudo bem — respondeu Chris. — Você já sabe que materiais vai querer? Quero dizer de que tamanho e em que quantidade? Se não souber, teremos que ir lá tirar as medidas, fazer os cálculos. E com relação ao encanamento? Você estava pensando a respeito disso da última vez.

— Ah, vou cuidar disso numa outra hora. Não há pressa para isso. Não, escute, o importante é não falar a respeito daquele lugar com ninguém. Nem mesmo com Sue ou Sean.

— Não. Pode deixar.

— Porque, sabe, não estou exagerando, poderia ser um bocado perigoso.

— Afinal, qual é o problema? — perguntou Chris. — Dessa família que está atrás de você... O que acusam você de ter feito?

Ele achava que tinha o direito de perguntar, uma vez que estava sendo envolvido na construção do chalé. Barry olhou ao redor cuidadosamente e baixou a voz quando respondeu.

— Eu mencionei a Irlanda, não foi? Irlanda do Norte Belfast. Eu trabalhava lá... não sei quanto mais posso lhe contar, mas dane-se a Lei de Segredos de Estado, a história inteira cheira mal. Eu estava trabalhando para o exército, certo? Era técnico especial de operações. Ligado ao SAS. Não estava no exército, mas prestando serviços. Era tudo extra-oficial, sabe, eles podiam negar. Caso alguma coisa desse errado, nós não existíamos, esse tipo de coisa. Trabalhávamos com desativação de bombas, vigilância, qualquer coisa de eletrônica.

"De qualquer maneira, o problema é que havia esse grupo paramilitar. Uma família chamada Carson. Protestantes. A maior parte do tempo nós trabalhávamos contra o outro lado, o IRA; mas os desse bando eram uns malucos, francamente. Matadores. Assassinos. Recebemos uma informação de que estavam procurando um especialista em explosivos, um sujeito de Londres. Ele era um especialista em explosivos industriais e era meio corrupto, sabe. Fazia qualquer coisa, vendia qualquer coisa. Mas ele sabia como conseguir e como usar Semtex, que os Carsons nunca tinham usado antes, era novidade para eles. Não queriam correr o risco de se mandar pelos ares.

"Pois bem, o que eles planejaram — os sujeitos no comando da nossa unidade —, eles planejaram interceptar o tal homem de Londres, porque como os Carsons nunca tinham visto a cara dele, sabe, não sabiam como ele era. Então manteriam o sujeito de verdade fora de circulação e arranjariam alguém para substituí-lo. Sabe como é, fingir que era ele, ir lá e se encontrar com os Carsons e apanhá-los com a mão na massa. De modo que pediram voluntários, e eu fiz isso."

Chris ouviu meio dominado pela incredulidade. Era o tipo de história que você via em filmes de suspense de televisão. E, no entanto, coisas daquele tipo, de fato, aconteciam, e Barry estava contando de uma maneira lenta, relutante, constrangida que tornava muito difícil não acreditar.

— E então o que aconteceu? — perguntou Chris.

— Bem, eu fingi ser o perito em explosivos, o que foi bastante fácil. Eu conhecia toda a parte técnica. E montei uma armadilha para apanhá-los. Gravador, câmera de vídeo escondida, tudo. O problema foi que houve um combate. Houve uma emboscada. O

RUC, sabe, a unidade da polícia, eles não tinham sido bem informados e entraram por acaso na história e, antes que soubéssemos o que estava acontecendo, havia balas voando para todos os lados. Um dos Carsons, Frank, foi preso. Pegou 20 anos. Um outro, seu irmão Billy, levou um tiro e morreu. A maior parte do grupo foi capturada e apanhamos Frank e os outros através de gravações, de modo que pode-se dizer que foi um sucesso.

"Mas havia um terceiro irmão, Eddie, o mais moço. Ele não estava diretamente envolvido. Não tinham nada contra ele. Estava limpo. Só que ele era o pior do bando. Era frio, compreende, inteligente... Ele era um pensador. E vingança... que inferno, as pessoas falam da máfia, isso não é nada perto dos irlandeses. Protestantes, católicos são todos igualmente ruins. De modo que Eddie Carson está atrás de vingança. E o problema é que ele sabia que tinha sido eu o responsável pela morte de Billy e por Frank ter apanhado 20 anos de cadeia. Para Eddie, eu já estava morto.

"Assim, não havia nada a fazer. Depois que sua cobertura vai para o espaço, acabou, é melhor você tirar o time de campo. Eles me deram algum dinheiro, novos documentos; eu mudei meu sobrenome..."

Ele pareceu bastante envergonhado ao dizer isso, como se fosse covardia.

— Como assim, quer dizer que seu nome de verdade não é Miller? — perguntou Chris.

— Não. Sean não sabe, e não tenho certeza de que algum dia vá contar a ele. Meu sobrenome verdadeiro é Springer. Ou pelo menos era. Legalmente é Miller, mas, você sabe como é... De maneira que a história toda é essa. Era disso que eu estava falando.

Chris não tinha como julgar em que medida a história era verdadeira, exceto por seu próprio conhecimento do mundo e este (como Jenny havia percebido) era bastante limitado. Mas gostava de Barry e queria acreditar nele, de modo que deixou de lado todas as dúvidas que se apresentaram e tentou imaginar o Barry que conhecia na companhia de homens do SAS e de terroristas. Só mais tarde a história começou a parecer fraca e improvável, à medida que Chris encontrou as perguntas óbvias a fazer, mas não podia voltar a tocar no assunto. Aquilo fazia com que Barry parecesse, de alguma forma, um homem inferior. Sem dúvida, por vezes era preciso se rebaixar e fazer todo tipo de coisas para capturar terroristas, mas fazê-los cair numa armadilha como aquela... não seria isso uma espécie de traição? E se ele havia traído alguém uma vez, não poderia trair de novo?

No dia seguinte, Chris teve de sair com Dave para levar um equipamento para

um grupo de teatro que ia se apresentar no Oxford Union. Este era um grande prédio vitoriano situado no centro da cidade; era onde se realizavam os famosos debates da sociedade Oxford Union, onde estudantes universitários, desejosos de fazer carreira na política, encontravam-se, trocavam idéias com ministros do governo e davam seus primeiros passos na estrada que levava ao Parlamento. Chris nunca estivera dentro dele antes, mas Dave conhecia o lugar.

— Eu falei aqui uma vez — disse ele, enquanto descarregavam as armações de luz no gramado.

— Falou? Que está querendo dizer?

— Em um debate. Acho que nós perdemos.

— Você? É mesmo? Quando?

— Quando eu ainda era estudante. Acho que Lady Antonia Fraser estava no grupo adversário. Não consigo me lembrar. Estava nervoso demais.

Chris olhou para ele com outros olhos. Dave era magro, mas musculoso, usava roupas velhas e surradas, com cabelos castanhos imensos de compridos e uma barba rala, e se movia envolto numa perpétua atmosfera de vaga serenidade, como um hippie.

— Puxa — comentou Chris —, nunca pensei em você fazendo isso.

— Bem, na verdade, em termos de conversa, não é motivo para grandes comoções, de modo que não se dê ao trabalho de voltar a tocar no assunto. É só que me lembrei disso, por vir aqui.

O grupo de teatro estaria apresentando duas peças na temporada de verão e estavam justo no momento de trocar de uma para a outra, por isso, precisavam dos novos equipamentos. Chris e Dave os carregaram para dentro, entregaram ao diretor e estavam prontos para levar embora as peças que não eram mais necessárias, quando Chris ouviu uma voz que reconheceu.

Os comentários de timbre confiante e arrogante vinham de um pouco mais adiante, dobrando o largo corredor. Era a voz do rapaz que estivera na beira do lago, o que se chamava Piers.

Imediatamente Chris sentiu sua pele se arrepiar. Foi uma reação química; não pôde controlá-la. A descarga de adrenalina inundou seu corpo inteiro com fúria. A lembrança daqueles breves minutos à beira do lago e sua paixão por Jenny subitamente se incendiaram, e ele se esqueceu de Dave e do trabalho que estavam fazendo e correu para a curva do corredor antes que Piers pudesse desaparecer.

Piers, vestido com elegância em trajes de verão, estava falando com um homem

idoso e com uma garota de mais ou menos 19 anos. Dizia:

— Bem, sim, é claro, normalmente eu faria. Na verdade, eu estava a caminho de Cannes, mas essas pessoas desagradáveis apareceram, uns primos de Anna ou coisa assim e —

Chris o interrompeu.

— Você é Piers?

Piers se virou, uma expressão de desprezo e espanto se revelando em seu rosto bonito.

— Sim, este é meu nome, quem é você?

— Onde está Jenny?

— Como disse?

— Você sabe onde está Jenny?

— Eu não sei de que você está falando. — Piers deu-lhe as costas, voltando-se com um sorriso para a garota, que sorriu de volta com nervosismo.

— Jenny! — repetiu Chris. — Onde está ela?

Piers pegou a garota pelo braço e começou a se afastar, como se Chris fosse algo de embaraçoso como um mendigo ou um bêbado vadio. Com um franzir de cenho de desaprovação para Chris, o homem idoso os seguiu descendo o corredor. Chris sentiu sua raiva se espalhar como fogo sobre gasolina, abarcando também o prédio, as paredes revestidas de carvalho, os retratos de famosos ex-presidentes, o mundo inteiro que Piers representava. Correu atrás deles e agarrou Piers pelo braço, fazendo-o se virar.

— Responda! Você sabe onde está Jenny. Sabe exatamente de que estou falando, agora diga, onde está ela?

A guisa de resposta, Piers deu-lhe um tapa na cara.

Houve um momento de silêncio no corredor. Dave tinha vindo ver o que estava acontecendo; uma porta havia se aberto, e dois rostos olhavam para fora; o homem idoso e a garota estavam imóveis. O estalo do tabefe pareceu pairar no ar como um tiro.

Então Chris se arremessou contra Piers, dominado pela maior fúria que jamais havia conhecido. Piers era mais alto e mais pesado do que ele, e havia lutado boxe no colégio. Em uma luta devidamente supervisionada, ele teria derrubado e nocauteado Chris em menos de um minuto. Mas nenhum dos adversários que já enfrentara investira contra ele com o desejo de matar. Chris o fez, e uma parte horrorizada de sua mente estava consciente disso, mas não teve a força necessária para contê-lo; estava completamente descontrolado. Ele foi golpeado com violência, mais de uma vez, mas não

sentiu os golpes. Chocou-se contra Piers, empurrando-o para trás e contra a parede e então o golpeou sem parar até deixá-lo caído no chão; estava totalmente livre de qualquer inibição. Tudo o que ouvia era a voz de tom arrastado, carregada de desdém, à beira do lago; tudo o que ele via era o franzir arrogante do lábio de Piers; tudo o que sentia era a vergonha por aquele tapa na cara. E o tempo todo uma imagem de Jenny, apavorada, se escondendo... ele golpeou o homem maior como um tigre e, se pudesse, o teria matado.

Mas Dave estava lá, puxando-o para trás, e o diretor de teatro e mais alguém vieram ajudar. A garota estava ajoelhada ao lado de Piers e o homem idoso protestava furioso...

Chris ficou atordoado. A raiva ainda estava lá, mas agora conseguia ver mais claramente e estava ouvindo fragmentos de conversa.

— ...não sei de que ele estava falando —

— ...como um cachorro louco —

— ...brigando por causa de uma garota —

— ...este sujeito bateu nele primeiro, eu vi —

— ...alguma coisa quebrada?

— Saiam daqui! Andem logo! Caiam fora e não voltem! Enquanto Dave dirigia levando-os embora, parecendo preocupado, Chris, tremendo no banco do passageiro, começou a se dar conta do que havia feito e a sentir os estragos que os golpes de Piers haviam causado; seu lábio estava cortado, um dente estava mole e seu corpo inteiro estava dolorido.

— Puxa vida — exclamou Dave. — Pensei que você fosse calmo e de boa paz. Nunca teria imaginado aquele tipo de fúria explosiva. Foi mesmo um bocado impressionante. O que causa isso, a fase da lua ou coisa assim? Você costuma ter esse tipo de ataque regularmente?

— Nunca fiz isso antes — respondeu Chris, cuidadosamente, tentando não deixar sua voz tremer.

— Você me fez lembrar de Barry por um minuto. Já viu o Barry ter um ataque de raiva?

— Não. — Sacudir a cabeça era doloroso; ele falou com a boca semicerrada.

— Ele perdeu a cabeça com o Tony, umas semanas atrás, quando comprou aquele barracão na margem do canal...

Dave fez uma pausa para manobrar no espaço entre um ônibus parado para embarcar passageiros e um caminhão vindo na direção oposta. Apesar da vergonha, do

que restava da fúria e da dor de cabeça latejante, aquilo chamou a atenção de Chris. Como Dave sabia da existência do barracão se era para ser mantido em segredo?

— Por quê? — perguntou.

— Ah, Tony estava caçoando dele. Ficava se referindo ao barracão como o cantinho de encontros de Barry. Afinal Barry acabou se aborrecendo, perdeu a cabeça e atirou uma lanterna nele. Tony se desviou bem no minuto exato, eu juro. Foi um daqueles refletores grandes... teria arrancado fora a cabeça dele. Se espatifou em mil pedaços. Ele detesta brincadeiras sobre as namoradas dele, o velho Barry.

— Que namoradas? Pensei que ele fosse feliz no casamento!

— Bem, pode até ser que seja, mas, mesmo assim, dá umas voltinhas por aí, com a Sandra, para começar. Participa dos ritos de Vênus nos fundos da loja. Você nunca reparou? Preste atenção que você vai entender do que estou falando.

Chris ficou em silêncio, enojado do fundo do coração. Todo mundo e tudo em toda parte para onde ele olhasse era podre, corrupto, envenenado até o miolo.

Capítulo Dez

Jenny estava sozinha. Por vezes passavam-se dias sem que ela falasse com ninguém exceto os clientes do bar e as outras garçonetes. Tommy Sanchez, em geral, conseguia arranjar um ou dois minutos para falar com ela a sós, e ela sorria e respondia educadamente, depois escapulia para tirar uma mesa ou anotar uma comanda antes que ele conseguisse tocar nela.

Continuava a procurar por Chris, mas cada vez com menos convicção. Não tinha certeza de que o amasse, como ele dissera que a amava; não acreditava que merecesse amar ninguém. Quanto ao fim de semana deles em Rose Hill, tudo que lhe restava era uma percepção, uma impressão que ela jamais conhecera desperta na vida real e para a qual não possuía nome. Na verdade, era bondade; era a sensação de ser lambida e banhada por uma bondade tão fresca quanto o ar na primavera. Mas, como todos os sentimentos que conhecemos em sonhos, já havia começado a se apagar. Tudo estava se apagando. A liberdade inebriante daqueles primeiros dias longe de casa, quando soubera que nunca mais veria seu pai novamente; os meses estranhos, desarticulados, que passara com Tansy, que pelo menos haviam sido loucos, divertidos; o tempo com

Piers, o champanhe, as festas — todos eles agora estavam secos e mortos, como folhas de um outro ano.

De modo que ela procurava por Chris, mas de maneira fatalista, quase convencida de que nunca mais voltaria a vê-lo.

A casa onde estava morando pertencia a uma mulher chamada Gill Petrie. Gill tinha uns trinta e poucos anos, dois filhos com menos de dez, e era viúva; seu marido morrera em um acidente de motocicleta dois anos antes. Para ela, não era fácil sair; não podia participar de círculos de babysitters porque não conseguia deixar seus próprios filhos juntos com os filhos dos outros. Assim, não demorou muito para que Jenny se oferecesse para cuidar das crianças em suas noites livres e Gill começou a sair um pouco.

Certo dia, ela perguntou a Jenny:

— Você poderia ficar de babá amanhã? Na verdade, não é para mim, é para uma amiga.

Jenny concordou. Não tinha mais nada para fazer e pelo menos estaria ganhando uma ou duas libras, em vez de gastar seu tempo circulando compulsivamente de ônibus sem nenhum resultado.

Ela apareceu no endereço que Gill lhe deu às sete horas da noite seguinte. Era uma casa moderna, elegante, como milhares de outras, e a família também era como milhares de outras: a esposa bonitinha, ligeiramente ansiosa, o marido bem-humorado, enérgico, o filho pequeno e tímido. Era o aniversário de casamento deles, explicou a esposa. Iam sair para jantar e não chegariam tarde. Havia um lanche preparado e café; podia assistir à televisão e usar o telefone.

Jenny ficou meio confusa com a ansiedade da mulher. Havia uma sombra naquela casa, como se alguém estivesse doente, e ela não conseguia situá-la. Jenny passou algum tempo conversando com Sean, o menino — ou melhor, procurando deixá-lo à vontade e ouvindo o que dizia. Não tinha muita experiência com crianças, mas o achou encantador.

Os filhos de Gill ainda eram muito pequenos, mas com Sean, depois que ele superou sua timidez, conseguiu ter uma conversa de verdade.

Era fascinado por ciência. Tinha um grande mapa celeste na parede de seu quarto e contou tudo a ela sobre a teoria do bigbange, como o universo havia nascido. Ela olhou pelo microscópio dele e viu a perna de uma mosca. Disse a ele que não, não acreditava em objetos voadores não-identificados, e ele lhe falou sobre várias teorias

diferentes a respeito deles. Sean perguntou se ela jogava xadrez e ela disse que não, que não conhecia as regras.

— Vou ensinar a você — disse ele. — É complicado no início, mas logo você pega o jeito.

— Está na hora de você ir para a cama — disse ela. — Eu prometi à sua mãe.

— Bem, será que posso lhe mostrar quando estiver na cama?

— Só se você estiver na cama dentro de menos de dez minutos, a partir de agora.

Ele estava, de modo que ela sentou na beira da cama — não de má vontade — e Sean arrumou as peças no tabuleiro entre eles, com o edredom dobrado, e começou a explicar. Ela ouviu sem se concentrar muito, fazendo perguntas de vez em quando para que ele soubesse que ela ainda estava acompanhando; mas a maior parte de sua atenção estava absorvida pelo entusiasmo inocente dele, sua fé na maravilha das coisas, sua natureza intocada.

Depois que explicou os movimentos, ele perguntou:

— Vamos jogar uma partida agora?

— Não, puxa vida, já é muito tarde. Além disso, estou com fome, quero tomar meu chá. E pelo que prometi à sua mãe, você já deveria estar na cama há muito tempo.

— Então você joga comigo da próxima vez?

— Tudo bem, prometo que jogo.

— Posso ler um pouco?

— Quinze minutos.

Ela observou enquanto ele varria as peças para dentro da caixa, punha o tabuleiro no chão ao lado da cama e estendia a mão para pegar um livro na prateleira acima de sua cabeça. Então — ela não conseguiu resistir — o abraçou e o beijou. Sean se submeteu a isso educadamente. Ele cheirava a leite, pasta de dente, inocência. Ela o beijou de novo, sem conseguir se conter, como alguém apaixonado, e viu os olhos dele se arregalarem de surpresa. Jenny se afastou dele imediatamente.

— Boa-noite, Sean.

Ele disse boa-noite e ela saiu do quarto, tremendo de vergonha e anseio. Sabia o que queria. Queria pegar o rostinho daquele menino e apertá-lo contra o peito. Queria beijá-lo de novo uma centena de vezes. Desolada pelo ódio que sentia de si mesma, ficou sentada na beira do sofá sob os últimos raios do sol do fim da tarde e perguntou a si mesma que profundidade teria a corrupção que seu pai incutira nela. Não era nada

melhor do que ele; nunca mais deveria cuidar de crianças. Deveria ir embora e viver completamente sozinha; ela não merecia viver.

Quando escureceu, Jenny foi para a pequena e agradável cozinha, fez café e desanimadamente pegou um biscoito. Na verdade, não estava com vontade de comê-lo. Estava se decidindo se devia guardá-lo de volta ou não quando o telefone tocou.

— Alô? — atendeu.

— Alô — disse uma voz de homem. — É da casa de Barry Springer?

Jenny teve de pensar antes de se lembrar do sobrenome deles.

— Não — respondeu. — Aqui é da casa do Sr. e da Sra. Miller.

— Você não tem certeza? Ouvi você hesitar.

— Não, eu tenho certeza. O senhor provavelmente discou o número errado.

— Então quem está falando? A Sra. Springer?

— Como disse?

— Com quem estou falando?

— Sou a babá.

— Ah, compreendo. Então ele saiu.

— Bem, não é o mesmo nome —

— Diga a ele que Carson está começando a esquentar. Consegue se lembrar disso?

— Mas quem vou dizer que ligou? E o nome dele não é —

— Ele saberá. Não se esqueça.

Sem nenhum motivo, Jenny sentiu seu corpo inteiro ficar gelado. Serviu-se de café e o levou para a sala, onde sentou-se e assistiu a um filme de James Bond sem se mexer até o carro parar diante da casa e ouvir a chave girar na fechadura.

— Olá — disse a Sra. Miller. — Correu tudo bem? Sean foi para a cama na hora?

Jenny levantou-se e foi até a cozinha com ela.

— Foi tudo ótimo. Ele me ensinou a jogar xadrez.

— Sean está sempre procurando alguém para jogar xadrez com ele. Gostaria de uma xícara de chá? Sempre gosto de tomar um chá depois de comer, e eles só tinham café no restaurante aonde fomos.

Ela encheu a chaleira e tirou três canecas, movendo-se com animação, à vontade e feliz em sua cozinha.

— Vocês jantaram bem?

— Ah, sim, foi uma delícia... comida italiana. Gosto de comida italiana; é minha

favorita. Amanhã estaremos cheirando a alho. Onde você trabalha, querida?

Ela sabia que Jenny era garçonne. Jenny lhe falou sobre o café de Tommy Sanchez.

— Mas não creio que vá trabalhar lá por muito tempo — comentou Jenny. — Não quero ser garçonne para sempre.

Barry entrou, esfregando as mãos.

— Sean está dormindo profundamente — comentou. — O que você fez com ele, hein?

Jenny olhou para ele com ansiedade, mas Barry tinha apenas falado por falar. Ele pegou o biscoito que ela havia desistido de comer e o colocou inteiro na boca.

— Seu guloso — disse sua esposa. — Você acabou de comer um enorme prato no jantar.

— É, estava bom. Nós voltaremos lá.

Ele piscou para Jenny. Ela sorriu de volta. Era fácil gostar de Barry. Enquanto estavam na sala tomando o chá, Sue perguntou:

— O que vai fazer quando deixar de trabalhar no café?

— Não sei. Tenho um amigo que diz que eu deveria estudar. Fazer os exames. Ir para uma faculdade. Mas não sei o que estudar.

— Ah, você deveria fazer isso — exclamou Sue. — Deveria mesmo. Eu nunca fiz nada desse tipo até recentemente e agora estou num curso para me formar pela Universidade Aberta. É fantástico! Nunca pensei, sabe, uma pessoa como eu... Mas você adquire uma porção de novas perspectivas.

— Sim. Posso imaginar. Eu só...

— Você gosta de crianças? — perguntou Barry.

— Na verdade, nunca lidei muito com crianças. Mas gostei muito de conversar com Sean esta noite. Ele é uma gracinha de menino, sinceramente.

— Ele é o melhor do mundo — declarou Barry orgulhoso.

— Você poderia estudar para ser professora — sugeriu Sue. — Estou pensando em fazer isso quando terminar meu curso. No momento, estou numa turma de secretariado, mas tenho certeza de que poderia lecionar.

Jenny nunca havia pensado em professores como sendo qualquer coisa diferente de pessoas estranhas, fracassadas, mal-humoradas e hostis. A idéia de aquela mulher bonita, agradável e sensata ser uma professora fez com que, por um momento, ela visse todo tipo de possibilidades. O mundo parecia ser um lugar aberto e amistoso.

Depois que acabaram de tomar o chá, Barry ofereceu-se para levá-la de carro até em casa. Ela disse que não, que era apenas uma caminhada de dez minutos, mas ele insistiu. Não gostava da idéia de garotas andando sozinhas à noite.

No carro, ele perguntou:

— Está tudo bem?

— Como assim?

— Bem, desculpe-me se estiver me metendo, mas você parecia estar tão infeliz quando nós chegamos.

— Ah! — Ela não sabia como responder. — Bem... não, acho que sou assim mesmo. Está tudo bem.

— Você estava com uma cara trágica. Esta é a palavra correta. Será que poderá cuidar de Sean novamente?

— Claro. Se vocês quiserem. Sempre que eu estiver livre.

— E olhe, se estiver com algum problema ou alguma coisa em que possamos ajudar, não espere, sabe o que estou dizendo? Eu não sou de fazer cerimônia. E Sue também não. Ela é uma pessoa maravilhosa. Pode perguntar a qualquer um. Não consegue ficar na fila do ônibus sem que logo alguma velhinha venha lhe contar todos os seus problemas. Todas as crianças na escola costumam vir conversar com ela em vez de falar com os professores. Você pode vir conversar com ela sempre que quiser.

— Obrigada — disse Jenny enquanto eles paravam defronte à casa de Gill Petrie.
— Obrigada pela carona.

— Foi um prazer.

Ele acenou pela janela aberta enquanto se afastava e ela se lembrou de que não havia lhe contado sobre o curioso telefonema do homem que não quis deixar o nome. Levando tudo em conta, havia sido uma noite estranha.

Capítulo Onze

Estava se tornando claro para Chris as coisas que eram boas e as coisas contra as quais tinha de lutar porque eram más. A perda de Jenny e a briga com Piers, o que Dave lhe contara a respeito de Barry — tudo apontava para a conclusão de que a mentira e a traição eram o pior dos males, e que a sinceridade e a fidelidade o bem supremo. Se

você fizesse uma promessa, devia cumpri-la. Se quebrasse uma promessa, você não merecia viver. Sentir isso fazia com que Chris se sentisse forte: forte, mas desolado, porque em sua mente ele havia prometido ser fiel a Jenny, e ela estava perdida. Mesmo assim, com a força vinha a confiança de que a encontraria de novo. O que era correto venceria. Teria de vencer.

Sua mãe, que estava demasiado concentrada em seu amor por Mike Fairfax para reparar no lábio ferido de Chris depois da briga com Piers, não deixou de reparar nesse seu novo estado de espírito, nesse absolutismo inflexível, sombrio. Certa noite, falou a respeito disso, quando sentaram-se para jantar.

— O que deu em você? — perguntou ela. — Você era tão tolerante.

— É o estado de espírito dos tempos em que vivemos — comentou Mike. Ele tirara os óculos e seus olhos pareciam gentis e úmidos.

— Não tem nada a ver com os tempos em que vivemos, nem com coisa nenhuma — declarou Chris. — E o que você está querendo dizer?

— É o Zeitgeist. O espírito de nossa época. Fundamentalismo.

— Ora, mas ele não é assim tão mau... — a mãe de Chris começou a argumentar.

— Se alguma coisa é fundamentalmente verdadeira, é igualmente verdadeira não importa em que época — disse Chris. — É besteira dizer que as pessoas sentem uma coisa apenas porque todo mundo sente. Seria o mesmo que dizer que você poderia fazer um plebiscito sobre a força da gravidade. Se alguma coisa é verdade, é verdade.

— Bem, isso, por si só, é uma posição fundamentalista — declarou Mike. — Um liberal diria que existem outros tipos de verdade, além dessa. Liberais diriam que o que é verdade é o que funciona, e que se um determinado tipo de crença faz com que você se sinta bem, então ela é verdadeira para você. E uma outra crença seria verdadeira para uma outra pessoa.

— Bem, eles estariam enganados — contestou Chris. — Isso é a mesma coisa que dizer que nada é verdade. É a mesma coisa que dizer que tudo é uma mentira.

— Mas o mundo é assim, Chris.

— Não é! E uma crença não tem nada a ver com fazer você se sentir bem. Há coisas em que você tem que acreditar mesmo se fazem com que se sinta péssimo.

— Bem, que seja como mais lhe agradar — retrucou Mike sorrindo. — Sentir-se péssimo mas íntegro, justificado, é apenas uma outra maneira de sentir-se bem.

— Você sempre faz isso! — Chris se enfureceu, perdeu a cabeça e bateu a mão

espalmada sobre a mesa, levantando-se tão bruscamente, que a cadeira foi atirada para trás. Sua mãe disse "Chris", e estendeu a mão, e Mike olhou para ele com uma expressão de desculpas, arrependido, mas Chris se afastou, cego de raiva.

— Vocês sempre, todos vocês, gente como vocês, vivem falando dessa baboseira de se sentir bem, como se fosse a coisa mais importante do mundo; como se a verdade não tivesse importância, nem a justiça, nem a honra; como se fossem apenas palavras para fazer com que vocês se sintam bem... de modo que possam mentir, trapacear, enganar suas famílias. Nada disso importa desde que no final vocês se sintam bem...

— Chris! — ralhou sua mãe. — Pelo amor de Deus! Ele parou e olhou para ela. Foi um olhar de desprezo de gelar o sangue. Então fez meia-volta e saiu.

— Mas o que deu nele? — Mike falou — Foi alguma coisa que eu disse?

— Espero que você não esteja certo — respondeu a mãe de Chris. — A respeito do fundamentalismo. Eu não suportaria se ele se metesse com esse tipo de coisa.

Eles concluíram que aquele desespero repentino e a explosão de raiva descontrolada eram coisas da adolescência, e sentiram-se satisfeitos por serem racionais e maduros, capazes de manter suas paixões sob controle. Mas apesar disso, no fundo do coração de Mike havia uma pontinha de inveja; e quanto à mãe de Chris, só depois de ter ido para a cama com Mike foi que ela conseguiu tirar dos pensamentos a expressão que vira no rosto de seu filho, tão fria e imperativa quanto uma espada.

Alguns dias depois de Jenny ter trabalhado como babysitter para os Millers, Tommy Sanchez a chamou em seu escritório.

Eram sete horas da noite de mais um dia de calor. Jenny sentiu o coração se apertar de medo; imaginava o que iria acontecer. Entrou devagar, enquanto Tommy Sanchez, de jeans, tênis e uma camiseta listrada, abria uma garrafa de cerveja mexicana e a passava para ela antes de abrir outra para si mesmo.

— Sente-se — convidou ele, instalado em sua cadeira giratória antiga de capitão. Ela puxou a outra cadeira e se sentou, como uma secretária pronta para tomar notas. As paredes do escritório eram cobertas de pôsteres e fotografias; discos de jazz e cassetes estavam espalhados sobre a escrivaninha; havia um computador e uma máquina de fax numa prateleira atrás dele e uma enorme jukebox automática Wurlitzer tornava impossível abrir a porta totalmente. Sentindo-se atordoada e impotente, Jenny olhou pela janela que dava para o gramado de um velho cemitério, há muito tempo fora de uso, que ficava nos fundos da capela vizinha.

— Como vão as coisas com você? — perguntou Tommy.

— Tudo bem, obrigada.

— Nenhum problema?

— Não. Tudo ótimo.

— Porque eu me preocupo com você, Jenny. Ela baixou o olhar e não disse nada.

— Beba sua cerveja, senão vai ficar quente. Obedientemente ela inclinou a garrafa e tomou um gole do líquido gelado, borbulhante. Sentindo que deveria dizer alguma coisa, perguntou:

— Por que se preocupa comigo?

— Porque me parece tão jovem — respondeu Tommy. — Você parece que precisa de proteção.

— Não, não preciso. Não preciso de nada.

— Exceto de um emprego.

As palavras pairaram no ar por um momento, e então ele se inclinou para a frente sobre a escrivaninha.

— Jenny, tome um drinque comigo hoje à noite, antes de ir para casa. Onde você mora?

— Em Kidlington. Mas —

— Como volta para casa? De ônibus, ou coisa assim?

— No último ônibus. Saio justo a tempo de apanhá-lo.

— Eu levo você em casa. Vou lhe dar uma carona. Deixe-me fazer isso. Aceite.

Ela sentia-se imensamente cansada, exausta até a alma.

— Por que não diz logo o que quer? — perguntou ela.

— Acabei de dizer. Gostaria de ver você depois que fecharmos, tomar um drinque, depois levo você em casa. É isso.

— É só isso? Mais nada?

— Palavra de honra.

— Não estou a fim — retrucou ela. — Eu não acredito em você. Na verdade, imagino que devesse. Imagino que devesse aceitar sua palavra de honra. Não sei por que eu não —

Ele levantou a mão. Era tão forte e seguro de si, com suas feições toscas, cinzeladas, os grandes olhos escuros. Ela se calou.

— Chega, está bem? — disse ele. — Estou arrependido de ter feito o convite.

Não vou lhe dar motivos para fazer reclamações sobre assédio sexual. Não faço assédio a ninguém. Não preciso disso. Se você não quer vir tomar um drinque amistosamente, tudo bem; é só dizer que não, eu compreendo. A verdade é que gosto de você. É uma garota simpática, atraente, silenciosa, que me deixa curioso. Gostaria de conhecer você melhor, OK?

Ela ficou sentada de olhos baixos e não disse nada.

— Eu não preciso correr atrás de minhas garçonetes, Jenny. Realmente, não se trata disso.

Ela levantou a cabeça, abriu a boca para falar e então deu de ombros.

— Você parece que está passando por um mau pedaço — comentou ele. — Gostaria de ajudar. É só isso.

— Que está querendo dizer com eu pareço que estou passando por um mau pedaço? Que aparência é essa que eu tenho?

— A cara triste e séria. Infeliz. Desinteressada pelas coisas.

— Desinteressada pelo trabalho.

— As palavras são suas, minha cara.

— Então isto é uma ameaça.

— De jeito nenhum!

— O que você está dizendo é que, se eu não... fizer o que você quer, vai me despedir.

— Pelo amor de Deus!

— Não é isso que está dizendo?

— Claro que não!

O rosto dele estava contraído de raiva. Ela o viu fazer um esforço e sorrir.

— Olhe — disse ele —, vamos recomeçar do princípio, OK? Começamos mal desta vez. Vamos fazer de conta que você acabou de entrar. As coisas estão tranquilas, não há nada para fazer lá fora durante uma meia hora, mais ou menos. Nós nos sentamos e tomamos uma cerveja. Como vão as coisas com você, Jenny?

— Tudo bem, obrigada — respondeu ela.

— Já conseguiu um lugar para morar? -Já.

— Ah, que bom. Porque estava dormindo no chão do quarto de Dorothy, não é?

— Só por alguns dias.

— Mas fica muito longe, não fica? Kidlington?

— Não demora muito de ônibus.

— Quanto custa a passagem?

— Uma libra e cinqüenta, ida e volta.

— Puxa, mas isso é muito dinheiro. Nossa, são nove libras por semana!

Ela deu de ombros.

— Você deveria encontrar um lugar mais perto — disse ele.

— Então custaria muito mais caro.

— Conheço um lugar onde você poderia morar.

Ela olhou para ele insegura, sem saber se estava fazendo uma brincadeira ou falando a verdade, mas parecia sincero.

— Eu tenho um apartamento em Gloucester Green — explicou ele. — O novo bairro residencial. Tenho dois quartos; você poderia ficar com o segundo quarto.

Agora havia o brilho de um sorriso nos olhos dele, uma espécie de sorriso de uma insolência natural, e ela não podia negar seu charme. Teve que apertar os lábios para se impedir de sorrir também.

— Veja só, estou sendo muito franco, não estou? — disse ele. — Gostaria de conhecer você melhor. Não faz sentido ser tímido com relação a isso. Não vou importunar você, mas você também não pode esperar que eu pare de tentar. Você tem namorado?

Ela não disse nada.

— É claro que tem — prosseguiu ele. — Meia dúzia. Vamos deixá-los para lá. Eu terei você, Jenny. Eu quero você.

— Você sempre consegue o que quer?

— Não, e é isso que torna as coisas divertidas. A gente nunca sabe o que vai conseguir. De todo modo, pense no assunto.

— Pensar em quê?

— No meu segundo quarto. Estou falando sério. É verdade. Você poderia vir vê-lo esta noite, se mudar para lá no fim de semana. Por que não faz isso? Reflita um pouco a respeito disso. Não me dê uma resposta agora. Conversaremos mais tarde.

Ele se levantou e abriu a porta para ela. Jenny voltou para a frente do café e trabalhou por cerca de uma hora, passivamente, sem pensar no que havia acontecido, deixando que as idéias se ordenassem por si mesmas em sua mente, até ter certeza do que tinha de fazer.

Ao final da noite, ela foi procurar Tommy.

— Sabe aquilo que me disse hoje mais cedo?

— Você mudou de idéia?

Eles estavam parados no pequeno corredor, escuro e quente, entre o escritório e a cozinha. Havia pessoas circulando, mas estavam ocupadas, e era fácil falar com intimidade sem ser ouvido.

— Escute — disse ela e, obedientemente, ele se inclinou chegando mais perto. Ela ficava maravilhada com a facilidade com que aqueles seres perigosos obedeciam às ordens que recebiam. — A dona da casa onde alugo o quarto, ela vai querer uma semana de aviso prévio pelo quarto, sabe como é, vai cobrar uma semana de aluguel. Eu não poderia simplesmente ir embora sem pagar a ela; não seria justo. Mas não tenho mais nenhum dinheiro do salário desta semana. Se você puder me pagar o que ganhei até hoje, eu vou poder pagar a ela agora e vou me sentir melhor a respeito disso. E então...

Ela levantou o olhar para ele, depois tornou a baixar os olhos. Tinha funcionado. Ele puxou um maço de notas do bolso e entregou a ela o dinheiro a que tinha direito e mais uma nota de dez libras.

— Nenhum problema — disse ele. — Que tal aquele drinque?

— Agora não. Amanhã. Não estou me sentindo muito bem no momento. Mas obrigada.

Representando até a alma, ela tocou de leve no pulso dele e sorriu, antes de se virar para ir embora. Ele não desconfiou de nada.

Se a intenção dela tivesse sido aplicar-lhe um golpe e tomar-lhe uma grande quantia de dinheiro, teria sido igualmente fácil. É claro que Jenny não estava aplicando golpe algum, mas sabia que se simplesmente dissesse que estava indo embora, não receberia o salário que lhe era devido. Da forma como fizera, teria de ir embora sem receber a parte que lhe cabia das gorjetas; mas as dez libras adicionais compensavam isso.

Contudo, agora tinha dinheiro suficiente para viver uma semana mais ou menos. Mais uma vez, tinha pela frente toda a rotina melancólica de procurar empregos e, se não conseguisse encontrar nada, teria de sair da casa de Gill Petrie e voltar para a miséria de passar a noite em abrigos públicos e mendigar.

Ela quase havia abandonado a esperança de encontrar Chris.

Mas, quando ia saltando do ônibus em Kidlington, certa tarde, com os pés doídos de ir de lojas, que não queriam seus serviços, para escritórios que já tinham preenchido suas vagas e hotéis que queriam alguém com experiência, um carro estacionou a seu lado e uma voz chamou:

— Ei, Jenny!

Era Barry Miller, o pai de Sean. Ela disse oi, como vai, e ele abriu a porta.

— Quer uma carona até em casa? — perguntou.

— Mas é logo ali, depois da esquina.

— Não faz mal, entre.

Ele era tão diferente de Tommy Sanchez, tão alegre e franco e tão diferente das caras infelizes que lhe disseram não a tarde inteira, que ela se sentiu melhor só por estar em sua companhia.

— Está cansada? — perguntou Barry.

— Está tão quente. Estive procurando emprego.

— Não teve sorte?

— Não consegui nada.

— Gostaria de ter alguma coisa para lhe oferecer.

— Não, pode deixar, vou acabar encontrando alguma coisa. Ah! Eu deveria ter-lhe contado naquela noite! Houve um telefonema...

Jenny contou a ele tudo de que conseguiu se lembrar. O efeito foi surpreendente e assustador. Barry era bronzeado e tinha uma expressão alegre, mas a cor fugiu de seu rosto e ele pareceu envelhecer dez anos em um instante. Encostou o carro no acostamento da estrada e a fez tentar se lembrar de tudo.

— Mas o que significa tudo isso? — perguntou ela.

— Você não comentou nada com Sue, comentou?

— Não, acabei de me lembrar agora. Sinto muito, deveria ter falado antes.

— Deus do céu, só espero que ele não tenha andado metendo medo em Sue...

Ele tamborilou com os dedos no volante, olhando fixamente pelo pára-brisa, sem ver o que estava à sua frente. Então disse:

— Escute, você tem meia hora? Quero lhe mostrar uma coisa.

— Tenho. Tudo bem. Mas o que está acontecendo?

— Tem um homem querendo me matar — respondeu Barry, engrenando o carro.

Ele fez meia-volta, como se fosse seguir de novo em direção a Oxford, mas virou e seguiu por um caminho diferente antes de entrarem na cidade. Jenny ficou sentada com as últimas palavras de Barry ecoando em sua mente. Será que podia acreditar em algo tão melodramático? Mas era evidente que ele acreditava.

— Quem é esse homem? — perguntou ela.

— O nome dele é Carson. Só Deus sabe como ele descobriu onde estou. Olha só, andei metido com essa família da zona sul de Londres, Carson e seus dois irmãos.

Bem, estou dizendo metido, mas, na verdade, não tinha nada a ver com eles. Eram uns bandidos, realmente não prestavam. Drogas, garotas, clubes... eram os reis da cocada preta. Tinham esquemas de venda de proteção... sabe como é, você paga 100 libras por semana ou nós destruimos sua loja. E destruíam mesmo. E eles mataram... Havia um outro bando rival, no mínimo, não era uma gangue de verdade, não como a máfia ou coisa parecida, mas eles estavam brigando entre si para ver quem iria controlar os esquemas, sabe? No final, os Carsons pegaram os dois sujeitos no comando da oposição e levaram para uma garagem, um lugarzinho escondido, todo fechado, e amarraram os dois. Então cortaram a garganta deles e os penduraram como se fossem animais em um açougue. Os homens só foram encontrados depois de uma semana... É claro, isso era um aviso, um recado, sabe? Você coopera conosco ou vai acabar sangrando até a morte pendurado num gancho.

Barry se calou para se concentrar no tráfego em um grande cruzamento perto do motel. Jenny olhou para ele e o viu de rosto sério, pálido, tenso.

O carro entrou no fluxo do tráfego e ele prosseguiu:

— Eu tinha um negócio por lá. De material elétrico. Principalmente trabalho para empreiteiros, mas tinha uma pequena loja. Eu tinha planos; pretendia aumentar o negócio a varejo. Conhecia o mercado, sabia o que as pessoas queriam. Tinha tudo planejado.

"E então eles vieram me procurar querendo dinheiro. Sabe, pague ou vamos destruir sua loja. E eu disse não. Não estava querendo me fazer de herói nem nada; apenas disse não, de jeito nenhum, não ia aceitar aquilo. Eu sabia que haveria problemas, mas você não pode deixar pessoas assim dominarem sua vida. E dois ou três dos comerciantes da vizinhança ficaram sabendo e se aliaram comigo. Nós protegeríamos uns aos outros. Acertamos que sempre haveria um de nós de vigia, e tínhamos walkie-talkies para falar uns com os outros, bastões de beisebol para usar como arma... Engraçado, nunca nos ocorreu procurar a polícia. No lugar de onde eu venho, não se faz isso. Você resolve as coisas sozinho.

"E uma noite, os Carsons vieram. Trouxeram coquetéis molotov e iam destruir as lojas. Ficaram um bocado surpreendidos quando aparecemos atacando com nossos bastões de beisebol... sabe como é, a gente estava morrendo de medo, é claro, entende? Aqueles homens eram assassinos. Todos nós sabíamos quem tinha feito aquele serviço de cortar gargantas na garagem; todo mundo sabia. Mas só se pode pressionar as pessoas até um determinado ponto... Nós tínhamos chegado ao nosso limite. Estávamos reagindo, lutando pelo que era nosso.

"Só que não tínhamos contado que um daqueles malditos idiotas dos Carsons tivesse uma arma. E ele entrou em pânico e baleou meu companheiro, o paquistanês da quitanda ao lado. Claro que alguém ouviu e ligou para a polícia e antes que eles pudessem fugir — porque nós ainda estávamos brigando, sabe? — apareceram as sirenes tocando, as luzes piscando, e o coitado do Mohammed estendido morto no meio-fio, os Carsons estavam cercados... Deus do céu, mesmo ali na hora eu não conseguia acreditar naquilo; parecia até um filme ou coisa assim."

Eles estavam descendo em direção a Wolvercote. Não era uma área de Oxford que Jenny conhecesse, e ela ficou confusa quando Barry fez uma curva e embicou o carro para uma trilha estreita entre as árvores.

— Para onde estamos indo? — perguntou.

— Para o meu chalé. Estaremos lá dentro de um minuto. Onde é mesmo que eu estava?... Ah, a briga, isso mesmo, o tiroteio. Bem, foi isso que realmente acabou com o poder dos Carsons. Sabe como é, foram apanhados em flagrante, de arma na mão e tudo o mais... Nós fomos presos, o grupo todo, e a história foi revelada no tribunal. Não havia nada de que eles pudessem nos acusar; estávamos apenas nos defendendo. Os dois Carsons mais velhos foram condenados à prisão perpétua. Por causa da história da garganta cortada, eles foram condenados por isso também. Mas o irmão mais moço, Eddie, nunca foi acusado de coisa alguma. Ele se mantinha limpo. Nunca esteve envolvido nos esquemas de extorsão, nem nos atos de violência, nada. Mas era o pior do grupo.

"E... pois bem, ele sabia que eu tinha organizado tudo, a resistência. E eu sabia que viria me procurar em busca de vingança. E teria ficado por lá, encarado ele, mas depois pensei em Sue e Sean... A polícia disse que não podia nos proteger. Significaria nos dar proteção 24 horas por dia e eles não tinham pessoal disponível para isso. De qualquer maneira, ele era esperto demais para fazer uma ameaça direta."

O carro parou debaixo das árvores. Havia uma clareira mais adiante à direita, onde ficavam vários casebres, parecendo um campo de mineração no interior americano.

Barry abriu a porta e saltou.

— Venha dar uma olhada — convidou. — Fica bem aqui.

Ela o seguiu pela clareira cheia de sombras, que era rajada de raios de sol, mas de longe muito mais fresca do que as ruas quentes por onde estivera andando durante o dia inteiro. Ele parou diante da porta do galpão que parecia mais sólido e o destrancou, abrindo a porta com um floreio.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Barry. — Tenho Coca-cola ultragelada, que tal?

Era uma casinha bem ajeitada. Jenny esperava encontrar alguma coisa precária e suja, mas o assoalho estava coberto por um piso de vinil limpo, as paredes revestidas com placas de gesso e parte do espaço tinha sido separada com uma divisória como uma cozinha, com uma pia de aço inoxidável, um forno de microondas e uma geladeira. A divisória ainda não havia recebido o revestimento de placas de gesso e saltava aos olhos como uma grade nua de madeira áspera; fora isso, o trabalho de construção estava todo feito. O chalé também estava mobiliado: havia uma cama, com colchão e um edredom, uma mesa com duas cadeiras, uma cômoda com gavetas, um aparelho de televisão portátil sobre uma prateleira baixa. Tudo tinha um aspecto reluzente, ainda não usado. Sobre a mesa estava um canivete suíço e um conjunto de barra e argolas de plástico para cortinas, ainda na embalagem.

— Para que vai servir? — perguntou ela. — Você vai morar aqui?

Ele estendeu-lhe uma lata de Coca-cola, coberta por uma fina camada de gelo.

— É bem jeitoso, não é? Não, não é para morar. É para parecer que se mora aqui.

A expressão no rosto dele, enquanto levava a lata aos lábios, era de prazer infantil por sua própria esperteza.

— Você vai ter que explicar — disse ela.

— É uma armadilha, compreende? O que vou fazer é atrair Carson até aqui, deixar que ele pense que estou escondido aqui. Fazer com que pareça que tem gente morando aqui. De modo que ele virá me procurar, só que não vou estar aqui. Tudo bem, ele vai pensar. Vou esperar por ele. Eu sei como a cabeça dele funciona, compreende? Ele adoraria isso. Adoraria ficar sentado aqui dentro, durante horas, só esperando no escuro e então, quando eu chegasse e acendesse a luz, ele diria "Alô, Barry, seu canalha", e bam, bam, bam, meteria algumas balas em mim. Ele adoraria isso.

"Só que o que realmente vai acontecer é que o lugar vai estar cercado pela polícia, e eles vão apanhá-lo com a arma na mão, e assim será ponto final para ele, vai se ferrar. O que você acha? Não é um plano inteligente?"

Este plano, mais uma fantasia inventada de improviso, é claro, e bem diferente do que havia contado a Chris, parecia implausível para Jenny. A idéia de dúzias de policiais se esgueirando em meio aos arbustos era o suficiente para fazer seus lábios tremerem de vontade de rir, mas controlou-se e bebericou a Coca-cola. Contudo, havia

claramente alguma coisa por trás daquilo tudo; o telefonema tinha sido real, também tinha sido real a maneira como ele empalidecera quando lhe falara a respeito. Não se podia fingir coisas desse tipo.

— Bem, é sim — respondeu ela, se dando conta de que Barry estava esperando por uma resposta. — Quando é que você acha que ele vai aparecer?

— Não por algum tempo ainda. Aquele telefonema... Ele disse mais alguma coisa?

— Não. Só o que eu lhe contei.

— Não importa. Eu sei quem era. Bem, Carson poderia descobrir como encontrar a firma, mas não saberá como encontrar isto aqui até eu estar pronto para recebê-lo. A armadilha tem que ser bem montada... Escute, você não disse que estava procurando emprego?

— Isso mesmo.

— Quer ganhar algumas libras?

— Quero!

— Que tal fazer o trabalho de acabamento deste lugar? Não o revestimento com as placas de emboço; vou cuidar disso. Mas não tenho tempo para fazer a pintura, botar as cortinas, esse tipo de coisa. Está vendo, é preciso colocar as barras para as cortinas acima das janelas. É muito fácil, é só aparafusá-las, é tudo de madeira. E as placas de revestimento precisam levar um papel de parede. Você alguma vez já colocou papel de parede?

— Não — respondeu ela, sorrindo da idéia. — Mas provavelmente saberia dar uma pintura sem problema.

— Pintar... é, por que não? Usar um daqueles tons de tinta brancos suaves, sabe como é, com um pouco de amarelo ou de creme. É, isso ficaria bom. Que tal lhe parece cuidar disso?

— Legal. Tudo bem. Não tenho mais nada para fazer.

— Pode começar amanhã?

— Claro. A qualquer hora.

— Então está combinado. Maravilha. Vai ser perfeito. Vou arranjar uma chave extra para você e cuido de comprar as tintas, os pincéis e o resto amanhã de manhã cedo. Vai ser um belo trabalho...

Eles acertaram quanto tempo provavelmente demoraria e quanto ele pagaria, depois acabaram de tomar os refrigerantes e se prepararam para ir embora. O anoitecer

estava bonito; o forte calor que fizera durante o dia estava começando a amainar, e a clareira defronte ao chalé estava rajada de tons fortes de verde, marrom e dourado, à medida que o sol descia e penetrava inclinado em meio às árvores mais jovens na margem do canal. Ao saírem do chalé, enquanto Barry trancava a porta, Jenny teve um pressentimento de absurda felicidade, como se estivesse vendo o final de uma comédia romântica: ela estaria trabalhando no chalé, de pincel na mão e, por alguma extraordinária coincidência, alguma absurda reviravolta da trama, a porta se abriria e lá estaria Chris. E tudo acabaria bem.

Em vez disso, aconteceu uma outra coisa. O canivete suíço que Jenny viu sobre a mesa era de Chris, e, tendo se lembrado que o havia deixado no chalé, ele estava a caminho de lá para buscá-lo. No exato momento em que Jenny e Barry saíram do chalé, Chris entrou na clareira e os viu. Seu estado de espírito estava mais furioso e selvagem do que jamais esteve. Ele estava pronto para acreditar no pior de todo mundo e de tudo, e naquele momento pensou ter visto exatamente isso: um homem mais velho, transbordando de satisfação, orgulhando-se do prazer de uma conquista sexual. E Jenny... se parecia ser uma vítima ou uma parceira voluntária, ele não sabia dizer, porque sua visão de repente se despedaçou com lágrimas infantis.

Ele fez meia-volta e foi embora antes que eles o vissem.

Parte Três

Capítulo Doze

Naquela noite, deitado na cama sem conseguir dormir, Chris disse a si mesmo uma vez após a outra que não deveria ter ido embora — que aquilo era covardia, que era desonesto, que deveria tê-los confrontado e falado francamente. Era terrível sentir que muito pouco tempo atrás ele o teria feito sem hesitação, do mesmo modo que havia enfrentado Piers. Mas naquela ocasião estivera enganado, e a falta de sorte o deixara resabiado.

Assim, sua mente dividiu-se contra ele. Chris ao mesmo tempo se desprezava e tinha pena de si mesmo, se condenava e se desculpava, e foi uma noite tenebrosa. No

final, decidiu que já que seu instinto para confrontos diretos e honestos de maneira inexplicável o havia traído e falhado, ele teria de ser franco e honesto por força de vontade e confrontar Barry quando chegasse a manhã. À medida que o céu clareava tornando-se cinza ao redor das cortinas, e os passarinhos no jardim começavam seu coro impiedoso, Chris finalmente acabou pegando num sono exausto.

Tanto sua mãe quanto Mike Fairfax repararam em sua aparência abatida na hora do café, mas nenhum dos dois teve coragem de mencionar o assunto até ele sair de casa. Então ela comentou com Mike que seu filho parecia ter sido condenado à morte.

Mike deu uma breve risada e observou:

— Isso é estranho. Eu estava pensando numa coisa parecida, mas não exatamente isso. Pensei que ele parecia um aprendiz de carrasco em sua primeira manhã de trabalho.

Ela fez uma careta.

— Isso é meio sinistro.

— O que está havendo com ele? Você sabe?

— Ele não diz nada. Será que é a adolescência?

— Provavelmente. Apesar de tudo, não é nenhuma doença mortal, até onde sei. Talvez ele esteja apaixonado.

Chris ainda não tinha resolvido o que iria dizer, mas não queria esperar, de modo que, em vez de ir para o depósito, passou primeiro na loja na Cowley Road. Mas o furgão não estava lá e Barry também não. Sandra, arrumando a loja para abrir, não sabia onde ele estava.

— Mas ele normalmente vem à loja hoje, não vem? — perguntou Chris.

— Ah, sim. Normalmente, ele também chega cedo, antes de mim. Na verdade, tem que chegar antes das nove e meia, porque um representante vai passar aqui.

Sandra era uma mulher agradável, meio gordinha, de seus vinte e poucos anos, com cabelos vermelhos e sardas. Desde que ouvira o que Dave dissera a respeito dela e de Barry, Chris passara a olhar para Sandra com alguma curiosidade, mas sem perceber que houvesse entre ela e o patrão algo além do entusiasmo amigável e enérgico que Barry inspirava em muita gente.

— Então... ele provavelmente está no depósito. Tudo bem. Escute, Sandra, você viu uma garota circulando por aqui com ele, mais ou menos da minha idade, magra de cabelos curtos e escuros?

Ela sacudiu a cabeça.

— Quem é ela?

— Uma garota chamada Jenny. Eu a conheci numa festa e depois perdi o contato com ela, e pensei tê-la visto com ele ontem.

— Por que não pergunta a ele?

— Eu ia perguntar... Bem, provavelmente verei o Barry mais tarde. Obrigado.

— Até logo — respondeu Sandra, placidamente enchendo a gaveta da caixa registradora.

Enquanto pedalava pela Cowley Road, Chris refletiu que se fosse verdade que Sandra estivesse tendo um caso com Barry, ela teria parecido mais enciumada quando ele lhe falara sobre Jenny; mas aquilo não a havia afetado de jeito algum. Talvez pensasse que Jenny fosse jovem demais para ter importância. Ou talvez não houvesse nada entre ela e Barry. Ou talvez ela fosse apenas naturalmente calma. Ou talvez estivesse fervendo de ciúme vingativo e soubesse esconder isso muito bem. O problema com o estado de espírito em que ele se encontrava era que não lhe permitia confiar em nada nem em ninguém. Vivia sob o jugo da suspeita, da desconfiança, de acreditar que as pessoas fossem capazes do pior... era horrível.

O depósito era um prédio em um pátio numa rua transversal onde uma série de pequenos negócios haviam se estabelecido; havia um engenheiro de sistemas de aquecimento central, por exemplo, um restaurador de móveis e um homem que fazia radiadores para carros antigos. Chris àquela altura conhecia bem a rua; conhecia vários dos trabalhadores de vista e reconhecia os veículos que geralmente estavam estacionados por lá.

De modo que o Mercedes branco que estava estacionado do outro lado da rua em frente ao depósito de Barry chamava atenção por ser incomum por ali. Havia alguém dentro dele e, quando Chris reduziu a velocidade para entrar no pátio, o homem o chamou.

— Por favor!

Chris parou e virou a bicicleta para pedalar de volta ao carro.

— Pois não?

O homem parecia ter trinta e tantos anos, mais ou menos a mesma idade que Barry. Vestia um terno escuro com uma gravata listrada e usava óculos.

— Você conhece um homem chamado Barry Miller? — perguntou.

— Eu trabalho para ele.

— Saberá dizer se por acaso ele está aqui?

— Bem, deveria estar... — Chris olhou para o pátio. O furgão grande estava lá e viu Tony destrancando a porta do depósito, mas o furgão menor de Barry não estava em seu lugar habitual, junto à janela do escritório. — Não, ele não parece estar por aqui hoje.

— Ele tem uma loja em algum lugar, não é?

— Tem, na Cowley Road. Mas também não está lá. Acabei de vir da loja.

O homem parecia um vendedor de seguros, pensou Chris, mas, se fosse mesmo, não estaria dirigindo um Mercedes; ou então poderia ser um banqueiro, mas se fosse não estaria visitando a Oxford Entertainment Systems. Ele tinha uma expressão amável, de estudioso, de modo que poderia ser um professor ou um advogado, talvez, só que a voz dele não parecia se encaixar, não combinava com essa imagem, tinha um duro e forte sotaque londrino. Chris não conseguia situá-lo de jeito algum. Será que era um corretor de imóveis que queria mandar organizar uma festa luxuosa em sua nova casa de campo? Um homem de negócios que queria comprar a firma de Barry Miller?

— Humm... — O homem tamborilou com os dedos no volante. — Escute, você precisa ir para o trabalho agora? Será que tem um ou dois minutos para uma conversa?

— Bem, sim, eu já deveria estar lá. Deixe só eu ir avisar a eles que cheguei, OK?

— É claro. Sem problema.

Chris pôs a bicicleta no lugar habitual, dentro do depósito e deu um alô para Tony.

— Você viu Barry hoje de manhã? — perguntou Tony.

— Não. Tem um sujeito —

— Qual, o do Mercedes? Ele esteve aqui ontem.

— Ele quer falar comigo um minuto.

— Tudo bem. Não tem pressa. Quando você tiver acabado, veja só, as lanternas da discoteca do casamento voltaram; estão todas imundas. Não sei o que andaram fazendo, provavelmente espirrando champanhe nelas, não me espantaria com isso. Poderia lavar todas e checar as lâmpadas? Anote se alguma estiver quebrada e cobraremos deles.

Era um tipo de trabalho normal; Chris imaginava que lhe tomaria mais ou menos meia hora. Tornou a sair e foi até o Mercedes branco. O motorista fez sinal para que desse a volta até o lado do passageiro e se inclinou para abrir a porta. Chris hesitou.

— Tenho um trabalho para fazer — disse.

— Não vai demorar. Mas não quero conversar aqui. Vou lhe dizer o motivo dentro de um minuto.

Chris entrou e o motorista deu partida no carro e começou a se afastar. O motor era mortalmente silencioso. O carro era tão bem projetado, que Chris teve a sensação de estar completamente excluído do resto do mundo, enquanto seguiram pelas ruas ensolaradas dentro do isolamento do ar-condicionado.

O homem foi dirigindo pela Cowley Road por algum tempo, entrou numa rua transversal e estacionou defronte a uma fileira de casas meio afastadas.

— Mas a respeito de que é tudo isso? — perguntou Chris. — Se quer falar com Barry, ele provavelmente agora está na loja. Ele tem que estar lá às nove e meia porque tem hora marcada com um representante.

— Agradeço-lhe por tirar esse tempo de sua hora de trabalho. Você não vai ser prejudicado por isso, vai? Vão descontar alguma coisa de seu pagamento?

— Não, não é isso, mas o que eu queria dizer é que tenho trabalho para fazer, sabe como é?

— É claro que sim, compreendo. Não vou tomar muito de seu tempo. Agora me diga, conhece bem Barry Miller?

— Bem, trabalho para ele há algumas semanas.

— Mas não é um emprego permanente, é? Quero dizer, você ainda é estudante, não é?

— Bem, sou, estou cursando o sixth form.* É trabalho de férias.

** Curso preparatório que habilita o estudante para o ensino superior ou profissionalizante no Reino Unido [N. do E.].*

— Você se importaria de me dizer seu nome?

Chris hesitou. Aquilo tudo era estranho e desorientador. O homem percebeu sua dúvida.

— É melhor eu lhe dizer qual é meu interesse. Deveria ter feito isso logo, para começar, desculpe-me. Meu nome é Fletcher. Eu sou um policial, inspetor detetive. E você é?

— Chris Marshall.

— Certo. Chris. Pois bem, isso tudo é muito constrangedor. Seu patrão, Barry Miller, poderia ou não, não sei dizer, me ajudar em uma investigação que estou fazendo a respeito de um caso ligeiramente complicado. Estou temeroso de abordá-lo diretamente, porque é provável que ele compreenda mal a natureza da investigação... Entende o que

estou querendo dizer?

— Ele vai pensar que está atrás dele?

— Isso mesmo.

— É sobre o tal caso irlandês?

— É. Olhe, você quer voltar para seu trabalho e eu não quero lhe criar problemas.

Vou levar você de volta para lá agora, mas poderia me dar meia hora ou coisa assim na hora de seu almoço? A que horas é seu almoço?

— A uma hora, geralmente.

— O que você faz, traz uma marmita?

— Trago.

— Você se importaria se tivéssemos uma conversa?

— Bem... desde que... está certo, sim, tudo bem.

— Ótimo. Maravilhoso. Agora, pelo que me lembro, há um estacionamento ao lado da próxima rua, atrás do supermercado. Você leva o seu almoço e eu me encontro com você lá, digamos, por volta de uma e cinco, uma e dez?

— OK. Olhe, eu deveria estar —

— Claro. Vou levar você de volta agora mesmo.

O carro partiu com um aumento de aceleração, rápido e suave, sem nenhum ruído, dentro dele o ar estava fresco, nas ruas lá fora, havia silêncio, e Chris pensou: você realmente estava isolado do mundo em um carro como aquele. Não era como uma bicicleta, em que você fazia parte da rua, unido aos sons e movimentos de todo mundo ao seu redor. No Mercedes branco, você era diferente.

Barry não apareceu no depósito a manhã inteira, mas também eles não estavam esperando que aparecesse. Tony não parecia nem um pouco interessado no Sr. Fletcher e Chris não fez nenhum comentário. Havia muito trabalho; depois que limpou as lanternas de discoteca que tinham voltado do casamento e substituiu as lâmpadas quebradas, Chris guardou-as empilhadas em ordem e depois checkou a prancheta que ficava do lado de fora da porta do escritório, onde se penduravam os formulários de pedidos esperando para serem atendidos. De vez em quando, o telefone tocava. Eles tinham um sistema democrático: quem estivesse mais perto atendia.

Quando o telefone tocou às 11 horas, aquela pessoa era Chris. Dave e Tony tinham saído para fazer uma entrega, de modo que não tinha jeito, ele estava sozinho. Entrou no pequeno escritório quente e atendeu o telefone.

— Alô, Oxford Entertainment Systems.

— Chris. Tudo bem? Aqui é Barry. Escute, Dave está por aí?

— Não, os dois estão em Marston, aquele trabalho no pub.

— Ah, certo. Olhe, você pode pedir a Dave, quando ele voltar, para dar uma passada na Lasky's e comprar uma lata de cinco litros de tinta. Acho que tem uma cor chamada "branco botão-de-ouro" ou coisa parecida.

— Botões-de-ouro são amarelos.

— Sim, eu sei, mas você entendeu o que estou querendo dizer. Branco com um leve tom amarelo. E um par de pincéis. Anotou isso?

— Lata de cinco litros, dois pincéis —

— E que traga isso quando vier aqui para a loja. Diga a ele para assinar a saída.

— Tudo bem.

— Ah, e escute... Há mais alguém por aí?

Chris percebeu o tom conspirador e se apanhou olhando ao redor de si, embora soubesse que estava sozinho.

— Não — respondeu. — Só eu.

— Olhe, você sabe aquele negócio que lhe contei? O negócio irlandês?

— Sim, eu me lembro.

— Bem, recebi um aviso. Está chegando a hora. Car-son descobriu que estou em Oxford, mas ainda não sabe onde, por enquanto. A qualquer momento, vou mandar Sue e Sean passarem uns dias com a mãe dela e então vou ficar clandestino. Estou contando com você, Chris. Não tem mais ninguém que saiba do chalé.

Não muita gente, pensou Chris com amargura.

— Certo, tudo bem — respondeu.

— A gente depois combina algum tipo de sistema. Para trocar mensagens, sabe? Talvez, walkie-talkie. Só até eu me livrar de Carson. Mas eu tive uma idéia maravilhosa... Olhe, tenho que desligar. Não se esqueça da tinta. E escute, Chris, quando tudo isso estiver acabado, tenho uns planos incríveis. O trabalho de carpintaria que você fez lá no chalé ficou beleza, fantástico. Aquilo me deu uma idéia, certo, para cenários, olhe, eu lhe conto isso mais tarde. Tome cuidado, OK? Trate de ficar de olhos bem abertos.

— Está bem, pode deixar.

— Ótimo trabalho — disse Barry e desligou.

Chris pôs o telefone no gancho lentamente. Ele tinha feito a mesma coisa de novo; tinha se esquivado de perguntar a Barry sobre Jenny. É verdade que Barry mal lhe dera uma chance, mas cada um tinha que criar suas próprias chances, não ficar

esperando por elas.

Da próxima vez, pensou.

O Mercedes branco estava parado no único retalho de sombra no estacionamento. Fletcher acenou para Chris pela janela aberta.

— Estou satisfeito por você ter podido vir — disse ele, desligando o noticiário do rádio. — Sente-se.

Chris sentou no banco do passageiro da frente, deixando a porta aberta a seu lado. Fletcher estava comendo um sanduíche e bebendo água mineral de uma pequena garrafa. Ele ofereceu uma outra, fechada, a Chris, que aceitou.

— Você provavelmente está curioso — começou Fletcher —, perguntando-se, já que sou um policial, por que este carro não é um carro da polícia, por que não estou de uniforme, por que essa coisa toda é tão pouco ortodoxa. Bem, depois de ter pensado cuidadosamente a respeito do assunto, vou lhe contar. Na verdade, você pode até já ter imaginado. Já ouviu falar sobre o Setor de Operações Especiais?

— É o que lida com política, não é? — perguntou Chris.

— Questões de segurança de maneira geral. Especialmente no que diz respeito a terrorismo.

Chris tentou compreender o que tudo aquilo significava para ele. Não confiava em homens da polícia, não achava que eles estivessem do seu lado; e, quanto ao fato de se era normal ou não que um policial do misterioso Setor de Operações Especiais falasse a respeito de seu serviço daquela maneira, não tinha nenhuma idéia. Perguntou a si mesmo se deveria pedir alguma prova; eles não tinham que ter algum tipo de distintivo de identidade? Mas, de qualquer maneira, Chris não teria sabido como era, menos ainda dizer se era falsificado. Tinha que se deixar guiar por sua intuição. Ele confiava ou não naquele homem?

Virou-se para olhar Fletcher bem nos olhos. O homem o observava pacientemente. Como era difícil interpretar as aparências! Não eram como palavras; não se podia dizer que olhos cinzentos significassem honestidade, que lábios finos significassem maldade, ou que óculos significassem respeitabilidade. O rosto de Fletcher olhava de volta para Chris e aquele rosto não transmitia absolutamente nada para ele. Era como se o homem estivesse usando algum tipo de máscara, incrivelmente detalhada, de um acabamento imaculado.

A máscara sorriu. Chris virou o rosto e desembulhou o pão com presunto que havia preparado para o almoço.

— Você disse alguma coisa sobre a Irlanda — comentou Fletcher. — Barry Miller lhe contou alguma coisa sobre a Irlanda. O que foi?

— Estou tentando me lembrar — respondeu Chris. Aquela era uma das posições mais difíceis em que ele jamais estivera. Será que Barry tinha feito alguma coisa errada? E se tivesse, seria correto contar isso a Fletcher? Talvez fosse a raiva de Chris por causa de Jenny que o fazia ter vontade de fazê-lo, e não seu entendimento do que era correto. Por outro lado, Fletcher poderia não estar pretendendo prender Barry e sim buscar sua ajuda. Que diabo ele deveria fazer?

Fletcher deve ter percebido suas dúvidas. Ele tamborilou de leve com os dedos no volante, como se tivesse tomado uma decisão.

— Olhe, Chris, você conhece Barry Miller. Ele é seu patrão; talvez seja seu amigo. Você está preocupado em falar comigo porque isso poderia significar traí-lo de alguma maneira. Estou certo?

— Está.

— Bem, compreendo isso perfeitamente. Isso depõe a seu favor. Na verdade, também depõe a favor dele. Você poderia apenas concordar em responder às perguntas que eu lhe fizer? Apenas as que lhe agradarem. Qualquer pergunta que não queira responder, por mim está tudo bem. E em troca, você pode me perguntar o que quiser, e eu lhe darei uma resposta honesta. Se houver alguma coisa que eu não possa lhe contar por motivos de segurança, a Lei de Segredos de Estado, deixarei isso claro. Que tal lhe parece?

— Tudo bem. OK. Isso é justo.

— Ótimo. Você sabe onde ele mora? Chris hesitou.

— Sei, em Kidlington.

— Sabe qual é o endereço dele?

— Eu estive lá, mas não me lembro.

— OK. Agora, esse negócio da Irlanda. Você se lembra do que ele lhe contou?

— Sabe me dizer qual é o nome verdadeiro dele? — perguntou Chris.

— Bem, Miller é o nome verdadeiro dele, porque ele o trocou por certidão unilateral. Mas antes disso ele se chamava Springer.

Chris sentiu algo estranho, como se um canto de sua paisagem mental tivesse desabado numa pequena avalanche e se apoiado sobre uma massa de pedras caídas, alterando a forma das coisas de maneira ligeira, mas significativa. Aquilo significava que Fletcher estava dizendo a verdade.

— Pois é, foi isso o que ele me disse — observou. — A respeito da Irlanda... Ele me contou que tinha servido ao exército lá, em Belfast. Não explicou muito claramente. Meio que sugeriu que tinha sido no SAS, foi o que concluí. Trabalho clandestino, esse tipo de coisa. Tinha ajudado a dismantelar um grupo paramilitar, uma das famílias ainda estava atrás dele, um homem chamado Carson... Protestante. Isso foi uma das coisas que eu não entendi. Pensei que os ingleses e os protestantes estivessem mais ou menos do mesmo lado.

— Não. Não é tão simples quanto parece.

— Bem, é claro que não. Eu já tinha percebido isso. De todo modo, o problema é que esse sujeito, o tal do Carson, ainda está atrás dele, foi por isso que Barry trocou de nome.

— Ah. Ele não contou mais nada em particular a respeito da Irlanda?

— Não. Apenas fez um monte de insinuações. Por quê? O que ele estava fazendo lá?

Fletcher coçou a cabeça.

— Receio que ele tenha lhe contado um monte de mentiras — retrucou ele. — Para começar, ele não tinha nenhuma ligação com o exército, quanto mais com o SAS. Em segundo lugar, ele estava jogando para o outro lado.

— Que outro lado, o IRA? Barry?

— Bem, é nesse ponto que começamos a tocar nas coisas secretas. Não sei se você já ouviu falar numa organização chamada INLA? O Exército Nacional de Libertação Irlandês?

— Sim, já ouvi falar deles. São um grupo mais extremista que o IRA.

— É isso mesmo.

— E está me dizendo que o Barry fazia parte desse grupo?

— Não estou dizendo isso...

Chris ficou em silêncio por alguns segundos.

— Por que está me contando isso? — perguntou ele. — Está planejando prendê-lo ou coisa parecida? Não consigo mesmo entender o que está querendo. Ele não é difícil de encontrar. Quero dizer, pelo amor de Deus, ele agora está lá na loja se quiser prendê-lo... Mas eu não consigo acreditar. Barry Miller? Ele não é uma pessoa assim. Isso é loucura. O que é isso?...

Fletcher balançou a cabeça lentamente. Parecia cansado, sábio, compreensivo.

— Foi assim que eles conseguiram ter sucesso — declarou ele. — Conquistando

e se aproveitando da confiança de pessoas que não conheciam a verdade a respeito deles. Não culpo você por ter sido enganado. Ele é um mestre renomado. Mas, agora, pense bem. Ele sempre lhe contou a verdade? Você sabe com certeza que Barry merece 100 por cento de confiança? Não há sempre alguma coisa, uma ponta de dúvida em sua mente a respeito dele?

Chris não disse nada. Baixou o olhar para o carpete do carro.

— Eu conheci a mulher e o filho dele — falou meio desesperado. — Eles são gente direita. O Barry é um homem bom. Se o visse em casa...

— É difícil compreender — disse Fletcher com delicadeza —, mas existem algumas pessoas que são capazes de viver duas vidas separadas. Nunca vi a família dele, mas tenho certeza de que você está certo a respeito deles. E estaria disposto a apostar que eles sabem tão pouco quanto você sobre a outra parte da vida dele. Sua esposa poderia fazer perguntas de vez em quando, mas ele lhe contaria um monte de mentiras. Ou então ela não quer perguntar; prefere guardar suas preocupações para si mesma.

Ele bebeu mais água da garrafa. Uma outra pequena avalanche aconteceu na mente de Chris; porque quase a primeira coisa em que havia reparado a respeito de Sue, depois de pensar em como ela era uma pessoa agradável, fora no ligeiro ar de ansiedade disfarçada que nunca desaparecia por completo. Era exatamente como Fletcher havia descrito.

Fletcher baixou a garrafa, fechando bem a rosca.

— Olhe — disse ele —, vou confiar em você. Acho que deveria fazer você assinar a Lei de Segredos de Estado ou algo parecido, mas você é um rapaz inteligente. Barry Springer, ou Miller, ou Daly, sim, ele também é chamado de Daly, Michael Daly, é, ou era, um notório alcagüete, um informante da polícia. Ele foi integrante do INLA durante algum tempo, depois se entregou. Deu ao Serviço Especial um monte de informações sobre seus antigos companheiros. Ele era um especialista em explosivos. Naquela época, eles costumavam usar muito carros-bomba. Hoje em dia, com Semtex, já ouviu falar de Semtex?, que é muito mais potente, não se precisa mais de uma quantidade tão grande para causar uma explosão letal. Mas aqueles explosivos eles costumavam fazer com fertilizante, bem, uma bomba de 450 quilos não era nada incomum. Isso faria o volume somado de cinco adultos pesados. Não se pode deixar isso numa sacola de papel; daí os carros-bomba, compreende? O seu amigo Miller, contudo, era um mago com explosivos e equipamento eletrônico. Era capaz de criar uma explosão até a partir de um saquinho de açúcar.

A cabeça de Chris estava zunindo. Ele se lembrou das palavras de Barry no baile, na noite em que havia conhecido Jenny: Não é preciso muita pólvora para fazer um estrondo gigantesco... Quase sem perceber o que estava fazendo, saltou pela porta aberta e começou a andar para baixo e para cima ao lado do carro, apertando a cabeça com os punhos cerrados. Não, era demais; era impossível que Fletcher o estivesse enganando.

Ele parou e inclinou-se para olhar para o homem dentro do carro. Fletcher o estava encarando com aquela mesma expressão de sofrimento relutante e cansado. E Chris teve certeza de que era tudo verdade, cada palavra.

De coração pesado como se fosse chumbo, tornou a entrar no carro. Tirou a tampa da garrafa de água mineral e a levou aos lábios. A água borbulhou de maneira desagradável em sua boca, e ele só engoliu um pouco.

— Está certo — declarou. — Desculpe-me. Isto foi um choque.

— É claro — respondeu Fletcher. — Vou continuar. Sabemos que Miller foi diretamente responsável por pelo menos 11 mortes. Principalmente de soldados e de policiais. Também acreditamos que ele tenha mandado pelos ares uma família inteira: pai, mãe e duas crianças pequenas. Esse é o tipo de homem que ele é. Matar não é problema para ele.

"Agora, a questão é, conforme eu já disse, que se tornou um agente duplo. Em troca de imunidade na ação penal, ele nos passou uma boa quantidade de valiosas informações, não posso negar. Uma unidade inteira de membros atuantes do INLA foi capturada e... ah, uma montanha de informações. E existe um tipo de acerto padrão: em troca disso, Springer ou Daly recebeu uma nova identidade, documentos, dinheiro e veio para cá para começar uma nova vida como Barry Miller. Na verdade, não foi muito difícil para ele. Como foi criado em Londres, não fala com sotaque irlandês, não é? Eu não sei como você se sente com relação a pessoas desse tipo ficarem livres de punição. Este mundo é um mundo sujo, Chris. Imagino que se precise de gente suja para... Bem, de todo modo, é isso."

Ele suspirou.

— Quem é esse tal de Carson? — perguntou Chris. — Barry vive falando a respeito dele.

— É o irmão do homem cuja família foi morta. Mas ele não é importante; é apenas um homem descontrolado. Mas as ameaças dele são conversa fiada. Miller não corre nenhum perigo por causa de Carson. Não, o motivo por que estou aqui não tem

nada a ver com tudo isso. Nós descobrimos, não posso lhe contar como, mas descobrimos que Miller, na verdade, nunca virou casaca. Ah, as informações que nos passou eram muito boas, nenhum problema quanto a isso; ele realmente cumpriu a sua parte. Mas estavam fazendo um jogo mais complicado. Miller e o INLA estavam planejando o tempo todo colocá-lo exatamente onde ele está agora. Eles têm um novo plano de campanha preparado: alvos fáceis no sul da Inglaterra, casas de políticos, de oficiais superiores do exército, de servidores civis, policiais e suas famílias. Isso já começou. Você provavelmente já ouviu alguma coisa a respeito disso nos jornais. E aqui está ele, com acesso a equipamento eletrônico, uma cobertura perfeita, bem no coração da Inglaterra.

Não, pensou Chris. Não, de jeito nenhum, isto não é absolutamente verdade, é impossível. Barry estava vendendo maquiagem e alugando equipamento de iluminação de palco, não estava fazendo bombas; ele não era perverso; era apenas um mentiroso. E isto era um sonho.

Ele olhou para o sanduíche de presunto em que só dera uma mordida. Não estava mais com nenhuma vontade de comer aquilo; guardou o sanduíche de volta na lancheira de plástico e fechou a tampa. Fletcher enfiou a mão num saco de papel a seu lado.

— Quer uma maçã? — perguntou.

Uma maçã seria mais fácil de engolir, pensou Chris. Ele aceitou com um meneio de cabeça.

— Por que está me contando tudo isso?

— Porque eu quero sua ajuda.

— Minha ajuda? Para fazer o quê?

— Chris, sei que ele tem um esconderijo em algum lugar. E sei que você tem ajudado Barry num trabalho de construção.

— Como sabe disso?

— Ah, muito bem. Você se lembra de nosso acordo; eu não posso lhe contar como sei disso. Questão de segurança. Sinto muito.

— Questão de segurança? O que significa isso? Aparelhos de escuta ou coisa parecida?

— Sinto muito. Não posso dizer.

O rosto de Chris se contorceu num espasmo de repulsa. Aquela história inteira era repugnante. Um fedor moral parecia estar enchendo o carro, apesar das portas

abertas e do purificador de ar. Fletcher pareceu perceber o que ele estava pensando.

— Você acredita em democracia, Chris. Eu sei disso.

— Acredito. E é por isso que acho esta história toda tão... nojenta. O que ele está fazendo, sim, é claro; mas o que você está fazendo também. Será que não consegue ver isso?

— Hum-hum. — Fletcher assentiu silenciosamente, tirou a tampa da garrafa, depois a colocou de volta sem ter bebido. — Sim, compreendo. Mas a democracia tem um preço. Não vem sem um custo. O preço da democracia para — ele agitou a mão indicando o resto da cidade —, para todo mundo lá fora é que algumas pessoas, muito poucas, têm que trabalhar de maneira não democrática. Você compreende, Barry Miller não quer a democracia, de modo que ele tenta subvertê-la. Não estou falando só de apresentar argumentos contra a democracia. Não nos incomodamos nem um pouco com discussões políticas; isto é o que significa democracia. Mas Barry Springer, Barry Miller, Michael Daly, este não é absolutamente o jogo dele. Ele está jogando um jogo muito diferente, em que você não se apresenta e pede votos, você anda às escondidas no escuro e deixa bombas para matar pessoas. Pessoas inocentes. Mulheres e crianças. Ele já fez isso, Chris. Está planejando fazer de novo.

Chris não disse nada. Ficou imóvel, sentindo-se nauseado, sabendo que Fletcher o estava observando. O homem prosseguiu:

— De modo que há muito pouco sentido em pessoas como eu, pessoas fazendo este tipo de trabalho, saírem por aí fazendo-o de maneira democrática, pedindo votos. Ele não pede votos antes de colocar uma bomba em algum lugar. Faça um X no quadrado se você quiser que eu mate esta mãe e duas crianças... E não adianta nós lutarmos limpo enquanto essa gente está lutando sujo, porque isso significaria que perderíamos. Todo mundo perderia. E em minha opinião, isso é inconcebível. É por isso que sou um policial, compreende, Chris, e é por isso que me orgulho de trabalhar para o Setor de Operações Especiais. Porque ao lutarmos em segredo, a guerra suja, ao fazermos as coisas não democráticas, mantemos essa infecção controlada. Tornamos o mundo seguro para a democracia. Será que isso faz algum sentido?

Mesmo assim Chris não disse nada, continuou em silêncio; mas dessa vez era porque queria ouvir mais. Ele assentiu.

— Não, não é fácil, esse tipo de trabalho — declarou Fletcher. — Não é limpo. Você não pode esperar se sentir bem por tê-lo feito. Mas nós nos sentimos mal por todas aquelas pessoas que estão lá fora, as pessoas inocentes. Não somos inocentes, nós

sabemos. Não sei se você é religioso. O Jardim do Éden, você conhece essa história? Da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se lembra disso? Antes de você comer o fruto, você é inocente, qualquer coisa que você faça é inocente, porque você não tem conhecimento. Então você come. E nunca mais será inocente. Agora você tem o conhecimento. E isso é doloroso; é uma coisa terrível. Eu sei o que estou lhe pedindo, Chris. Estou lhe pedindo que traia um homem que você pensava que fosse seu amigo. Estou lhe pedindo que prove o fruto.

"Mas vou lhe dizer uma coisa. Perder essa inocência é o primeiro passo no caminho para adquirir o verdadeiro conhecimento. Para a sabedoria, se preferir. Não se pode ter sabedoria enquanto não se perder essa inocência... Essas pessoas lá fora são inocentes, porque não sabem. São como crianças, como ovelhas. Nenhuma ovelha pode fazer mal, porque ela é inocente, certo? Mas nenhuma ovelha pode fazer bem, tampouco. Se você não souber o que é, não pode fazê-lo. De modo que é paradoxal, não é? Você não pode fazer o bem a menos que deixe de ser inocente. Todo o verdadeiro bem no mundo é feito por pessoas que comeram o fruto daquela árvore. E descobriram que era amargo e doloroso, exatamente como você está descobrindo que é amargo e doloroso trair Barry Miller.

"Bem, é isso aí, Chris. Não posso explicar mais claramente do que já expliquei. Chegamos ao fundamento mais básico. Eu não obrigarei você a nada; não o farei fazer nada que realmente não queira fazer. Não tome sua decisão agora. Pense no assunto. A que horas você sai do trabalho?"

— Às cinco, cinco e meia, depende do que há para fazer. — A voz de Chris soou distante até para si mesmo.

— OK. Ótimo. Não me dê uma resposta agora. Pode vir se encontrar comigo de novo quando sair do trabalho?

Chris assentiu. Então disse:

— Não. Vou lhe dizer agora. Tem um pedaço de papel? Fletcher se inclinou para o lado, tirou um bloco de notas do porta-luvas e abriu em uma página em branco. Estendeu o bloco para Chris junto com uma caneta.

Havia um sentimento de náusea e excitação na boca do estômago de Chris enquanto, cuidadosamente, desenhava um esboço de mapa do entroncamento na Woodstock Road, a estrada que seguia para Wolvercote, o canal, a trilha de terra batida atravessando a floresta. Ele fez o desenho devagar, com calma; era importante que ficasse bem-feito. Então virou a página e desenhou o grupo de casebres.

— Isto é ótimo — exclamou Fletcher. — Maravilhoso. A próxima pergunta é, quando ele vai estar lá? Se eu soubesse que ele iria estar lá numa determinada ocasião, poderia tomar as providências para que fosse preso. Poderíamos cercar o local. Ele vai estar armado. Será muito melhor fazer isso lá do que em algum lugar na cidade ou na casa dele, onde pode usar a mulher e o filho como reféns... Alguma idéia de quando é provável que ele vá estar neste lugar?

Havia um rugido nos ouvidos de Chris.

— Posso convencê-lo a ir lá esta noite — respondeu. — Eu ia acabar um serviço para ele. Posso ligar para Barry, combinar com ele de ir até lá.

— Brilhante — declarou Fletcher. — Magnífico. Mas por favor, Chris, você não deve ir lá. Vai ser perigoso. Diga a ele que vá se encontrar com você lá, deixe-me pensar, quanto tempo vai levar para organizar as coisas? Às dez horas tudo já deverá estar em ordem. Isso é tarde demais? Quero dizer, vai parecer estranho para ele? Sabe como é, vai ficar desconfiado?

— Eu creio que não. Vou dizer a ele que vou acabar o serviço às dez horas e se ele poderia vir e dar uma checada. Ele pode dizer que não, que é tarde demais, ou pode ser que esteja ocupado. Ou pode simplesmente não querer ir. Não posso obrigá-lo a ir.

— É claro que não. Não se preocupe com isso. De todo modo combine assim, como disse, com ele. Mas você não vá até lá. Deixe que ele caia na armadilha. OK?

Chris assentiu. Ele não conseguia falar.

— Que horas são agora? É melhor não se atrasar na volta para o trabalho; eles vão querer saber onde você andou.

Com as mãos curiosamente leves e estranhas, Chris pôs a maçã comida pela metade na lancheira e colocou a garrafa de água mineral de Fletcher no chão acarpetado do carro. Sentia-se privilegiado e cheio de medo. Como se Fletcher fosse o guardião de algum grande segredo, como um sacerdote em um templo, e ele estivesse sendo iniciado nos mistérios. Era o sentimento cuja margem havia tocado quando discutira com Mike Fairfax — aquele conceito de verdades absolutas, de grandes poderes com nomes como honra e justiça. Sentiu um grande jorro de gratidão brotar brilhando em seu coração.

— Tudo bem — disse para Fletcher. — Vou fazer isso.

— Onde está Barry? — perguntou a Tony uma hora depois.

— Ele não vai aparecer?

— Vai passar o dia na loja. Algum problema com as contas. Provavelmente andou deixando de pagar os impostos.

Chris foi até o escritório e telefonou para a loja.

— Alô, Barry? É o Chris.

— Oi, Chris, qual é o problema?

— Nenhum problema. Só estou ligando por causa do chalé. Falta só uma parte do revestimento de gesso para acabar o serviço. Pensei em fazer isso esta noite.

— Ótimo. Você fez um excelente trabalho, Chris.

— Escute, Barry, você acha que poderia aparecer para dar uma olhada mais tarde? Por volta das dez?

— Por quê?

— Porque quero lhe mostrar uma idéia que tive. Vai estar pronta por volta dessa hora.

— Na verdade, vou sair esta noite. Vou jogar squash em Abingdon, depois tenho que me encontrar com um sujeito... Não, espere um pouco, pensando melhor, tudo bem.

Já terei acabado a essa hora. Passo por lá quando estiver indo para casa. OK?

— Ótimo. Vejo você mais tarde.

— Obrigado, Chris. Você está fazendo um bom trabalho.

Capítulo Treze

Chris estava enganado quando pensara que Jenny não o tinha visto ao sair do chalé com Barry. Ela o vira, mas tinha sido como ver um fantasma. Ele parecera estar lá apenas por uma fração de segundo e a surpresa fora tão grande, acontecendo logo depois que ela pensara nele, que mal conseguia respirar; mas tinha sido o suficiente para que ela percebesse a raiva, o ressentimento e a perplexidade na expressão do rosto dele antes que se afastasse. Um momento antes, aquele sentimento súbito de felicidade inexplicada, como uma bênção; e agora, como uma maldição, aquela aparição.

Jenny não dissera nada a respeito daquilo para Barry. Ele estava imerso em suas próprias preocupações. Além disso, pensou ela, estava alegre e satisfeito demais para compreender.

Na manhã seguinte, ele a levou para o chalé, como tinham combinado, parando para comprar mais barras de plástico para as cortinas, o suficiente para todas as janelas e algumas cortinas prontas. Mais tarde, durante o dia, disse Barry, ele traria a tinta. Ela

descobriu que gostava do silêncio da floresta; ficara receosa de que fosse achá-lo opressivo, mas sentia-se segura entre as árvores ensolaradas, cercada pela vida secreta e inocente de passarinhos e insetos. Na hora do almoço (uma lata de cerveja tirada da geladeira, um saco de batatas fritas, uma barra de chocolate), ela seguiu pelo caminho que descia até o canal e ficou extremamente surpreendida ao ver não apenas uma garça, que reconheceu, mas também um pequeno animal marrom nadando ao longo da margem e embicando de focinho dentro de um túnel. Havia um mundo inteiro ali. Que estranho ter demorado tanto para perceber isso!

Naquela tarde, Barry voltou com a tinta e os pincéis, e ela começou a pintar as placas do revestimento de gesso. Ele estava certo ao dizer que iria precisar de várias mãos; a tinta desaparecia imediatamente na superfície porosa. Apesar disso, secava depressa.

Quando ele veio buscá-la para levá-la em casa, disse:

— Aquele último pedaço do revestimento de gesso vai estar colocado amanhã.

Ah, antes que eu me esqueça, será que você está livre esta noite para ficar de babá?

— Tudo bem — respondeu ela. — Não tenho nada para fazer.

— Sue tem uma aula à noite. Normalmente, estou em casa, mas tenho que ir a Abingdon encontrar um sujeito para falar a respeito de um cenário. Eles estão montando uma peça por lá e já alugaram uma parte de nosso equipamento, e tive uma idéia sobre um trabalho muito maior. Existe um mercado fantástico, Jenny. Uma procura inacreditável. Não só para peças e coisas assim, mas também grupos de teatro. Podemos ajudar as pessoas a pensar grande em todo tipo de coisas, sabe, festas, casamento, discotecas... Por que não fazer uma festa na lua, hein? Ou uma discoteca no Grande Canal de Veneza? O céu é o limite! Cenários prontos pintados, iluminação, decoração de ambiente, tudo. Nada desse negócio de dançar apenas com uma luz estroboscópica ou uma bola espelhada; vamos dar asas à imaginação! Poderíamos ter uma grande variedade de escolhas, tudo pronto só para montar! E... tendas, lamparinas, efeitos especiais, tudo o que você quisesse...

Enquanto a levava para casa, Barry desenvolveu e explicou melhor a idéia, até parecer que o mundo inteiro estava implorando que ele o cobrisse de lona e fantasia, enquanto sem fazer esforço ele ficava cada vez mais rico, à medida que sua imaginação ia brotando.

Barry já tinha saído, quando Jenny chegou à sua casa para ficar com Sean. Ele estava no banho e Jenny sentou-se na cozinha para conversar com Sue.

— Barry estava me falando sobre sua idéia de criação de cenários — comentou ela.

Sue revirou os olhos para o alto.

— Você pode imaginar alguém pagando uma fortuna para se casar numa imitação da Praça Vermelha ou do Grande Cânion? — perguntou ela. — Eu não sei, às vezes acho que ele é meio maluco.

— Talvez não para se casar, mas poderia ser divertido numa festa — argumentou Jenny. — Depende de quanto vai custar. Mas imagino que haja um bocado de gente com dinheiro. — Ela estava pensando em Piers e em seus amigos, embora, de alguma forma, não conseguisse imaginar aquele tipo de gente pagando por aquele tipo de coisa.

— Bem — concordou Sue. — Ele parece estar indo bem, quero dizer, financeiramente, sabe, com a firma. Pensei que fosse ser um negócio arriscado quando viemos para cá, mas ele parece sempre conseguir ganhar dinheiro. Na verdade, acho que não posso reclamar.

— Quem me dera ter uma sorte dessas.

— Pois é. — Sue deu uma risada. — É verdade.

— Aonde você vai esta noite? Caso eu precise, sabe como é...

— Ah. Hoje tem uma aula noturna. Eu não deveria ir, na verdade, deveria me concentrar nos trabalhos da Universidade Aberta, mas esse curso de certa maneira complementa. O número está na lista no bloco ao lado do telefone.

— A respeito de que é a aula?

— Mulheres novelistas do século XIX. Sinceramente, Jenny, eu me sinto como a personagem do filme O despertar de Rita, estou aprendendo tanta coisa; a cada dia que passa, o mundo fica maior.

— Eles têm cursos sobre animais e pássaros, insetos e coisas desse tipo?

— Devem ter. Tome, este é o programa dos cursos. — Ela pegou um livrinho numa prateleira em cima da geladeira.

— E qualquer pessoa pode fazer?

— Qualquer pessoa. E há tanta coisa para aprender! Bem, deixa eu subir para tirar Sean desse banho.

Enquanto Sue estava no segundo andar, Jenny folheou o livrinho. Era verdade: havia uma enorme quantidade de coisas que se podia aprender, se você realmente quisesse, e você podia escolher o que quisesse... Ela se lembrou de Chris animando-a a

fazer os exames, o supletivo e ir para a universidade. Afinal, talvez houvesse um meio.

— Como está indo o trabalho no barracão? — perguntou Sue, entrando para apanhar seus livros antes de sair. — Ah, eu sei a respeito disso, não fique surpreendida, embora não deva e ainda não tenha visto o lugar, por isso nem sei onde fica. Mas você conhece Barry, ele não consegue guardar um segredo.

— Ah, está... eu estive pintando... Tem uma parte da parede que ainda falta levar o acabamento. — Será que Sue sabia a respeito do homem, o tal Carson, ou não? Será que pensava que o chalé fosse apenas um barracão na floresta? Jenny ficou insegura, sem saber o que dizer, de modo que mal ouviu o que Sue disse em seguida.

— Barry disse que o Chris vai acabar de fazer isso esta noite. Disse que vai até lá para dar uma olhada mais tarde, por isso, acho que devo chegar em casa antes dele. O Sean está se aprontando para ir para a cama. Ele leva horas, não sei como consegue demorar tanto. Então está tudo bem com você? Quer tomar alguma coisa? Café, leite —

— Desculpe — interrompeu Jenny. — Você disse Chris?

— Chris, sim, um bom garoto. Ele está trabalhando para Barry durante as férias.

— Ele é... — Jenny mal conseguia falar. — Ele é alto, com cabelos crespos, meio louros, mas mais para o escuro?

— É. E é tímido. Bonito. Você conhece o Chris?

— Conheço. Acho que conheço. Se for o mesmo que estou pensando. Eu o conheci e... e depois perdemos o contato, porque eu não sabia qual era o sobrenome dele, nem onde morava e tive que sair do lugar onde eu estava... Ah, meu Deus, mal consigo acreditar.

Sue a olhava com curiosidade ou compaixão, ou como se estivesse contente por ela; mas Jenny sabia que Sue estava preocupada com a aula, de modo que se levantou e empurrou as chaves para a mão dela.

— Ande, trate de ir, senão vai se atrasar!

— Jenny, o que foi? Você está chorando —

— Não estou! Juro!

— Bem, então diga o que foi, querida?

— É só que eu pensei que nunca mais iria voltar a vê-lo e de repente... — Ela deu de ombros, sorrindo, esfregando os olhos. — Eu tinha imaginado. Eu de certa forma sabia... mas não pensei que realmente... Ah, pode ir, estou bem. Você vai se atrasar; não perca a sua aula.

Relutante, intrigada, Sue abriu a porta para sair, mas então se lembrou de outra

coisa.

— Ah, eu sei lá, a vida é tão complicada. Escute, se o telefone tocar, deixe tocar, não atenda. Barry comprou uma secretária eletrônica. Apenas deixe a máquina atender. Eu nem sei, é uma daquelas coisas de homens e seus brinquedos... Vejo você mais tarde.

Jenny acenou se despedindo da porta, enquanto o ônibus amarelo virava na curva. Então tornou a entrar na casa, fechou a porta e, batendo palmas, deu um pulinho involuntário de felicidade. Mas quase que imediatamente a expressão no rosto de Chris voltou à sua memória. Ele a tinha visto sair do chalé com Barry. Não poderia ter pensado... Jenny corou até a raiz dos cabelos.

Apesar disso, ele estaria trabalhando lá naquela mesma noite. E Barry saberia qual era o endereço dele. Ela poderia entrar em contato com ele. Poderia explicar tudo. Ficaria tudo bem.

Sean chamou do andar de cima. Jenny tentou clarear a cabeça para a partida de xadrez que ele, com certeza, pediria para jogar, e se levantou. Ela não conseguia parar de sorrir.

Chris não conseguia parar de tremer. Quando chegara em casa, sua mãe lhe perguntou se estava se sentindo bem, será que estava ficando resfriado? Deu uma resposta rápida e brusca qualquer e 30 segundos depois não conseguia mais se lembrar do que tinha dito a ela. Mike Fairfax lia o jornal sentado à mesa da cozinha, com uma expressão contrariada. De repente, Chris não conseguiu mais suportar ficar em casa.

— Eu vou sair — anunciou. — Vou visitar o papai.

Ele disse isso porque sabia que os abalaria. Na verdade, não queria ver ninguém. Verificou os pneus da bicicleta e saiu para dar uma volta pela ciclovias, pedalando depressa, de cabeça baixa, até chegar a Hinksey Hill, no sul, onde saiu da pista e subiu até seus músculos queimarem e seus pulmões doerem. Mas a colina não era grande o suficiente. Ele precisava de montanhas. Pedalou mais um quilômetro e meio, em direção a Boars Hill, descendo pelo outro lado, depois fez meia-volta e pedalou duro subindo a encosta mais uma vez. Subiu e desceu pedalando, seis vezes no total, até a dor em seus músculos ficar realmente desconfortável; e então ele se atirou na longa descida da Hinksey Hill, o longo percurso em curva para baixo entre as árvores, com visões de relance da cidade sob a luz do sol do anoitecer, e saiu para o grande entroncamento que unia a estrada principal para Abingdon e o sul. Não tocou nos freios nem uma vez, mas não era imprudência — era desespero.

E nada aconteceu. O tráfego estava tranqüilo. A bicicleta seguiu sem precisar de impulso na saída do entroncamento, gradualmente perdendo velocidade, até parar junto da loja da Volkswagen ao lado do Park-and-Ride. A noite estava calma e quente; parecia não pertencer a Oxford e sim a algum outro lugar mais ao sul, no Mediterrâneo, e a uma outra época.

Chris desejou que estivesse naquele outro lugar ou em qualquer outro lugar onde as coisas fossem mais simples.

Enquanto pedalava cansadamente em direção à cidade, se deu conta de que não tinha pensado nem uma vez em Jenny desde a hora do almoço. Talvez isso fosse parte do preço a respeito do qual Fletcher havia falado.

Estava começando a escurecer quando ele chegou ao centro da cidade, pouco depois das nove horas. O lugar enxameava de estudantes estrangeiros, circulando entre os pubs e as lanchonetes, ou simplesmente andando a esmo em grupos entediados, fumando, olhando fixamente para as coisas. Chris pedalou devagar pela Broad Street, passando pelas vitrines acesas das livrarias e pela massa sombria de pedras da biblioteca Bodleian na esquina, e virou à esquerda, na direção de casa.

Mas alguém chamou seu nome do pub do outro lado da rua. Havia gente sentada na calçada e de pé do lado de fora, com seus copos de cerveja; havia uma montanha de gente lá dentro, visível pela janela bem iluminada. Quem era?

— Chris! — Era Dave, chamando da porta de entrada.

Chris desmontou da bicicleta e atravessou a rua andando com ela ao lado. Dave estava com um grupo de meia dúzia de amigos, e com a mesma expressão que eles: alegre e ligeiramente bêbada.

— E aí, tudo bem? — disse Chris, satisfeito por ter um motivo para não ir para casa.

— Venha tomar alguma coisa. O que você vai querer?

Chris ainda não tinha idade para tomar bebidas alcoólicas em pubs, mas aparentava ter. Ele aceitou uma caneca de chope e sentou-se com eles, ligeiramente curioso para ver como eram os amigos de alguém que ele conhecia do trabalho. Não conversara muito com Dave desde o dia da briga com Piers; não tiveram chance. Mas gostava dele, e era bastante agradável sentar ali na calçada ainda quente, com música vindo do pub às suas costas e o bando de rapazes e moças por toda parte ao redor.

Uma das garotas perguntou a ele:

— Foi você que brigou na Oxford Union?

Chris ficou satisfeito por estar escurecendo, porque a pergunta o fez corar.

— É, fui eu. Acho que sim. Por acaso está escrito na minha testa, ou coisa parecida?

— Não! Dave nos contou. Incrível. Molly, escute. Ele é o cara daquela briga, você lembra?

— Ah, já sei! — respondeu outra garota, olhando para Chris como se ele fosse uma celebridade. — Caramba!

Chris olhou para Dave, que levantou o copo, sorrindo.

— Hoje em Oxford Union, amanhã em Las Vegas — comentou.

— Com quem estava brigando? — perguntou a primeira garota. — E por que foi a briga?

— Foi pura Riria animal — disse Dave, antes que Chris pudesse responder. — Não houve nenhum motivo. O temperamento deste rapaz, senhoras e senhores, é selvagem e indomado. Ele tem os instintos da pantera combinados com a força do macaco antropóide gigante. Se não for provocado, é a docilidade em pessoa; mas se você transgredir a lei da selva, ele saltará em cima de você num piscar de olhos, rugindo, uma massa de músculos de aço —

— Ah, Dave, pare com isso — disse a segunda garota. — Só porque você é molenga demais para se meter numa briga...

— Eu sou o empresário dele! Não sou nenhum molenga! Tenho um charuto realmente bem grande, veja, está em algum lugar...

Enquanto os outros riam de Dave, a primeira garota disse em voz baixa:

— Desculpe, não tive a intenção de deixar você envergonhado.

Ela era bonitinha. Ele bem que teria gostado de conversar com ela, mas o tempo para isso havia passado.

— Não tem problema — respondeu. — Imagino que, realmente, tenha sido engraçado. Apenas cometi um erro.

— Como assim, você pensou que estivesse brigando com outra pessoa?

— Mais ou menos isso. Eu mesmo já esqueci. Não tenho o hábito de andar por aí me metendo em brigas.

— Acho que eu nunca vi uma briga — comentou ela. — Não uma briga de verdade. Não estou falando de lutas de boxe.

— Não havia brigas na sua escola?

— Frequentei uma escola só para moças muito, mas muito metida a besta. Não

tínhamos permissão para brigar. Papai não teria pago a conta colossal, se voltássemos para casa cobertas de machucados, de olho preto e coisas assim. O máximo que podíamos fazer era cortar umas às outras em pedacinhos com sarcasmo afiado como gilete.

— É um dom útil — comentou Chris. — Eu nunca consigo pensar na coisa certa a dizer até cerca de uma semana depois.

— Por isso, usa os punhos. Olha, não dê atenção a Dave. Ele está bêbado.

O próprio Dave disse a mesma coisa 20 minutos depois, quando Chris levantou a cabeça e deu com ele parado a mais ou menos uns 30 centímetros dele.

— Olhe, Christopher — disse, falando cuidadosa e claramente. — Quero me desculpar por ter discutido seus problemas pessoais com esse bando infeliz de esbanjadores e matracas tagarelas. Mas é que estou completamente bêbado. Hoje é meu aniversário. Não tinha te contado? Não são muitas pessoas que conseguem dizer "esbanjadores" e "matracas tagarelas" no dia de seu aniversário. Quero dizer, quando estão bêbadas. Então eu... o que era mesmo que eu estava dizendo?

— Você estava falando de mim e daquela briga idiota. Mas olhe, esqueça isso, pelo amor de Deus.

— É claro. Já está esquecido. O que está esquecido? Eu não sei, eu já esqueci.

— Está certo, olhe, eu tenho que ir. Obrigado pela cerveja. Feliz aniversário.

— Ah, não vá, não vá embora. Você se divertiu com o homem no carro, o do Mercedes branco? Como é mesmo o nome dele? Carson.

Tudo parou naquele instante. Por um ou dois segundos houve um silêncio absoluto. Então Chris sentiu seus joelhos se dobrarem e se agarrou em Dave para se apoiar.

— O que você disse? — ele se ouviu sussurrar. — O nome dele... qual era?

— Carson — respondeu Dave. — Ele estava rondando por lá ontem, procurando por Barry. Disse que era contador. Pensei que estivesse atrás dele por causa de impostos ou coisa parecida. De brincadeira, disse a ele que Barry devia estar em seu esconderijo. Então ele disse: "Onde fica esse esconderijo? Eu vou até lá fazer uma surpresa para ele." Eu disse que não sabia. Falei pra perguntar a você. "Chris é o garoto que você quer", disse a ele. "O Chris vai saber lhe dizer..."

Chris não conseguiu ouvir mais nada. Sentia-se como se estivesse sendo queimado numa fogueira: o rugido das chamas, uma terrível fraqueza nas pernas... Que horas eram? Abrindo caminho à força, ele entrou para olhar o relógio na parede, em meio

à fumaça de cigarro. O relógio marcava nove e meia. E Fletcher — Carson — dissera às dez, faça com que Barry esteja lá às dez. Chris nunca se sentira tão impotente.

A primeira garota, cujo nome ele ainda não sabia, perguntou:

— Você está bem? Que foi que houve?

— Tenho que encontrar um telefone. Tem um telefone aqui neste lugar? Ah, meu Deus, estou sem nenhum dinheiro —

— Eu tenho um cartão telefônico — respondeu ela. — Use o meu emprestado, se precisar. Venha, vou ajudar você; não parece muito em condições de...

Os dois estavam bem juntos no bar lotado, cheio de fumaça, cercados por rapazes e moças que gritavam para se fazer ouvir. Dave e o resto de seus amigos estavam lá fora. Chris tentou se controlar.

— Escute, você pode fazer uma coisa para mim? Será que pode dar um telefonema? Acabei de ouvir o Dave dizer uma coisa, e vou ter que avisar uma pessoa. Você pode dar este telefonema?

— Posso, claro. É só me dizer...

Ela pegou um lápis na bolsa, Chris escreveu o número.

— Não sei quem vai estar lá. Provavelmente vai ser a mulher dele. Não tem importância, diga apenas que Carson está a caminho do chalé agora, neste momento, e para ele, pelo amor de Deus, ficar longe do chalé. Entendeu isso?

— Pelo amor de Deus fique longe do chalé, porque Carson está a caminho de lá agora, neste momento.

— É isso mesmo, certo —

— Ei, espere! Para quem estou ligando? Qual é o nome dele?

— Miller. Barry Miller. Tenho de correr...

Enquanto ele ia saindo, abrindo caminho com dificuldade em meio à multidão na calçada, a garota o observou confusa e virou-se para ir procurar um telefone.

Jenny tinha jogado xadrez com Sean e perdido. Ela lhe contou sobre o pequeno animal que vira no rio e Sean lhe dissera que provavelmente era um rato silvestre ou rato d'água; Sean até encontrara uma fotografia de um em sua enciclopédia. E, enquanto ele aproveitava seus últimos dez minutos de tempo de leitura, ela levou o volume para a cozinha para folheá-lo, enquanto tomava um café.

O tempo todo, subjacente a tudo que ela fazia e pensava e sentia, estava a consciência de que Chris estava lá no chalé, que estava lá agora, naquele momento, e que dali a pouco Sue estaria em casa e ela poderia pegar emprestada a bicicleta de Sue

e ir para lá antes que Barry voltasse, e encontrar Chris e tudo estaria consertado.

O sentimento era tão forte, a perspectiva de felicidade tão certa, que dessa vez ela não hesitou em abraçar Sean e beijá-lo quando lhe deu boa-noite. Era apenas afeto, carinho. Agora não havia mal algum em ter afeto por alguém.

Enquanto punha a água fervendo na xícara de café, o telefone tocou. Levantou-se de um salto e correu para o corredor, até que se lembrou de que Sue lhe dissera para não atender. Jenny alcançou o telefone no instante em que a secretária eletrônica atendeu. Ouviu quando a fita cassete começou a girar com um clique e a voz de uma garota falou.

— Ah, meu Deus, eu detesto essas máquinas. Escute, tenho um recado para uma pessoa chamada Barry Miller, OK, só um instante...

Havia muito barulho no lugar onde ela estava. Parecia que a pessoa no telefone estava numa festa. Ela prosseguiu:

— Desculpe. Tinha uma pessoa me atrapalhando. O recado é: Carson está a caminho do chalé agora, neste instante. Não vá para lá, pelo amor de Deus. Acho que era isso. Desculpe, mas não sei o nome dele, do rapaz que me pediu para telefonar. Ele estava com pressa. OK? É isso. Tchau.

O telefone foi desligado do outro lado e depois de alguns segundos a fita cassete parou de girar.

Uma parte da cabeça de Jenny estava pensando: então é assim que uma secretária eletrônica funciona. A outra parte estava tomada pela imagem horrorosa de um corpo pendurado em um gancho com a garganta cortada: o destino grotesco de gente metida com gangues na história que Barry lhe contara: a morte que Carson reservava a seus rivais.

E Chris estava lá no chalé.

— Ah, Deus — ela disse baixinho, olhando para o alto da escada, para a luz acesa no patamar e a porta entreaberta do quarto de Sean. Não podia deixá-lo sozinho; a tarefa de cuidar dele lhe havia sido confiada. Mas, certamente, dentro de pouco tempo Sue estaria de volta, e enquanto isso...

Ela se obrigou a sair do corredor e correu para a cozinha. Será que deveria deixar um bilhete? Demoraria tempo demais. Na pequena garagem estreita, ao lado de um carrinho de mão, de uma grande caixa de ferramentas Black & Decker e de um amontoado de brinquedos de Sean, estava a bicicleta de Sue. Menos de um minuto depois de o telefone ter tocado pela primeira vez, Jenny estava seguindo a toda

velocidade pela estrada para Oxford, de pé na bicicleta, pedalando o mais depressa que podia.

A medida que chegava mais perto de sua própria casa, Chris reduziu a velocidade. O que ele estava fazendo? Para onde estava indo? Havia sido enganado, fora fácil e completamente enganado por alguém que sabia exatamente quais os argumentos que ele ouviria. Chris nunca imaginara que pudesse ser tão estúpido, tão ingênuo. Mas o que iria fazer a respeito disso?

Ele parou e levou a bicicleta para a calçada, empurrando-a enquanto tentava botar ordem na terrível confusão em que estavam seus pensamentos.

Primeiro, até que ponto achava que a história de Barry era verdadeira? Será que era realmente provável que Carson, ou Fletcher, fosse matá-lo? Impossível responder. Ouvira os dois; um deles devia estar mentindo. Mas por acaso Fletcher, ou Carson, tinha cara de ser assassino? Ou por acaso Barry tinha cara de ser terrorista? Tudo parecia igualmente irreal, improvável e indigno de confiança.

E segundo, insistentemente: O que ele iria fazer a respeito daquilo? Correr para lá na bicicleta... e então fazer o quê? Será que não deveria chamar a polícia?

Estava na esquina de sua rua. A apenas 90 metros de distância estava sua casa, sua mãe e Mike; e embora Mike fosse um fraco, ele não era um idiota. Chris nunca havia precisado tanto de um bom conselho de alguém.

Deixou a bicicleta ao lado da porta dos fundos e entrou. A cozinha estava às escuras, mas a televisão estava ligada na sala. Ele parou por um instante no corredor, inseguro, e então voltou para o telefone na cozinha. Pelo menos poderia ligar para a casa de Barry e se certificar de que a garota tivesse dado o recado.

O telefone tocou duas vezes e então veio o clique de uma secretária eletrônica. O coração dele se contraiu.

— Alô. Aqui é Barry Miller falando. Não estou em casa no momento, mas por favor —

Então a mensagem foi interrompida. Uma voz de mulher, aflita, atendeu:

— Alô? Quem fala? É Barry?

Ele não sabia quem estava falando, porque a mulher parecia tão apavorada, mas então reconheceu a voz de Sue.

— Não, sou eu, o Chris. Escute, o Barry —

— Onde você está? Onde está Barry? O que está acontecendo?

— Ela telefonou e deu o meu recado? A garota?

— Sim... sobre Carson. Ah, meu Deus, eu acabei de chegar em casa e Jenny não está aqui. Ela deve ter —

— Jenny?

— Ela estava cuidando de Sean —

— Mas que diabo, Jenny?

— Ela deve ter ouvido o recado e... ah, meu Deus, Barry deve ter contado a ela sobre Carson, e ela sabia que você estava no chalé. É para lá que ela —

— Mas não estou lá! Eu não fui para lá! Acabei de descobrir isso sobre Carson e... Mas que está querendo dizer com essa história a respeito de Jenny?

— Ela estava aqui. Ela não sabia nada a respeito de você, que você trabalhava para Barry. Ficou tão contente quando lhe contei, ela pensou que você estivesse no chalé esta noite terminando o trabalho naquela parede, porque foi isso o que Barry me disse e, quando contei a ela, ficou como uma criança com um presente de Natal. Você precisava ver, ela ficou tão feliz que começou a chorar, coitada da menina. Ah, meu Deus, ela deve ter ouvido o recado na fita e foi para lá avisar você! Ah, Deus nos ajude! Pensei que tudo isso estivesse acabado, Chris. Aquele canalha daquele Carson e seus irmãos, eu queria que todos eles estivessem ardendo no quinto dos infernos... E onde está Barry? Ele vai chegar lá dentro de dez minutos. O que eu posso fazer?

Chris se pegou dizendo:

— Ligue para a polícia. Eu vou procurar o Barry. Avisar para ele não ir.

Sue estava chorando, mas Chris não podia consolá-la. Jenny estava lá. Não era verdade que estivesse andando com Barry. E Carson estava a caminho do chalé.

Chris correu para a porta dos fundos no instante em que sua mãe entrou na cozinha.

— Chris! O que está havendo? Por que todo esse pânico?

Ele tentou falar, mas se viu incapaz, então deu de ombros e saiu correndo para a bicicleta, montou nela voando e começou a pedalar como um demônio.

Cinco minutos depois, ele estava na entrada para a trilha na floresta. O terreno era ruim demais para continuar pedalando, de modo que escondeu a bicicleta nos arbustos e continuou a pé.

Depois de alguns metros, a trilha dobrava para a esquerda e o clarão da luz do poste na estrada mais atrás logo foi engolido pelas sombras. Agora, apenas a lua brilhava. Chris meio que andou, meio que correu pela trilha esburacada, cheia de sulcos, levantando nuvens de poeira da superfície seca. O emaranhado confuso das sombras, o

prateado inconstante e o negro traçoeiro trouxeram a presença de Jenny com mais intensidade do que qualquer outra coisa desde que eles tinham se visto pela última vez; era exatamente como a luz entre as árvores à beira do lago na noite em que tinham se conhecido.

Ele parou para recuperar o fôlego; os músculos, depois do duro percurso que havia feito antes naquela noite, estavam protestando.

— Jenny — disse baixinho. — Jenny!

Em algum lugar ali perto, um pássaro cantava na escuridão, trinados e gorjeios de uma riqueza imortal. Chris pensou que Jenny talvez pudesse estar perto o bastante para ouvi-lo também. Se ele gritasse...

Respirou fundo, mas prendeu o ar, quando alguma coisa lhe apertou o coração.

O mais extraordinário dos sons estava vindo de trás dele, na trilha, uma espécie de ruído, de rosnado baixo, triturante, como se feito por algum animal medonho.

Ele se virou, agarrando-se ao tronco de árvore mais próximo e o viu.

Era claro e imenso. Como uma lesma cega, vinha abrindo seu caminho à força pela trilha, esmagando as pedras, empurrando para os lados urtigas e partindo galhos, a pele lisa, branca e horrenda. Chris quase desmaiou de medo. Só depois que passou foi que ele viu direito o que era: o Mercedes branco com os faróis apagados, o motor mal ronronando. Ele sentiu a náusea do pânico terrível ceder lugar à vergonha, então, de novo a um pânico ainda maior. E então o carro havia passado e saído de vista, e aquele abominável triturar de pneus sobre pedras soltas que tudo devorava já se tornara apagado.

Ele correu adiante, atrás do carro. A clareira não estava longe. Se gritasse, ela o ouviria, mas estava com medo, estava tão dominado pelo medo, que mal conseguia respirar. Ele pensou: Carson não vai matá-la; ele verá que é uma garota e não fará nada com ela. Assim que ele vir quem é...

Chris viu o reluzir pálido do carro em meio às árvores mais adiante. Estava parado na beira da clareira, todas as luzes ainda apagadas e, quando se aproximou mais do carro, viu que a porta do motorista estava aberta. Não havia ninguém dentro. Tudo estava mergulhado na escuridão, inclusive o chalé.

A luz!

O sistema maluco e complicado de Barry — eles ainda não tinham instalado o detector infravermelho e ela poderia não ter conseguido encontrar o interruptor —

De repente ele gritou: — Jenny! — com toda a força de seu corpo e, no mesmo

momento, houve a explosão do disparo de uma arma, apavorante, assustadoramente alto.

Chris estava agarrando a porta do carro. Um vulto saiu do chalé escuro e se encaminhou diretamente para ele. Parecia trazer consigo ondas de pura perversidade, como o ar frio que flui da porta aberta de um congelador. O coração de Chris se acovardou; ele se ouviu choramingar. Fletcher — Carson — parou diante do capô do carro e acendeu um fósforo. A pequena chama, mantida na altura de seu peito, iluminava-lhe o rosto como um fogo infernal. A expressão dele não era humana. Chris recuou, se encolhendo, de puro terror mudo.

— Eu avisei a você que ficasse longe daqui, Chris — sussurrou Carson. — Isto não é lugar para uma pessoa inocente. Isto é o fundo do inferno. Ninguém destrói meus irmãos. Isso é imperdoável, é imperdoável fazer isso com uma família. Especialmente com a minha. Você compreende, eu sou um demônio. Eu sou um assassino. Eu sou o anjo da morte.

Seus olhos impenetráveis examinaram a alma de Chris até que o fósforo se apagou. Então ele entrou no carro e, sem nenhuma pressa, deu partida no motor. Deu marcha a ré e manobrou para entrar na trilha estreita antes de seguir silenciosamente de volta para a escuridão.

O luar banhava a clareira. As janelas do chalé estavam cobertas por cortinas e a porta estava aberta. Chris, quase desmaiando de medo, estava consciente apenas de uma espécie de grandioso horror. As colunas retorcidas das árvores, a pesada ramagem das copas acima e, sobretudo, o silêncio daquela porta aberta lhe impunham um enorme temor. Carson estivera certo ao sussurrar. Chris sentia que, se ao menos conseguisse permanecer imóvel e em silêncio, poderia manter o que houvesse de realmente pior a distância. Mal ousava respirar.

Então, não de Wolvercote, mas da direção oposta, ele ouviu o som de um motor diferente e viu faróis bruxuleando em meio às árvores. Ele não havia se dado conta de que existia um outro caminho pela floresta. Chris queria puxar a escuridão ao seu redor, se embrulhar nela e se esconder, mas era tarde demais, pois o furgão havia chegado à clareira e parado. A luz dos faróis batendo nas árvores era forte e terrível.

Barry Miller, vestindo uma camisa pólo e calções brancos, os cabelos desalinhados, saltou e gritou alegremente:

— Tudo bem, Chris! Você tinha desistido, não é? Eu me atrasei no pub. Olhe, escute, eu tenho uma surpresa para você. Nós vamos... O que foi? Que foi que

aconteceu?

No clarão intenso dos faróis o chalé parecia mais assustador do que qualquer outra coisa no mundo. Com um grito, Chris correu trôpego para aquela medonha porta aberta.

Ele a alcançou pouco antes de Barry, entrou tateando, abaixou-se ao lado do relógio de eletricidade em busca do interruptor. Quando a luz se acendeu brilhante, teve que cobrir os olhos porque ficou claro demais e havia tanto sangue.

Jenny estava deitada na cama. Ela tinha se coberto com o edredom, e apenas seus pés estavam visíveis, um cruzado debaixo do outro. Ela estava deitada de lado virada para a parede. Não tinha morrido imediatamente, apesar do número de balas que a haviam acertado, porque tivera tempo de escrever alguma coisa na parede recém-pintada com um dedo molhado em seu próprio sangue. A palavra escrita estava borrada e trêmula, mas era inconfundível: Papai.

— Ele nunca... — sussurrou Barry. — Carson? Mas por que...

— A luz — disse Chris, com a voz de uma outra pessoa. — Ela não sabia onde ficava o interruptor. No escuro, ele não tinha como saber —

— Ah, Deus do céu.

— Vá chamar a polícia — disse Chris.

Barry engoliu em seco, assentiu, se virou, então disse:

— Ela está... Você tem certeza de que ela...

— Polícia, médico, chame todo mundo. Apenas ligue para a emergência.

— Está certo. Está certo.

Chris esperou, agarrado à porta, até que os faróis do furgão desapareceram em meio às árvores. Então apagou a luz com a mão trêmula e sentou-se na cama ao lado de Jenny. Ele tinha tanta coisa para dizer a ela, mas o horror o dominou e se afastou dela, da borboleta tatuada, daquele corpo querido que ele amara tanto. E que havia traído.

Então ele soube o que tinha de fazer a seguir. A náusea se apoderou dele e quase vomitou; um suor frio banhou seu rosto, mas Chris se controlou. Não havia escolha. Ele tinha que fazer uma reparação. Sobre a mesa estava o canivete do exército suíço. O gume da lâmina afiada estava muito claro em sua mente e o peso dele em sua mão, e a retidão, a correção do que ele tinha de fazer. Abriu o canivete e o levantou duas vezes, mas a cada vez a coragem lhe faltou e a náusea em sua garganta se transformou em soluços, de modo que quando eles chegaram e o encontraram ali, pensaram que estivesse chorando por Jenny.

Capítulo Catorze

Carson nunca foi encontrado. Dois dias depois da morte de Jenny, a polícia descobriu o Mercedes branco em um estacionamento do Aeroporto de Heathrow. Se ele deixara o país, não foi usando seu próprio nome e poderia ter ido para qualquer lugar do mundo.

Inevitavelmente, a verdade sobre o dinheiro roubado veio à tona. Não restava mais quase nada dele. Barry usara uma parte para comprar o negócio, e a maior parte do que sobrara, para subsidiá-lo, uma vez que a Oxford Entertainment Systems vinha sistematicamente dando prejuízo. A inquietude de Sue havia sido bem fundamentada. Ela havia acreditado em Barry quando ele lhe dissera que não sabia onde o dinheiro tinha ido parar, que os Carsons deveriam tê-lo escondido durante todo aquele tempo. O choque de descobrir que seu marido era um mentiroso e um ladrão, e que a vida deles fora um castelo construído na areia, tinha sido difícil de suportar. Barry foi condenado a seis anos de prisão. Sue e Sean deixaram a casa em Kidlington; Chris não sabia para onde tinham ido, porque nunca mais voltou a vê-los.

Durante as semanas e meses que se seguiram, a vida de Chris ficou congelada numa tundra de vergonha. Em sua solidão, ele com frequência pensava sobre o que Carson lhe dissera enquanto estavam sentados no Mercedes branco, a respeito da inocência, a respeito do bem e do mal. Era muito estranho. Carson apelara à parte mais nobre de seus sentimentos, não à parte mais vil, e, embora a sabedoria do que ele dissera viesse da língua de um mentiroso, ainda era a mais verdadeira sabedoria que Chris jamais ouvira. Ele sabia que viveria com ela por muito tempo, talvez por sua vida inteira, até que se tornasse uma parte de seu próprio ser. Ele talvez nunca mais encontrasse nada de mais verdadeiro.

Chris também tinha adquirido um outro tipo de sabedoria. Naquele momento no chalé, vira o que poucas pessoas algum dia vêem: os limites de sua própria natureza. Ao contrário de todo mundo ao seu redor, ele sabia precisamente o quanto era tolo, com que facilidade se deixava enganar; sabia precisamente em que medida tinha medo da dor; quanto era desprezível; e que em um momento como aquele podia chorar por si mesmo, mas não por Jenny. Um conhecimento desse tipo era raro. Deixava uma marca em você. Seria difícil alguém voltar a enganá-lo.

Quanto a Jenny, houve um inquérito sobre as circunstâncias de sua morte. Os

pais dela foram localizados e Chris os observou enquanto assistiam à audiência, sentados atordoados no tribunal, os rostos atormentados, envelhecidos e esgotados. Ninguém conseguia compreender a importância da palavra que a filha deles havia escrito na parede, e o oficial responsável pela investigação, penalizado, não insistiu na questão. Será que ela tentara dizer que seu pai a matara? Teria ela confundido Carson com seu pai? Será que estivera tentando deixar uma mensagem para o pai? Era impossível saber.

Mas Chris tinha sua própria opinião. A idéia ocorreu-lhe quando viu o pai de Jenny cobrir o rosto no tribunal. Naquele momento Chris sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos e soube que finalmente estava chorando por Jenny; e compreendeu o significado da mensagem que ela tentara deixar. Ela amara seu pai e o quisera presente ali, em seus derradeiros momentos; estava pedindo ajuda. Chris compreendia. Sentiu-se grato por ela ter conseguido fazer aquilo; ele provavelmente teria feito o mesmo; era assim que uma família deveria ser. E aquilo foi um conforto para ele.